Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Renata de Almeida Oliveira

Educação e cultura:
um estudo de caso sobre a Festa Literária de Duque de Caxias na Festa de Santo Antônio

Duque de Caxias
2022

Renata de Almeida Oliveira

Educação e cultura:
um estudo de caso sobre a Festa Literária de Duque de Caxias na Festa de Santo Antônio

Dissertação apresentada, como requisito final para obtenção ao titulo de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado de Rio de Janeiro. Área de Concentração: Educação, Cultura e Comunicação em Periferias.

Orientador: Prof. Dr. Nielson Rosa Bezerra

Duque de Caxias

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/C

O48 Oliveira, Renata de Almeida
Tese Educação e cultura: um estudo de caso sobre a Festa Literária de Duque de Caxias na Festa de Santo Antônio / Renata de Almeida Oliveira - 2022.
99f.

Orientador: Nielson Rosa Bezerra

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Memória – Aspectos sociais - Teses. 2. Festas religiosas – Rio de Janeiro - Teses. I. Bezerra, Nielson Rosa. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título.

CDU 304.2(815.3)

Bibliotecária: Karla Belchior – CRB7/6126

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---------- ----------

Assinatura Data

Renata de Almeida Oliveira

Educação e cultura:

Um estudo de caso sobre a Festa Literária de Duque de Caxias na Festa de Santo Antônio

Dissertação apresentada como requisito final para obtenção do título de Mestre ao Programa de em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação, Cultura e Comunicação em Periferias

Aprovada em 24 de março de 2022.

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Nielson Rosa Bezerra (Orientador)
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

_____

Prof. Dr. Alexandre Ribeiro Neto
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

_____

Prof.ª. Dra. Eliana Laurentino
Instituto Federal do Rio de Janeiro

_____

Prof.ª Dra. Sabrina Dinola Gama Silva
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro

Duque de Caxias

2022

DEDICATÓRIA

Não farei uma longa dedicatória, pois os tempos sombrios que vivemos não nos permitem isso. Passamos mais da metade de nosso curso nos adaptando, vivendo incertezas que a cada dia pioram. Sendo assim, dedico este trabalho ao meu primo, meio irmão, Marcos Paulo de Almeida Fiorini, vítima da COVID-19, mesmo quando já poderíamos ter vacina para todos.

Marcos Paulo, PRESENTE!

AGRADECIMENTOS

Tempos difíceis. Tempos que questionamos Deus. Mas estamos aqui. Vivos. Estudando, trabalhando, como podemos. Ao invés de questionar, resolvi agradecer. Gratidão a Deus pela oportunidade de estar viva, com o ciclo completo de vacinas e pela oportunidade de estar escrevendo este trabalho, que foi bem mais difícil do que imaginei, com tantas dificuldades e dúvidas ao longo da trajetória, em um governo que nos deprime a cada dia. Cada morte nos afeta de uma maneira que nunca pensei, mas que está aqui. Estamos aqui.

Gratidão aos meus pais, Sirlene e Cecilio pelo apoio incondicional em minha trajetória acadêmica, mas sobretudo em minhas crises de choro por esse momento terrível. Ao meu irmão Rodrigo e minha cunhada Ivana por me darem meu maior presente: meu primeiro sobrinho e afilhado, Rafael. Um respiro de vida em meio a tantas notícias ruins.

Gratidão ao meu orientador Nielson Bezerra pela paciência, compreensão, apoio e diálogos que sempre me elevaram e não me fizeram desistir.

RESUMO

OLIVEIRA, Renata de Almeida. *Educação e cultura:* Um estudo de caso sobre a Festa Literária de Duque de Caxias na Festa de Santo Antônio. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2021.

Este trabalho tem por objetivo fazer uma análise acerca da Festa Literária de Duque de Caxias que aconteceu entre os anos de 2013 e 2016 no âmbito da Festa de Santo Antônio, uma das mais tradicionais festas populares da cidade, onde é homenageado o seu santo Padroeiro. O foco central são os agenciamentos sociais, econômicos e políticos que envolvem a realização anual da Festa de Santo Antônio, na cidade de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. A Festa Literária acontecia prioritariamente pela manhã e à tarde e tinha uma programação própria e extensa, com apresentações culturais, lançamentos de livros entre outros. Para a realização desta pesquisa, foi feito trabalho de campo entre os anos de 2013 e 2016, além de entrevistas com agentes culturais, devotos, organizadores da festa e agentes do poder público. No entanto, destaco que para este trabalho especificamente, o principal narrador foi o professor Antônio Carlos Oliveira, historiador, que foi Diretor da Biblioteca Leonel de Moura Brizola, obra de Oscar Niemeyer, localizada na Praça do Pacificador e que foi o idealizador da Festa Literária, trazendo além de informações sobre sua concepção, também questões sociais importantes que devem ser colocadas em evidência objetivando a valorização não apenas da Festa de Santo Antônio que é uma das principais da cidade, mas também, das culturas e dos agentes culturais da cidade. É substancial destacar a proposta de uma Festa acontecendo dentro de outra Festa, se fundindo, como uma forma de atrair olhares justamente objetivando sua valorização.

.

Palavras-chave: Festa de Santo Antônio. Festa Literária. Memória. Patrimônio. Educação.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Renata de Almeida. *Education and culture:* A case study on the Literary Festival of Duque de Caxias at the Festa de Santo Antônio. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2021.

This work aims to analyze the Literary Festival of Duque de Caxias that took place between 2013 and 2016 within the framework of the Festa de Santo Antônio, one of the most traditional popular festivals in the city, where its patron saint is honored. The central focus is the social, economic and political arrangements that involve the annual Festa de Santo Antônio, in the city of Duque de Caxias, Rio de Janeiro. The Literary Festival took place mainly in the morning and afternoon and had its own extensive program, with cultural presentations, book launches, among others. In order to carry out this research, fieldwork was carried out between 2013 and 2016, in addition to interviews with cultural agents, devotees, party organizers and government agents. However, I emphasize that for this work specifically, the main narrator was professor Antônio Carlos Oliveira, historian, who was Director of the Leonel de Moura Brizola Library, work of Oscar Niemeyer, located in Praça do Pacificador and who was the creator of the Literary Festival , bringing in addition to information about its conception, also important social issues that must be highlighted in order to value not only the Festa de Santo Antônio, which is one of the main festivals in the city, but also the cultures and cultural agents of the city. It is substantial to highlight the proposal of a Festival taking place within another Festival, merging, as a way of attracting attention precisely aiming at its appreciation.

Keywords: Santo Antônio´s Party. Literary´s Party. Memory. Heritage. Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1:	Divisão do Estado do Rio de Janeiro por regiões.....	17
Mapa 2:	Mapa da Baixada Fluminense - Estado do Rio de Janeiro.....	18
Figura 1	Apresentação da Cia Sol sem Dó em 23 de junho de 2016 (Retirada do Facebook da Festa Literária).....	81
Figura 2	Professor Antônio após uma atividade da programação da Festa Literária em 23 de junho de 2016 (Imagem retirada do Facebook da Festa Literária).....	82
Figura 3	Logo criada pelo Cartunista Ziraldo para a Festa de Santo Antônio.....	83
Figura 4	Divulgação da Festa Literária de 2016 (Retirada do Facebook da Festa Literária)	86

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9

1 **DUQUE DE CAXIAS: ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS** 17

1.1 **Duque de Caxias e a Baixada Fluminense** 17

1.2 **A emancipação da cidade de Duque de Caxias** 22

1.3 **Sociedade, Memória e Duque de Caxias** 27

1.4 **Comemorando a Cidade** 30

2 **O CULTO A SANTO ANTÔNIO EM DUQUE DE CAXIAS** 40

2.1 **A Festa de Santo Antônio e a cidade** 40

2.2 **Meu Santo Antônio eu vou fazer uma promessa** 44

2.3 **O Culto a Santo Antônio no Brasil** 48

2.4 **As Festas de Santos** 52

2.5 **A Construção do Padroeiro** 60

3 **A FESTA LITERÁRIA: EDUCAÇÃO E CULTURA NA FESTA DE SANTO ANTÔNIO** 72

3.1 **A idealização da Festa Literária** 72

3.2 **A construção da Festa Literária** 78

CONSIDERAÇÕES FINAIS 88

REFERÊNCIAS 94

INTRODUÇÃO

Eu decidi iniciar a introdução deste trabalho de trás pra frente. Considero substancial fazer uma apresentação da trajetória acadêmica, mas antes de mais nada, considero mais relevante ainda apresentar o que me levou, após já ter um Doutorado concluído, a fazer mais um Mestrado e, os motivos, são diversificados. O primeiro deles é o fato de considerar que a temática festas de santos é inesgotável e que minha Tese de Doutorado sobre a Festa de Santo Antônio em Duque de Caxias e em Lisboa deixaram ainda muitas possibilidades. O segundo está ligado ao meu lugar de fala. Nasci em Duque de Caxias, cidade a qual morei anos, trabalhei e tenho grandes relações. O terceiro está ligado a duas outras questões: minha identificação com o Programa de Pós-Graduação em Educação, Comunicação e Cultura em Periferias Urbanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, localizado em Duque de Caxias e o outro se dá uma necessidade de me aprofundar mais um pouco em questões ligadas a educação, bem como tornar o meu currículo mais competitivo na área, ampliando meu campo de atuação e possibilidade para concursos para ser professora universitária e pesquisadora, objetivo o qual tracei desde que iniciei essa jornada em 2006, como bolsista de Iniciação Científica.

Considero ainda substancial falar que este trabalho que eu considerei que seria leve de se fazer, tendo em vista o vasto material que eu havia armazenado em virtude da minha Tese, tomou rumos muito diferentes. O objeto inicial foi modificado visto que eu não teria como fazer uma pesquisa de campo complementar em virtude da pandemia da COVID-19. Optamos por trabalhar com a Festa Literária indo na crista da onda da cibercultura e trazer a cibercultura como um lugar de memória e toda esta discussão através da página da Festa Literária. Mas esta ideia também caiu após novas entrevistas com o professor Antônio Oliveira, idealizador da Festa Literária e que foi Diretor da Biblioteca Leonel de Moura Brizola durante os anos de 2013 à 2016, mesmos anos de realização da Festa Literária. O registro e análise de diversas questões por ele trazidas me pareceram bem mais instigantes e, de certa forma, além de diversos conflitos políticos e sociais que envolveram a Festa, apesar do sucesso (ou por causa do sucesso), a questão da cibercultura também esteve presente, também em forma de conflito: toda a gestão das redes sociais da Festa Literária era feita pelo professor Antônio, não tendo nenhum apoio da Comunicação da Prefeitura nesse sentido. Outro fato marcante foi a gestão que sucedeu o governo Alexandre Cardoso não tem interesse em assumir a página que está até hoje sob a gestão do professor Antônio que após um tempo

mudou o nome para Literatura Caxiense e faz postagens sobre a literatura da cidade. Agora sim, trarei minha trajetória acadêmica e questões sobre este trabalho de forma linear.

Em minha trajetória acadêmica e profissional sempre estive envolvida em questões referentes à memória, patrimônio, museus e cultura. Esta trajetória teve início ainda na graduação em História na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, quando orientada pela Profª Drª Regina Abreu, desenvolvi minha pesquisa de Iniciação Científica e, consequentemente meu Trabalho de Conclusão de Curso acerca do Coral Indígena Guarani MBYÁ de Paraty-Mirim, estado do Rio de Janeiro. Foi um período fascinante, de muitas descobertas e o início da paixão pela arte de pesquisar.

Em seguida, ingressei no Mestrado em Memória Social, sob orientação da Profª Drª Regina Abreu. Minha dissertação denominada "Memórias da Ocupação Indígena no Estado do Rio de Janeiro: Um estudo de Caso do Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba" foi desenvolvido em virtude de um fenômeno percebido no âmbito do projeto "Memória, Cultura, Transformação Social e Desenvolvimento: Panorama Museal do Estado do Rio de Janeiro", conhecido como Museus do Rio[1]. Tal fenômeno insere-se em uma reflexão acerca de uma temática mais ampla que visa detectar ressignificações e novas leituras sobre a presença indígena no Estado do Rio de Janeiro. Durante o projeto, percebemos uma valorização de vestígios, traços e fragmentos da ocupação indígena em território fluminense, diferente do que acontecia anteriormente, onde existia uma visão que privilegiava o ideário de Estado Moderno progressista e civilizado que ocultava ou dava pouca importância à história da ocupação indígena no território por considerá-la associada a culturas arcaicas e que pouco contribuíam ao desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro.

Em 2010 iniciei uma Pós-Graduação em Produção Cultural pela Universidade Cândido Mendes, onde pude aprofundar meus conhecimentos acerca de temáticas práticas que envolvem a cultura, como por exemplo, os diversos editais de fomentos a ações culturais, sejam elas ligadas às questões do patrimônio, cultura popular ou às mais variadas formas artísticas, tais como dança, música, teatro entre outras.

Ao concluir o curso de Mestrado em 2011 eu comecei a trabalhar na Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Duque de Caxias. Por alguns poucos meses atuei como historiadora no âmbito de um projeto que visava criar o Museu da Memória Política – Tenório

---

[1] Este projeto, coordenado pela Profª. Drª. Regina Abreu foi fomentado pela FAPERJ (Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro) e pela SEC-RJ (Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro), e teve como produto um site sobre os museus do rio (www.museusdorio.com.br), um guia e filmes de percursos dos museus visitados pela equipe do projeto.

Cavalcanti[2]. Em seguida recebi o convite para ser Coordenadora do Teatro Municipal Raul Cortez e passei a conhecer mais de perto as questões da cidade. Vivenciando as experiências da cidade, pude perceber a presença de temas referentes à memória e ao patrimônio em seu cotidiano que ocorrem em diversificadas manifestações populares da cidade, tais como, a Festa de Santo Antônio; o Desfile Cívico em 25 de agosto; o Forró na Feira (tradicional feira de tradições nordestinas da cidade) e a Feira Popular que acontece aos sábados no bairro 25 de Agosto e por muito tempo foi conhecido pelo tráfico de animais silvestres[3].

Foi nesse contexto que desenvolvi minha Tese de Doutorado intitulada "Memórias da Devoção: Estudo de Caso sobre a Festa de Santo Antônio em Duque de Caxias-RJ e em Lisboa – Portugal", onde faço um estudo de caso sobre a Festa em Duque de Caxias, traçando alguns aspectos comparativos com a Festa que acontece em Lisboa[4].

Em um contexto mais atual, venci cerca de 10 projetos em editais da Lei Aldir Blanc. Infelizmente, por limitações da Lei, não pude desenvolver alguns, mas vale ressaltar que todos ligados a minha pesquisa sobre Santo Antônio foram vencedores. O primeiro, uma exibição do documentário[5] que produzi como resultado da minha Tese de Doutorado, com uma roda de conversa onde pude contar com a minha orientadora na época, Profª. Drª. Regina Abreu, a Profª. Drª. Sabrina Dinola que me auxiliou na produção do Documentário em Portugal, e o cinegrafista e fotógrafo Marcio Leandro, de Duque de Caxias, que fez todas as imagens na cidade e a edição. O Segundo Edital, ainda no âmbito da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro já é um passo adiante na pesquisa: a produção de um documentário sobre a Festa de Santo Antônio em Nova Iguaçu, cidade o qual o Santo também é padroeiro. O terceiro edital está ligado à Secretaria de Cultura da cidade do Rio de Janeiro, através do Edital Arte & Escola, onde a proposta é exibir o documentário para crianças do 8º e 9º ano da rede de ensino e dialogar durante 3 dias sobre história, memória, cultura e festas populares. Ainda vencendo editais sobre a Festa de Santo Antônio, venci na cidade de Duque de Caxias também através da Lei Aldir Blanc um edital para a publicação de um artigo sobre a Festa, com pontuação máxima. Apesar disso, acabei sendo desclassificada por ter vencido outro edital de valor maior. Mas isso mostra a importância das festas de santos

---

[2] O museu seria criado na casa em que Tenório Cavalcanti viveu, conhecida como "Fortaleza de Tenório", no entanto, por estar cedida à Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC), o projeto não seguiu adiante.

[3] Ver mais em: http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-08-22/policia-florestal-ocupara-area-de-caxias-para-acabar-com-trafico-de-animais.html.

[4] Disponível em: http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Teses/Tese81.pdf . Acesso em 15 mar. 2021.

[5] Projeto vencedor na Lei Aldir Blanc da Secretaria Estadual de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, através do Edital #CulturaPresenteRJ.

e santas para a cultura e seu registro, seja através de trabalhos de pesquisa, de produções audiovisuais ou mesmo através da cibercultura como lugares de memória se mostram fortalecidos e importantes no contexto nacional. Todos os enfoques abaixo estabelecidos levam ao longo do processo de pesquisa tais conceitos que há muito tempo são discutidos mas que vieram à tona com a pandemia da COVID-19 e o isolamento social, onde ficamos ainda mais online, valorizando redes sociais, websites entres outros mecanismos como "lugares de memória", que já estão entre nós há muito tempo, mas, efetivamente, com o contexto atual, precisam de pesquisas que os aprofundem de forma mais intensa.

Deste modo, pretendo nesta dissertação especificamente, fazer um recorte da Festa de Santo Antônio, tendo como objeto a Festa Literária que aconteceu entre os anos de 2013 e 2016, no governo do Prefeito Alexandre Cardoso, sendo um projeto coordenado e idealizado pelo professor Antônio Oliveira, que era Diretor da Biblioteca Leonel de Moura Brizola na época.

Com este trabalho pretendo refletir não apenas sobre uma das tradições culturais mais importantes na cidade de Duque de Caxias: a Festa de Santo Antônio, mas, sobretudo a Festa Literária e como ela foi construída em suas múltiplas relações e conflitos que a envolveram. Apesar de ter como base a sua construção, sobretudo através de entrevistas realizadas com o professor Antônio Oliveira durante a Festa em 2014 e em 11 e 15 de novembro de 2021, optei por destacar alguns aspectos fundamentais que fizeram com que as 4 (quatro) edições da Festa Literária fossem um sucesso, crescendo a cada ano e que, infelizmente, não teve continuidade no governo posterior, fruto de falta de vontade política, que já era enfrentada durante a sua realização, bem como o não andamento do Plano Municipal de Livro e Leitura da cidade, que se arrasta há mais de 10 anos e que transformaria a realização da Festa Literária em uma Lei Municipal. Atualmente, sobre a memória da Festa, as fontes que temos são os relatos sobretudo do professo Antônio Oliveira, seu realizador, bem como os registros nas redes sociais, tendo como base o facebook, que se tornou um lugar de memória da Festa Literária, o qual temos acesso até hoje, o que mostra a sua importância e força que teve, através de uma programação diversificada que valorizava artistas, professores e pesquisadores da cidade ao longo de toda a sua programação.

Considero substancial analisar que o fato de ser um evento que não apresenta apenas uma programação religiosa, mas também cultural, pode ser um fator de atração de pessoas de diversas religiões. Com isso, vale destacar que apesar de dados estatísticos do IBGE[6]

[6] Ver mais em: www.ibge.gov.br.

apontarem para um declínio no número de católicos no país, a Festa de Santo Antônio em Duque de Caxias, onde o Santo Padroeiro é lembrado anualmente em uma festividade que acontece desde sua emancipação no ano de 1943 quando festejos eram realizadas em proporções bem menores, apresentava naquele momento um crescimento anual, tanto em público quanto em investimento e apoio por parte do governo municipal.

Conforme destaca Assmann, há "*um consenso quanto não haver uma escrita da história que não seja ao mesmo tempo trabalho de memória e que deixe de estar irremediavelmente imbricada com as condições de atribuição de sentido, parcialidade e criação identitária*" (ASSMANN, 2016, p. 146, grifo nosso). Ou seja, percebemos como tanto no caso da trajetória da igreja, quanto na trajetória da festa, há uma permanente construção de marcos significativos a partir dos interesses e dos pontos de vista dos participantes. Interessa-nos, portanto, uma polifonia, presente em ambos os casos.

Compreendendo a igreja e a festa como "lugares de memória", destacamos alguns pontos relevantes sublinhados por Pierre Nora no que tange à relação entre memória e história.

> Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente: a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (NORA, 1993, p. 9).

Deste modo, podemos associar este primeiro enfoque de construção da memória associado aos "lugares de memória" a um segundo enfoque mais diretamente relacionado ao conceito de "memória coletiva". Uma reflexão clássica acerca das relações entre memória individual e memória coletiva foi estabelecido por Maurice Halbwachs (2006). A memória com toda a sua afetividade pode fornecer pistas para que sejam estabelecidas memórias de

grupos ou mesmo histórias de seus lugares como é o caso da Catedral de Santo Antônio ou da Festa de Santo Antônio, ambas na cidade de Duque de Caxias. De acordo com autor:

> Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível. Aliás, eles não seriam suficientes. Uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (HALBWACHS, 2006, p. 31).

As lembranças dos indivíduos evocam memórias particulares e coletivas que, em geral, estão repletas de significados, sobretudo se levarmos em consideração que a memória é seletiva, ou seja, lembramos o que de fato nos marca, positiva ou negativamente.

No que se refere ao processo de construção de memórias na Festa de Santo Antônio, as lembranças evocadas referem-se em geral a temas como fé, devoção, afetividade. Isso é possível justamente pela realização anual desta comemoração. Todos os anos, de alguma forma, diferentes indivíduos evocam lembranças comuns porque retornam ao lugar dessa recordação. Assim, lembranças individuais são também construções coletivas remetendo a uma memória de um grupo com uma trajetória própria.

> Talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las; também se há de convir que mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que o recordamos, do ponto de vista desse grupo (HALBWACHS, 2006, p. 41).

As recordações individuais constituem substratos tanto para as construções de memórias individuais quanto de memórias coletivas. Neste sentido, Assmann considera que "*que dotar determinados locais de uma força de memória especial é antes de tudo sua ligação fixa e duradoura com histórias de família*" (ASSMANN, 2016, p. 320, grifo nosso). Com relação especificamente à festa de Santo Antônio, alguns pontos merecem ser destacados: a organização da festa não se circunscreve a uma parceria entre Igreja, Poder Público e Patrocinadores. Ela está diretamente ligada à vida e ao cotidiano de fieis que integram Irmandades, Congregações ou mesmo voluntários que atuam diretamente em sua organização. Frequentadores da Igreja são ativos no processo de produção e manutenção das festas. Há, por exemplo, casais que se conheceram no âmbito das atividades religiosas por integrarem grupos

de jovens e que são muito comprometidos. A construção das memórias da festa e das memórias destes frequentadores parecem estar integradas. Assmann (2016) conceitua estas relações como “Memória Habitada”, ou seja, memórias que se caracterizam por estarem “*vinculadas a um portador, que pode ser um grupo, uma instituição ou um indivíduo*”. Este portador “*estabelece uma ponte entre passado, presente e futuro; procede de modo seletivo, à medida que recorda uma coisa, esquece outra; intermedia valores dos quais resultam um perfil identitário e normas de ação*” (ASSMANN, 2016, p. 146).

Já no que se refere ao terceiro enfoque de construção da memória destaco o modo hagiográfico de construção e transmissão de valores a partir da trajetória do santo. No caso de Santo Antônio, esta trajetória é evocada desde o início das comemorações. Rememora-se a "vida do santo" desde o primeiro dia da Trezena, que acontece todos os anos a partir do dia 31 de junho, até o encerramento da festa, e varia de acordo com o calendário da cidade, mas sempre no dia ou após o dia em que se comemora o santo em si (13 de junho).

Passagens da trajetória do santo são transmitidas aos milhares de devotos que se firmam em suas virtudes para realizarem seus agradecimentos e fazerem promessas em troca de algum “milagre”, seja para o amor, para cura de enfermidades, para encontrar objetos perdidos entre outros. Para que a memória e a história do santo sejam transmitidas então, são realizados ritos e rituais.

> O rito refere-se, pois, à ordem prescrita, à ordem do cosmo, à ordem das relações entre deuses e seres humanos e dos seres humanos entre si. Reporta-se ao que rima e ao ritmo da vida, à harmonia restauradora, à junção, às relações entre as partes e o todo, ao fluir, ao movimento, à vida acontecendo. A busca pela ordem e o movimento são elementos constitutivos dos rituais (VILHENA, 2005, p. 21).

Os três enfoques de memória aqui descritos serão apresentados nos subcapítulos a seguir com alguns exemplos de construção de “lugares de memórias”, memórias individuais, memórias coletivas e ritualização de passagens da trajetória do santo.

No primeiro capítulo intitulado “Duque de Caxias: Aspectos Históricos e Geográficos” eu apresento a cidade, seu contexto histórico, geográfico, bem como a sua memória. Considero substancial apresentar o local o qual estamos falando e abordando este tema tão necessário, sendo uma parte da história e da cultura não apenas da região, mas também, em âmbito nacional. Neste capítulo poderemos conhecer diversos aspectos que transformaram a cidade de Duque de Caxias no panorama que temos hoje.

No segundo capítulo intitulado “O culto a Santo Antônio em Duque de Caxias” eu trago alguns aspectos relacionados à Festa de Santo Antônio na cidade de Duque de Caxias, bem como aspectos ligados ao Santo Antônio e sua construção como Padroeiro de uma cidade, tendo como base alguns conceitos, tais como comemorações, festas de santos e santas, bem como exemplificando outras festividades de mesmo teor que acontecem no país e que tiveram o seu registro feito no livro de Celebrações do IPHAN. Essas festas são signos do catolicismo, mas são também signos de tradicionais culturais multitemporais que atravessam gerações e que, muitas vezes, os frequentadores não tem o significado religioso como protagonista – apesar de ser.

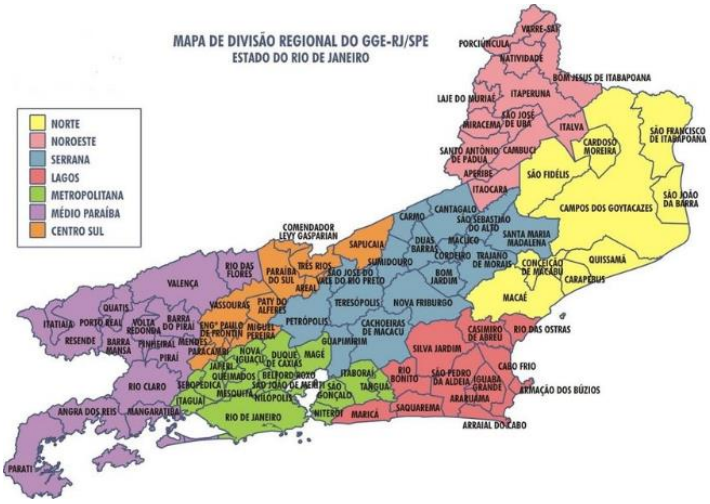
No último capítulo, intitulado “A Festa Literária: Educação e Cultura na Festa de Santo Antônio” eu trago a Festa Literária de Duque de Caxias. Esta festa aconteceu dentro da Festa de Santo Antônio durante os anos de 2012 à 2016, tendo sido idealizada pelo professor Antônio que na época era Diretor da Biblioteca Leonel de Moura Brizola e trouxe sua experiência com bibliotecas comunitárias para transformar essa festividade para além de questões religiosas ou entretenimento, mas também cultura, educação, livro e leitura, com uma vasta programação que, apesar de ter opositores dentro do próprio governo municipal, pode considerar a experiência bem-sucedida. Após a vitória do atual Prefeito e a consequente exoneração do professo Antônio da Biblioteca, a Festa Literária nunca mais aconteceu. Todo o registro está em uma página do Facebook que ainda está sob administração do professor Antônio, visto que a atual gestão não fez questão de se tornar administradora desta página que pode ser considerada um lugar de memória desta Festa Literária que deixou sua marca na história das comemorações ao Padroeiro da cidade de Duque de Caxias.

1 DUQUE DE CAXIAS: ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS

1.1 **Duque de Caxias e a Baixada Fluminense**

A Baixada Fluminense está localizada no estado do Rio de Janeiro e é dividida em 13 (treze) municípios. Duque de Caxias é um deles, localizado na área litorânea da região Sudeste do Brasil. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)[7], o estado possui uma área de 43.696,054 km² e está dividido em 92 municípios, dividido em 7 Regiões de Governo, com população estimada em 2021 de 17.463.349 habitantes.

Mapa 1: Divisão do Estado do Rio de Janeiro por regiões



Fonte: LOUSADA, 2014.

O território que corresponde à Baixada Fluminense nos dias de hoje, de acordo com Braz e Almeida (2010), era a região que englobava o Recôncavo da Guanabara, ao norte da Vila de São Sebastião do Rio de Janeiro, no século XVI e era conhecida como *Iguassu*[8], correspondendo ao que hoje conhecemos como a área que engloba os municípios de Nova *Iguaçu*, Duque de Caxias, São João de Meriti, Belford Roxo, Nilópolis, Mesquita, Japeri e Queimados. Para chegar na divisão atual, o espaço foi sendo fragmentado. A publicação

[7] Para maiores informações sobre características econômicas, políticas e sociais, acessar o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no link: http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=rj.

[8] A grafia pode variar como *"Iguassu", "Igoassu" ou "Iguaçu"* de acordo com cada autor e fontes utilizadas. Esta última é a grafia utilizada nos dias atuais. Manterei as grafias originais nas citações e referências a autores e adotarei a grafia atual *"Iguaçu"* no corpo do texto

“Impunidade na Baixada Fluminense” (IMPUNIDADE..., 2005) escrita por diversas instituições após a Chacina da Baixada, explica de maneira sintética e bastante eficiente essas divisões.

A Baixada Fluminense já foi o nome dado a toda área do recôncavo da Serra do Mar. Uma extensão que ia do atual município de Itaguaí, ao sul, até o município de Campos dos Goytacazes, ao norte. Hoje, conforme a divisão político administrativa do governo do estado do Rio de Janeiro, é o nome usado para designar a região que ocupa boa parte da metrópole do Rio de Janeiro, composta por 13 municípios. No entanto, o mais usual é considerar como Baixada Fluminense a área restrita às cidades originárias do município de Nova Iguaçu – conhecido como Maxambomba até 1916 - integrando os municípios de Duque de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis, Queimados, Japeri, Belford Roxo e Mesquita, que começaram a se emancipar a partir dos anos 40, com características socioeconômicas semelhantes e próximos a cidade-polo da metrópole, Rio de Janeiro (Impunidade na Baixada Fluminense, 2005,p. 10).

Mapa 2: Mapa da Baixada Fluminense - Estado do Rio de Janeiro

Fonte: ALVES, 2020.

Sobre a ocupação indígena na região, sabemos que o grupo indígena Jacutinga vivia às margens dos rios *Iguaçu* e Meriti. De acordo com Souza, “*os Tupinambá eram chamados de Jacutingas por utilizarem as penas da jacutinga para se enfeitar. As jacutingas são conhecidas como aves cantadoras por emitirem um som que vem de suas asas quando se deslocam ou se acasalam*” (SOUZA, 2014, p. 36).

Nos anos de 1555 e 1567 um dos fatores que estimularam os portugueses a ocupar permanentemente a região foi a presença francesa no Rio de Janeiro, resultando na fundação

da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, no dia 1 de março de 1565, por Estácio de Sá, entre os morros Cara de Cão e Pão de Açúcar.

Com a expulsão dos franceses no século XVI, a região do Recôncavo da Guanabara[9], se desenvolveu através da doação de sesmarias, sistema de ocupação implantado baseado na concessão de extensos lotes de terras destinados ao cultivo para atender as demandas da metrópole. Assim, através dos rios que cortavam a região, entre eles os rios Meriti, Sarapuí, *Iguaçu*, Inhomirim, Magé, Suruí, entre outros, a ocupação portuguesa foi se implementando na Baixada Fluminense (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 20).

> No lugar das aldeias indígenas, foram sendo instalados engenhos, capelas mosteiros, tabernas, portos e estradas. A topografia da região era propícia ao plantio de cana, e os rios facilitavam o escoamento da produção e a comunicação com a cidade portuária do Rio de Janeiro. Além disso, a existência de uma reserva de madeira considerável viabilizou sua extração e comercialização, permitiu a construção de engenhos e das embarcações e estimulou a produção de carvão. A extração de madeira manteve-se como atividade comercial vantajosa na região pelo menos até meados do século XX. (SOUZA, 2014b, p. 39).

O controle com base religiosa imposta pela Metrópole, devido à instalação do aparato administrativo, foram tomadas algumas medidas para que o sistema escravista desse certo na região do *Iguaçu*.

> Do ponto de vista administrativo, *Iguassu* tinha sua área dividida em circunscrições eclesiásticas conhecidas como freguesias. Entre os séculos XVII e XVIII, foram criadas na região seis freguesias, sendo que quatro delas (Pilar, Meriti, Jacutinga e a parte ocidental de Estrela) corresponderiam, de uma forma um tanto imprecisa, às fronteiras do atual município de Duque de Caxias. No século XIX, esse conjunto de freguesias deu origem a duas grandes vilas, a de *Iguassu* e a de Estrela atestando a pujança econômica que a região alcançou nesse período" (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 21-22).

A base religiosa foi fundamental na constituição da região. Portos e Capelas foram construídos às margens dos principais rios. Cada freguesia centralizava as obrigações religiosas dos habitantes das áreas que as compreendiam. A sede religiosa territorial de cada freguesia era constituída por uma Igreja Matriz que poderia se relacionar com outras chamadas filiais e no entorno dessas a vida social e o relacionamento dos seus habitantes se dava por meio de quermesses e cultos.

---

[9] Território que corresponde atualmente à Baixada Fluminense, situada ao norte da Vila de São Sebastião do Rio de Janeiro, conhecida como Iguassu (BRAZ; ALMEIDA, 2010).

> Nas margens dos principais rios, foram instalados portos e capelas. Construídas de pau a pique, frequentemente novas capelas substituíam as anteriores, o que explica datas diferentes para a construção de uma mesma capela. Com o crescimento do arraial, as capelas construídas nos engenhos, juntamente com uma matriz, passavam a formar uma paróquia. A matriz erguida tornava-se instrumento de organização de seus fregueses, registrando nascimentos, casamentos, óbitos e outros acontecimentos nos Livros de Tomo. (SOUZA, 2014b, p. 42).

Exaltando ou afirmando o domínio dos proprietários de terras e da Igreja Católica, legitimando o poder político local, a instalação dessa estrutura colonial foi marcada por tensões entre os interesses da metrópole portuguesa e os interesses locais.

A mão de obra escrava africana foi necessária também para abrir estradas, assegurar a produção dos engenhos, lidando com a manufatura do açúcar, produção de aguardente, o cultivo de alimentos para a subsistência da fazenda e comercialização com o porto no Rio de Janeiro, além da construção de prédios e estruturas físicas da casa grande, capelas, olarias, transportar mercadorias, conduzir embarcações e, em alguns casos, na criação de gado.

A produção do ouro em Minas Gerais contribuiu para que o Rio de Janeiro alcançasse grande importância econômica no século XVIII. Esse processo de ocupação fez surgir novos caminhos. Era através de seus portos que o ouro escoava. E os investimentos eram atraídos para a abertura de estradas destinadas à circulação da produção mineradora e dos produtos importados da Europa, tais como, manufaturas e escravos.

Minas Gerais se reorganizou para o fornecimento de suprimentos para o Sudeste e ocorreu uma recuperação com o mercado açucareiro, além da troca intercolonial de aguardente com Angola, pois a partir da metade do século XVIII o ouro mineiro se tornou mais escasso, mas não significou uma decadência absoluta do Sudeste. No final do século XVIII e início do século XIX é que se deu a recuperação econômica com a ascensão da produção cafeeira no cenário fluminense, expandindo-se do Recôncavo até o Vale do Paraíba.

> O café tornou-se o principal produto exportador brasileiro no século XIX, e o Vale do Paraíba, seu grande centro produtor. Algumas fazendas de *Iguaçu* iniciaram o plantio de café, principalmente nas áreas da serra, porém, a maior parte da região era muito baixa, o que inviabilizava a concorrência com a produtividade do Vale. (SOUZA 2014b, p. 58).

A ascensão da produção cafeeira causou um grande impacto na região do *Iguaçu*. Mais uma vez a questão da circulação e transporte foi à tona fazendo a Baixada exercer papel de integração entre o porto carioca e a serra. Em resposta a essa questão, além da abertura de novas estradas, surgiu, por volta do ano de 1840, a ideia de ligar o porto do Sarapuí ao porto de *Iguaçu* através de uma estrada de ferro.

A construção de novas estradas gerava crescimento econômico para diversas regiões. Muitas delas elevavam-se à categoria de vila. Para isso, além de questões de segurança com relação à circulação de produtos, existiam outras condições para essa transformação: a construção dos prédios da Igreja Matriz, da Câmara, da Cadeia e do Pelourinho. Foi assim que algumas regiões da Baixada Fluminense ascenderam à categoria de Vila.

> A importância dos três centros de circulação de mercadorias e de pessoas contribuiu para que Magepe, *Iguaçu* e Estrela fossem elevadas à categoria de vila, ou seja, de município. Em 1789, foi fundada a Vila de Magepe, formada pelas Freguesias de Piedade de Magepe, de N. S. da Ajuda de Aguapemirim, S. Nicolau do Suruí, N. S. Guia de Pacobaíba e as ilhas do arquipélago de Paquetá. Em 1833, *Iguaçu* foi elevada à condição de vila, sendo composta pelas Freguesias de Piedade de *Iguaçu*, Pilar, Meriti, Marapicu, e Santo Antônio de Jacutinga. O local escolhido para ser a sede da vila foi Cava. As funções religiosas, administrativas e judiciárias davam à aglomeração um esboço de função regional. (SOUZA, 2014b, p. 61).

Apesar da importância, o sistema que articulava caminhos terrestres e vias fluviais se tornou saturado, com um custo muito alto e ineficiente para atender as progressivas exigências de circulação entre a região cafeeira e o porto do Rio de Janeiro.

Foi neste contexto que em 1854 um empreendimento privado de grande porte foi inaugurado por Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá: a primeira estrada de ferro do Brasil, ligando o porto da Guia da Pacobaíba, batizado de Mauá, à Fazenda Fragoso e, logo depois, à Raiz da Serra, Petrópolis e Areal. Foram muitos os ganhos para o escoamento e circulação da produção na região atendida pela estrada de ferro.

Na segunda metade do século XIX a vitória dos movimentos abolicionistas era iminente. Na região do *Iguaçu*, os beneditinos aboliram a escravidão em 1870, quase 20 anos antes de assinada a Lei Áurea. No entanto, o fato é que os beneditinos estavam enfrentando diversos problemas.

As campanhas e os apelos abolicionistas da época, o fim do tráfico externo, as fugas e, principalmente, a obrigatoriedade de enviar voluntários para a Guerra do Paraguai fizeram com que os beneditinos não conseguissem manter a produção da fazenda por falta de mão-de-obra. Por outro lado, as péssimas condições ambientais provocadas pelo abandono e pelo assoreamento dos rios, pelos aterros e desmatamentos transformaram as áreas portuárias da Baixada em área de risco (SOUZA, 2014b, p. 78-79).

Esse modelo escravocrata e da propriedade de terra entrou em declínio com a crise que atingiu a região com a construção da ferrovia, e teve como consequência a diminuição da importância da região como local de passagem. A elite local teve que buscar um novo modelo de negócio.

> Nesse sentido, é necessário afirmar que essa crise atingiu, na verdade, os setores intermediários e inferiores da sociedade *iguassuana*, já que sua elite proprietária se adaptou às novas circunstâncias resistindo, enquanto pôde, ao fim da economia agrária que a sustentava. Mais tarde, em fins do século XIX e início do XX, os proprietários *iguassuanos* lançaram mãe de uma outra forma de capitalização, antevendo o total esgotamento das práticas agrícolas em vários pontos da região, a venda de terras em forma de lotes menores sem trabalho incorporado. (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 31).

A ocupação da região que hoje engloba a Baixada Fluminense, sobretudo, a cidade de Duque de Caxias expressa rico processo de construção histórica e de representatividade no estado do Rio de Janeiro. Sua importância se estabeleceu por diversos motivos: proximidade com rios, o que beneficiava processos de ocupação e estabelecimento de vilas e fazendas; solo propício para o cultivo da cana de açúcar; local de passagem, principalmente de ligação do Rio de Janeiro com Minas Gerais, para o transporte do ouro. A passagem da estrada de ferro pela região também contribuiu para destacar a relevância desta cidade que se manteve em diversos momentos da história do estado do Rio de Janeiro.

1.2 **A emancipação da cidade de Duque de Caxias**

A região que corresponde hoje à cidade de Duque de Caxias e seu entorno, a partir da década de 1930, sofreu forte impacto pelos projetos de modernização adotados durante o Governo de Getúlio Vargas. De acordo com Souza, os projetos são quatro: “O investimento em saneamento básico e na diversificação agrícola como estratégias de revalorização fundiária e recuperação da produção agrária; 2) a implementação do Núcleo Colonial São Bento como política de colonização nas terras públicas; 3) a instalação da Cidade dos Meninos como prática de assistência e formação do trabalhador nacional; e 4) a construção da cidade do motor para o fabrico de aviões e, principalmente, como espaço de formação do trabalhador nacional a serviço da industrialização (SOUZA, 2014b, p. 86).

A maioria dos projetos relacionados à produção agrária, em Duque de Caxias, acabaram favorecendo a ocupação urbana da região.

> De um lado, por conta da vinda de um conjunto de trabalhadores públicos para a região, seja para o trabalho na Cidade dos Meninos, seja para a incorporação da estrutura do Núcleo colonial. Do outro, porque os investimentos feitos revalorizavam a terra e atraíam empresas loteadoras para o seu entorno. (SOUZA, 2014b, p. 86-87).

O reordenamento urbanístico que privilegiava a abertura de grandes avenidas no estado do Rio de Janeiro, na década de 1930, fez com que populações migrassem para outras regiões chegando à Baixada Fluminense. O acesso à cidade foi facilitado por dois fatores: a expansão das estradas de ferro, a instalação da energia elétrica nos arredores de Meriti, em 1924, e pela construção da Estrada Rio-Petrópolis que integrava a plataforma política do então Presidente Washington Luiz, cujo lema era "Governar é construir estradas".

A população que chegava para morar na cidade se aglomerava no entorno da estação que ainda não havia sido descoberta pelosloteadores. As terras onde hoje se encontra a cidade de Duque de Caxias sairam então do estado de abandono e desregulamentação para uma ocupação loteadora fazendo com que surgisse esse"novo Oeste da cidade do Rio de Janeiro" que passou a ser disputado por proprietários e empresas loteadoras.[12] Além disso, os habitantes que viviam na região em busca de melhores condições de vida, enfrentaram diversas dificuldades, conforme relata Souza:

> A corrida para o Oeste da cidade do Rio de Janeiro em busca de emprego, moradia e terra para lavrar revelava-se penosa para os trabalhadores que tinham de enfrentar a violência, a malária, os conflitos de terras entre grileiros e lavradores, o trabalho duro e os baixíssimos salários. Para os trabalhadores, o sonho dourado poderia transformar-se em um pesadelo. Já para os proprietários, os especuladores, as empresas imobiliárias, os comerciantes e aqueles articulados à sociedade política, Caxias representava o acesso a extensas propriedades e a possibilidade de lucro fácil. (SOUZA, 2014b, p. 98-99).

Duque de Caxias teve sua emancipação em 1943 com data de fundação em 31 de dezembro, durante o Estado Novo, por meio do decreto nº 1055, quando a Estação de Merity foi emancipada e transformada na cidade de Duque de Caxias, composta pelos distritos de Duque de Caxias (sede) Merity e Imbariê. Está localizada na região conhecida como Baixada Fluminense, Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. "*Pouco depois, em 1947, o distrito de Merity alcançou também sua autonomia administrativa, dando origem ao município de São João de Meriti e, em 1954, o distrito de Imbariê, desmembrado, deu origem aos novos distritos de Xerém e Campos Elíseos*" (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 63, grifo nosso).

Essa divisão em quatro distritos (Duque de Caxias, Imbariê, Xerém e Campos Elíseos) é a divisão atual da cidade que tem 467,619 km2, segundo dados de extensão territorial do IBGE.

> Nos avanços e alternativas agrícolas e econômicas, destacou-se a produção de laranja. Alguns produtores conquistaram uma produção significativa apesar de ocuparem um território não muito extenso da cidade. No entanto, as transformações ocorridas nos primeiros 30 anos do século XX fizeram surgir novos protagonistas,

> entre eles, comerciantes, donos de casas imobiliárias, hotéis e profissionais liberais (médicos, advogados e outros). (BRAZ; ALMEIDA,2010, p.63).

Até a década de 1930, a região era essencialmente rural e as medidas tomadas para, de certa maneira, proporcionar uma mobilidade urbana, contribuíram para o crescimento da ocupação da região e representaram o início da transformação rural para o status de periferia urbana industrial.

> Pelos trilhos da Leopoldina e da Central do Brasil, afluíram levas de nordestinos, mineiros, capixabas e norte-fluminenses, em busca das oportunidades negadas em suas regiões de origem. O valor relativamente barato da passagem e da rapidez do deslocamento estimulavam esses aventureiros, geralmente, os homens a princípio, a "tentar a sorte" no Rio de Janeiro e, tendo uma vez obtido emprego como fonte de renda, compravam os terrenos baratos nos quais construíram suas casas modestas, constituindo família formada aqui mesmo ou trazida do interior. (BRAZ; ALMEIDA, 2010,p. 43).

Após o ano de 1930, ocorreram diversas mudanças conjunturais, sobretudo em virtude do golpe realizado neste mesmo ano e que levou Getúlio Vargas ao Governo Provisório do país e, posteriormente, ao período denominado Ditadura do Estado Novo que foi de 1937 até 1945. Nesse período, Nova Iguaçu passou a ser governada por interventores. É nesse período também que Natalício Tenório Cavalcanti chega à cidade para trabalhar como segurança e encarregado nas obras da Estrada Rio-Petrópolis. A sua chegada mudaria completamente os rumos da história da cidade que está intimamente ligada à sua trajetória política nesta época.

A prefeitura de Nova *Iguaçu* passou a ser governada por interventores, apesar da resistência do chefe político local, Getúlio de Moura, que ocupou à força, fato conhecido no local como "Revolução *Iguaçuana*". Em dezembro do mesmo ano do golpe, Getúlio de Moura foi afastado do cargo, após a ocupação da cidade pelas tropas do Exército. Posteriormente, foi processado por ter acusado o governo provisório de crime político e, em 1931, foi iniciado por Vargas (SOUZA, 2014b, p. 106-107).

Tenório Cavalcanti perdeu o mandato de vereador e se manteve aliado à oposição, se envolvendo em conflitos violentos, sobretudo na tensa relação com Joaquim Peçanha que, após perder o pleito para o Legislativo municipal em 1936, assumiu a Delegacia de Duque de Caxias. Tal fato fez com que tiroteios, emboscadas e mortes fizessem parte do cenário da cidade.

Apesar da violenta conjuntura política da cidade, o projeto de crescimento industrial que teve início ainda no Estado Novo de Getúlio Vargas para o país, deixou no município emancipado em 1943, profundas marcas. Nos primeiros 20 anos, se alteraram os perfis social e

econômico. Entre as décadas de 1940 e 1950 a cidade de Duque de Caxias se tornou populosa e industrializada, com uma aglomeração populacional desordenada.

> A forte onda migratória dessas décadas multiplicou a população, segundo os recenseamentos. De 28.328 habitantes, em 1940, para 92.459, em 1950, e daí para 241.026, em 1960. Esse espantoso crescimento populacional aumentou, em quase dez vezes, o número de habitantes, em um período de vinte anos, e trouxe consigo os inúmeros problemas de uma região despreparada para abrigar, em tão curto espaço de tempo, um volume tão grande de pessoas. (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 65-66).

No já confuso contexto social da cidade, o desordenado crescimento populacional causou diversos problemas nos loteamentos de terras, sendo mais um fator causador de um clima de violência e arbitrariedade.

> Como consequência direta desse fluxo humano, o município viu-se engolfadoem um progressivo retalhamento roteador. Até 1949, haviam sido cadastrados junto ao governo municipal, 57.206 lotes e, durante o período de 1950 a 1959, mais 85.642 foram registrados. Planícies recém libertas dos pântanos pela ação saneadora do Governo Federal foram incorporadas a onda loteadora, masesse processo estava longe de ser simples e pacífico. Os conflitos derivados de disputa pela propriedade dos terrenos ou a sua simples incorporação por aventureiros que desrespeitavam os direitos de antigos donos produziram umclima de violência e arbitrariedade. (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 66).

O grande crescimento populacional e interesse pelos loteamentos de terras, se deveu também ao processo de industrialização que se iniciou na cidade. Um dos fatores marcantes foi a instalação da estatal Fábrica Nacional de Motores em Xerém, no ano de 1942, um pouco antes da emancipação da cidade. Durante sua construção que teve início em 1940 e em sua primeira fase de produção (1942-1947), chegou a mobilizar cerca de 6.000 trabalhadores. Teve papel importante durante o período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando passou a produzir motores de avião. Sua localização, próxima à Estrada de Ferro Rio D´Ouro e da antiga Estrada Rio-Petrópolis, concedia um clima de proteção necessária à realização de suas atividades em tempos de guerra, favorecendo o acesso de matéria-prima e escoamento de produtos. Com o fim do conflito, passou a produzir motores, peças e tratores agrícolas e, em 1948, ao abrir seu capital, tornando-se uma Sociedade Anônima, direcionou sua linha de produção para a montagem de caminhões, além da produção de utensílios como geladeiras e bicicletas, tendo como princípio integrar o capital privado ao investimento industrial.

Nas décadas de 1940 e 1950 o crescimento populacional apresentou grande evolução, sobretudo pela localização próxima à cidade do Rio de Janeiro. Diversos migrantes oriundos de municípios do norte do estado do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, Espírito Santo e do nordeste

do país fizeram de Duque de Caxias, seu lar. Essas pessoas que buscavam melhores condições de vida em uma área urbana, trabalhavam de maneira geral na cidade carioca e residiam em Duque de Caxias, o que produziu a imagem de “cidade-dormitório”. Braz e Almeida ressaltam ainda, que a migração dessas famílias se dava em etapas:

> Na maioria esmagadora das vezes, migravam primeiro os homens, que se empenhavam na obtenção de trabalho e moradia. Uma vez obtidas essas condições básicas, o restante da família transportava-se com a explícita a intenção de reconstituir os laços de parentesco no novo lar e, principalmente, com o intuito de somar esforços na luta pela sobrevivência de todos. (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 88).

Tendo em vista o desordenado crescimento urbano de Duque de Caxias, essas famílias passavam por muitas dificuldades, sobretudo estruturais que eram difíceis de ser resolvidas.

> Os homens e mulheres que compuseram esse turbilhão populacional experimentaram situações muito difíceis. As condições que encontraram eram precárias, num ambiente que mudava aceleradamente do rural para o urbano, pois, os recentes bairros dessa nova cidade pouca ou nenhuma estrutura ofereciam, obrigando seus recém instalados moradores a construir as estratégias necessárias para se fixarem, sobreviver e, quem sabe, progredirem na nova terra. (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 85).

Associada à falta de estrutura urbana e saneamento básico, observava-se também a inexistência de hospitais ou postos de saúde na maior parte dos bairros e no próprio município como um todo, além da ausência de vagas suficientes nas escolas, o que dificultava o acesso de grande parte da população ao ensino. Podemos incluir também a dificuldade com relação à regularidade e a quantidade dos transportes públicos, visto que o deslocamento da maior parte da mão de obra de Duque de Caxias era para o trabalho na cidade do Rio de Janeiro.

> Água, iluminação, calçamento e rede de esgotos, na maioria esmagadora desses bairros populares, que nasciam junto com o município, tais serviços eram inexistentes. As empresas imobiliárias que desmembravam velozmente as antigas fazendas, sítios e chácaras, ignoravam solenemente as recomendações municipais a respeito da instituição de novos loteamentos. Não raro, o comprador de lote adquiria sua propriedade, servida apenas de uma rua aberta a trator e nada mais, o que exigia que todas as outras condições urbanas fossem construídas improvisadamente com o trabalho familiar e comunitário. (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 91).

O surgimento da cidade de Duque de Caxias, apresenta a imagem de Tenório Cavalcanti como personagem central até o final da década de 1970. Com um processo de ocupação confuso, violento e desordenado, a cidade apresentou diversos problemas estruturais que são latentes ainda no século XXI, como veremosa seguir.

1.3 **Sociedade, Memória e Duque de Caxias**

A história da cidade de Duque de Caxias tem como um dos eixos o “coronelismo” que a assolou abertamente até a década de 1990 e, ainda assombra uma parte da população. É um complexo misto entre avanços e retrocessos.

Leal complementa afirmando que o “coronelismo” é, “*sobretudo uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras*” (LEAL, 2016, p. 43, grifo nosso).

São muitos os momentos da história da cidade a serem abordados, tendo a política como um dos principais fios condutores do local. Existe uma produção bastante contundente sobre sua memória e história.

Com população estimada em 2021 de 929.449 habitantes e por possuir 467,619 km2, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a cidade de Duque de Caxias abriga o terceiro maior colégio eleitoral e o segundo maior Produto Interno Bruto doEstado do Rio de Janeiro. No entanto, os investimentos em setores básicos para a populaçãoainda estão aquém do Estado e de uma grande Metrópole. A população convive com um histórico problema de falta d´água e de saneamento básico, saúde e escolas precárias. Ainda assim, os dados comprovam a importância econômica da cidade mesmo que aparentemente não tenha retorno para a população.

Apesar de tantos problemas enfrentados por essa Metrópole e que estão, como vimos anteriormente, na raiz de sua ocupação e constituição como cidade, a relevância que Duque de Caxias adquiriu no contexto das cidades da Região Metropolitana do Rio de Janeiro é notória. A cidade que surgiu de maneira desordenada e sob a sombra do coronelismo, dos grandes proprietários de terras e de uma política violenta, levando-a a ser conhecida como “Terra de Ninguém” ou “a cidade em que a galinha cisca prá frente”, se desenvolveu de modo que conquistou seu espaço no cenário estadual.

Deste modo, considero que a cidade não é apenas um amontoado de ruas, casas, transporte e uma tentativa de funcionamento orgânico, e sim, o conjunto de ações que possam ser desenvolvidas naquela localidade.

Na década de 1950, a cidade de Duque de Caxias apresentava altos índices de violência. Diversos jornais locais datados da década de 50 até final da década de 70, apresentam sem

nenhum pudor um “Festival de Defuntos”[10] em suas páginas. A história de políticos como Tenório Cavalcanti ou crimes que ficaram nacionalmente conhecidos como o assalto ao trem pagador reforçaram durante décadas a imagem de que Duque de Caxias era uma “Terra de Ninguém”. Durante esse período, a mídia fortaleceu a imagem de cidade vinculada ao abandono, ao extermínio, ao tiroteio contínuo, aos assaltos generalizados e corrupção.

Um político considerado um “coronel” por muitos e é talvez a figura do município mais conhecida nacionalmente foi um migrante que saiu do Nordeste e se instalou em Duque de Caxias, tornando-se um dos políticos mais conhecidos do país: Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque, que se popularizou como Tenório Cavalcanti ou, também, como “o homem da capa preta”. O político Tenório, apesar de ser conhecido como “O Deputado Pistoleiro”, impulsionou a política e a economia da cidade de Duque de Caxias e até os dias atuais gera polêmica e muitas discussões, em histórias ainda vivas nas memórias da população, sobretudo pelas curiosidades geradas por suas ações, tal como, sua Fortaleza[11]e os caminhos desconhecidos que levam a diversas saídas pela casa, como um labirinto. Tenório não é comemorado pela cidade com um dia próprio dedicado a ele, no entanto, sua presença é marcante na construção histórica e política local, e se tornou tema de um filme e livros.

Com todos esses conflitos, Tenório era considerado ao mesmo tempo um político populista e coronelista.

As relações de trocas de favores, conflitos, clientelismo, voto de cabresto e ações populistas parecem comuns quando tratamos de política. Victor Nunes Leal (2016) faz alguns apontamentos sobre esses processos incluindo as contribuições desses processos para uma desorganização no âmbito governamental. São casos em que as questões políticas acabam se tornando mais importantes e evidentes do que os problemas que permeiam a cidades.

Durante o período de 1928 a 1953,Tenório esteve envolvido em 28 conflitos violentos, sofreu 47 ferimentos à bala e foi preso 8 vezes, o que o levou a tomar medidas de segurança, transformando sua casa em uma fortaleza, envolvida por chapas de aço e cercada por entradas secretas e labirintos, inclusive para automóveis. Ainda assim, com sua política clientelista, conquistava a vitória em todos os processos eleitorais como Deputado.

---

[10] Texto de um espetáculo teatral de Antônio Pacot, um dos fundadores do Teatro Municipal Armando Melo, primeiro teatro da cidade. O espetáculo que seria encenado no Teatro do Sesi nunca aconteceu pois tanto Pacot quanto o ator Edgar de Souza e o teatrólogo Laís Costa Velho foram presos quando tentavam encená-la.

[11] Sua residência localizada na Avenida Governador Leonel de Moira Brizola, no Centro da cidade.

A fundação do seu jornal intitulado “A Luta Democrática” também foi um meio que favoreceu fortemente o crescimento de Tenório Cavalcanti na cidade de Duque de Caxias e tinha uma tiragem de cerca de 500 mil exemplares. Era um instrumento de campanha e defesa de seu posicionamento político.

> Seu apelo sensacionalista dava-lhe uma grande penetração popular. Além do “mundo cão”, dos crimes e dos grandes escândalos, o diário apresentava Tenório como o herói destemido, de capa preta e metralhadora. Um paladino que defendia o povo. Mas, sem sombra de dúvida, o que mais favorecia Tenório era a explosão populacional da região que constituía sua base eleitoral(ALVES, 2003, p. 89).

Era ainda notória a ausência de infraestrutura na cidade em áreas fundamentais para o bem-estar social: educação, saúde, saneamento básico, segurança e cultura.

Com o golpe em 1964 e a deposição de João Goulart. A “Luta Democrática” entrou um período de silêncio, sendo extintas as colunas destinadas aos movimentos sociais.

Durante a Ditadura Militar, Duque de Caxias teve como Prefeitos Joaquim Tenório Cavalcanti, entre 1963 e 1967 e Moacyr do Carmo e Ruyter Poubel (em substituição durante licença médica), entre 1967 e 1971. Após esse período, a cidade passou a ser governada por interventores militares até seu fim, em 1985. A Ditadura Militar causou alguns impactos na cidade.

Na eleição de 1985, Juberlan de Oliveira foi eleito Prefeito de Duque de Caxias. Nesse mesmo ano, a cidade deixou de ser área de Segurança Nacional – status adquirido durante o período ditatorial.

Zito que já teria sido Vereador e Deputado Estadual,se elegeu Prefeito afirmando que tiraria a cidade da lama, se referindo à falta de asfalto e constantes enchentes que assolavam a cidade. Se reelegeu no ano 2001 e inaugurou uma alternância de governos que permanece até o momento em Duque de Caxias. Nas eleições de 2004 não conseguiu eleger seu sucessor que foi derrotado por Washington Reis, seu antigo aliado político. Reis concluiu obras deixadas por seu antecessor, como o Centro Cultural Oscar Niemeyer, projeto do arquiteto que deu nome ao local. O Centro Cultural está localizado na Praça do Pacificador e consiste na Biblioteca Municipal Leonel de Moura Brizola e no Teatro Municipal Raul Cortez, que possui o terceiro maior palco do estado do Rio de Janeiro que é reversível, com uma porta automática que abre para a praça, sendo possível realizar espetáculos dentro e fora do teatro.

Nas eleições de 2008, Zito retorna à Prefeitura, vencendo as eleições no primeiro turno. O mandato que durou até 2012, foi bastante conturbado e terminou com uma crise na coleta de

lixo ocasionada pelo fechamento antecipado do Aterro Sanitário de Jardim Gramacho. Zito alega ter sido um golpe político para que perdesse a eleição de 2012, o que de fato, aconteceu.

O fato é que essa alternância de poder que se deu desde a segunda metade da década de 1990 não resolveu completamente algumas questões cruciais da cidade, como a falta d´água. Os moradores ainda sofrem com este problema e ficam buscando alternativas, como a compra de carros pipa d´água ou a abertura de poços artesianos. Muitas regiões também não possuem asfalto e a criminalidade e violência, que, apesar de uma queda até a metade o final dos anos 2000, ainda assusta a população.

1.4 **Comemorando a Cidade**

Duque de Caxias, a cidade que tem em sua população a mistura de diversas regiões do Brasil tem também as marcas da ocupação que deixaram não apenas questões referentes ao seu funcionamento e distribuição de terras, como também comemorações, heróis, símbolos, conforme afirma José Murilo de Carvalho, "*Não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico*" (CARVALHO, 2013, p. 55, grifo nosso). A escolha desses personagens, que representarão determinada comunidade, pode variar, partindo de um envolvimento real do povo, sendo amplamente reconhecida, ou com menor profundidade popular, o fato é que a construção de um panteão cívico é algo latente em qualquer sociedade. É notório que essas construções são, os representantes de determinada sociedade escolhidos após a sua morte. "*No campo da memória, os contornos do sujeito são delimitados a partir das construções póstumas. Máscaras mortuárias, discursos por ocasião do enterro e biografia são algumas formas de manter viva a memória do indivíduo*" (ABREU, 1996, p. 67, grifo nosso).

No calendário cultural da cidade destacam-se muitas datas festivas, o que reflete a diversidade populacional. Caxias tem o Carnaval, Folia de Reis, Dia da Baixada, Dia da Bíblia, dentre outras.

A figura do Patrono da cidade, está estreitamente ligada à construção de um panteão cívico e, mesmo com todas as complexidades que compõem a imagem do Luiz Alves de Lima e Silva no contexto da história oficial do país, a sua representação na cidade é marcante. Duque de Caxias foi assim denominada para homenagear Luiz Alves de Lima e Silva, que nasceu em 25 de agosto de 1803, na cidade, na Fazenda São Paulo, comprada por seu avô materno, de quem herdara o nome, "*situada nos confins da Baía de Guanabara, na freguesia de*

Inhomirim" (SOUZA, 2008, p. 108, grifo nosso). Essa região integra atualmente o bairro Taquara, situado no 3º distrito da cidade de Duque de Caxias. A fazenda abriga um museu chamado "Museu do Duque de Caxias e da Taquara" que consiste nas ruínas da casa em que nasceu o Duque de Caxias, uma construção contemporânea com objetos encontrados no terreno e seriam vestígios de ocupação do local. Entre os objetos estão louças, utensílios domésticos, maçanetas e diversos outros itens, muitos deles deteriorados pela ação do tempo ou por terem sido encontrados em meio às ruínas do local. Na entrada do museu os visitantes são recepcionados com um busto de Duque de Caxias. A exposição consiste também em quadros que apresentam momentos da história de Luiz Alves Lima e Silva. O museu é mantido através de uma parceria do Exército Brasileiro com a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Duque de Caxias.

Luiz Alves de Lima e Silva ingressou ainda muito jovem na carreira militar. Em janeiro de 1818 se matriculou na Real Academia Militar sendo em poucos anos promovido a tenente do 1º Batalhão de Fuzileiros da Corte (janeiro de 1821). Sua participação no exército foi marcante.

O Duque de Caxias, Luiz Alves de Lima e Silva era um monarquista fiel e esteve ao lado do Império em diversos conflitos que marcaram a história do País. Atuou ao lado de D. Pedro I, contra Portugal na Independência do Brasil e esteve à frente de diversas revoltas que aconteceram pelo país durante o período regencial, de minoridade do Imperador D. Pedro II. Foi um defensor do "*projeto nacional conservador, elaborado e sustentado por certos grupos*" (SOUZA, 2008, p. 405, grifo nosso). Luiz Alves "*colocou sua capacidade militar a serviço desse projeto, acreditando e lutando por sua implantação*" (SOUZA, 2008, p. 406, grifo nosso).

Muitas revoltas ocorreram durante o período regencial. A atuação mais marcante de Luiz Alves foi na Balaiada no Maranhão (1838-1840) e na Farroupilha no Rio Grande do Sul (1836-1845). A Balaiada maranhense teve seu início a partir de disputas de grupos da elite locais que resultou em uma revolta popular, liderada por Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, que era um fabricante de balaios, e era contrária aos aristocratas rurais que dominavam a região.

Uma das principais causas do movimento foi a detenção do irmão de Raimundo Gomes, o que causou uma "revolta", seguida da invasão da prisão para libertar este prisioneiro e diversos outros. Os "rebeldes" chegaram a ocupar a segunda cidade da província do Maranhão, que se chamava Vila de Caxias. No entanto, o grupo não era orgânico e apresentava divisões internas, o que levava a desentendimentos e uma consequente fragilidade

no movimento. Estes fatores os levaram à derrota em meados de 1840. Foi nessa rebelião que Luiz Alves de Lima e Silva ganhou destaque e recebeu o título de barão de Caxias.

> Tão logo chegou à corte, o imperador promoveu Luiz Alves de Lima ao posto de brigadeiro de seus exércitos – primeiro nível do generalato – e o agraciou com o título de barão, deixando à sua escolha o nome com o qual seria admitido nos círculos da nobreza. Luiz Alves escolheu Caxias. A justificativa quem dá é o padre biógrafo Joaquim Pinto de Campos. A cidade, segunda emimportância econômica do Maranhão, simbolizava a rebelião subjugada. Tinha sido a mais afligida pelos "horrores da guerra", sendo tomada e retomada pelas forças imperiais. (SOUZA, 2008, p. 335, grifo do autor).

A Revolução Farroupilha teve longa duração, aconteceu entre os anos de 1836 a 1845. Os conflitos fizeram o poder central acabar cedendo a algumas de suas exigências. "*Por exemplo,em princípios de 1840 o governo cedeu a uma das principais exigências econômicas dos farrapos, decretando uma taxa de importação de 25% sobre a carne salgada vinda do Prata que concorria com a nacional*" (FAUSTO, 2006, p. 93, grifo nosso). Entre esse misto de combates e concessões, o fato é que a revolução levou o governo central a realizar uma política externa diferenciada na região platina.

O Rio Grande Sul era um caso diferenciado se analisarmos a posição geográfica, sua formação econômica e relações sociais, como os fortes vínculos com o Uruguai. Os rebeldes se queixavam do sistema de pesados impostos e reivindicavam autonomia e a emancipação. Além disso, pretendiam um acordo que colocasse fim ou reduzisse significativamente a taxação do gado na fronteira com o Uruguai, estabelecendo a livre circulação dos rebanhos entre os dois países.

Entre os líderes da Revolução estavam Bento Gonçalves, filho de um rico estancieiro, com significativa experiência militar em decorrência de conflitos na região e Giuseppe Garibaldi, um revolucionário italiano refugiado no Brasil.

No ano de 1842, Caxias foi nomeado presidente e comandante de armas da província, o que foi fundamental no processo de pôr fim ao conflito, quando combinou habilidades de negociação, pacificação, medidas de apaziguamento à política de ataque militar. Com isso, em 1845 foi assinada a paz e o consequente fim dessa guerra que durou quase 10 anos. Por conta dessa habilidade tanto militar quanto política, ficou conhecido como "Pacificador".

A atuação de Duque de Caxias foi além dos conflitos regenciais e internos no Brasil. A Guerra do Paraguai foi um violento conflito que envolveu os países platinos. Foi uma guerra que marcou profundamente a história do Segundo Reinado. Com duração total de quase seis anos, de 11 de novembro de 1864 – tomada do vapor Marquês de Olinda pelos paraguaios –

até 1 de março de 1870 – morte de Solano López em Cerro Corá – teve grandes proporções, superando inclusive a Guerra de Secessão dos Estados Unidos. Mobilizou recursos humanos em larga escala das sociedades nacionais nele envolvidas: Paraguai, Uruguai, Brasil e Argentina.

Foi um conflito que envolveu – pelo menos no que diz respeito a participação brasileira – três fatores, segundo Ricardo Salles (1990):

1 No contexto geral de expansão do capitalismo da época, especificamente do capitalismo britânico;
2 Analogamente aos países europeus, o conflito se seguiu a um período de consolidação e estabilidade do governo imperial no Brasil;
3 O governo brasileiro lançou mão de uma série de recursos tecnológicos modernos em seu esforço de Guerra.

A Guerra do Paraguai é apresentada em diferentes perspectivas através dos seus diferentes autores. Com relação às interpretações sobre a guerra do Paraguai, existem pelo menos duas correntes: a tradicionalista e a revisionista. Não cabe neste trabalho uma análise sobre essas correntes. O que pretendo apresentar brevemente aqui são algumas características que considero importantes para a compreensão da participação de Duque de Caxias nesse violento e sangrento conflito.

Mesmo o Brasil estando despreparado para uma Guerra, a opinião pública, sobretudo no Rio de Janeiro, belicosa desde a Questão Christie, reagiu de imediato à invasão do território nacional, e o governo se dispôs a atuar com energia. O Imperador estava empenhado em ganhar a guerra e passou os cinco anos dedicados à causa, honrando o Brasil. A expressão “honra do Brasil” tornou-se um bordão em suas declarações, verbais e escritas.

Francisco Doratioto (2002) afirma que havia uma grande dificuldade para preencher osvazios na tropa, levando o Império a libertar escravos para lutarem na Guerra. Sendo assim, foi baixado um Decreto em 6 de novembro de 1866 que estipulava que os escravos que servissem ao exército em guerra ganhariam a liberdade, e que os donos que libertassem os seus, para esse mesmo fim, seriam recompensados com títulos de nobreza. Além disso, o governo imperial desapropriou escravos para enviá-los para o Paraguai, pagando indenizações generosas, que não deixavam de causar inconvenientes aos fazendeiros, tendo em vista ser muito difícil repor esses escravos, por causa da abolição do Tráfico em 1850. O comércio ilegal continuou ocorrendo, no entanto, o preço do escravo estava bem mais alto e se o

fazendeiro perdesse um escravo de 15 ou 20 anos, no auge de seu poder de trabalho, este só conseguiria ser reposto depois de cerca de 10 anos.

Muitos escravos fugiam para lutar no exército Imperial e até mesmo no exército de outros países com o intuito de se libertarem. Por isso, muitos proprietários de escravos pediam reintegração de posse de seu bem – o escravo – ou indenização do Império pela perda dele.

No entanto, na Bahia, existiam muitos escravos disponíveis para recrutamento pois não estavam trabalhando na produção do principal produto brasileiro: o café. A maior parte do exército aliado era composta por negros ou mulatos, mas não eram necessariamente escravos, eram libertos. A guerra deu a oportunidade de ascensão às pessoas que se alistavam, que ganham um prestígio que não possuíam antes, pessoas que até então, não representavam papel expressivo na sociedade brasileira e, agora, buscavam maior expressão. O fato do exército ser, sobretudo composto por homens negros, fez com que López iniciasse uma propaganda classificando o Exército Imperial de *macacuno*, o qual tinha como objetivo reduzir o povo paraguaio a escravidão.

No Paraguai, o recrutamento de escravos se iniciou em setembro de 1865, enquanto no Brasil, superada a onda patriótica em que muitos e verdadeiros voluntários se apresentaram, segundo Doratioto (2002), os convocados para a Guerra buscaram enviar substitutos em seu lugar. O envio de substitutos para cumprir o serviço militar era uma prática comum em outros países, não sendo exclusividade do Brasil.

Foi nesse contexto que, em outubro do ano de 1866, Duque de Caxias foi nomeado comandante das forças brasileiras na guerra.

> Caxias era bastante preocupado com o comportamento das tropas de combate. "*Havia uma preocupação grande em cumprir as normas, ao menos no plano das intenções, que caracterizariam uma guerra civilizada. Igualmente a bravura era uma qualidade da civilização brasileira*" (SALLES, 1990, p. 83, grifo nosso). Caxias enviava muitas recomendações a seus auxiliares mais imediatos, entre elas estão: respeito às propriedades, indivíduos civis e o tratamento de prisioneiros. "*Era preciso combater de maneira civilizada: ser bravo de modo civilizado*. (SALLES, 1990, p. 83, grifo nosso).

Além disso, foi com relação às questões que envolviam a sociedade escravocrata brasileira que Caxias passou parte do tempo se preocupando.

> Ordem, disciplina e coesão do exército estavam juntas, mais uma vez, com as condições sociais e hierárquicas da sociedade que havia originado o exército. Se o chamamento dos voluntários da Pátria havia obscurecido momentaneamente as rígidas fronteiras sociais e hierárquicas, tratava-se de restabelecê-las no interior da corporação militar. A presença de escravos já então livres, voltamos a insistir e, como já vimos, dos setores da população de extração social mais baixa, era uma infelicidade. Particularmente porque faltava aos elementos presentes nas fileiras as

> qualidades do bom e mourejado escravo. Para Caxias, tratava-se de inculcar nesses elementos não os valores da cidadania e da igualdade, e sim da obediência característica do bom escravo [...]. Estes deveriam ser incorporados, cooptados. Sua presença era mesmo vista como benéfica e renovadora à instituição militar. Esta era a tarefa: estender a predominância moral, a ordem e a autoridade imperial como forma de assegurar no exército a hierarquia e a divisão social da sociedade escravista. Tais eram os conceitos possíveis de valores morais patrióticos, de ordem e disciplina. A igualdade jurídica e formal era tida como e de fato seria, se mantida desagregadora (SALLES, 1990, p. 92).

O fato é que a atuação de escravos na Guerra do Paraguai abriu muitas polêmicas e discussões na historiografia. É um tanto complexa a tentativa de determinar um número de combatentes, seja pela precariedade estatística da época ou, até mesmo pelo desejo de se ocultar que uma sociedade escravocrata dependeu justamente de escravos para um chamado de defesa da Pátria. A atuação de Caxias no Império brasileiro foi por diversas vezes reconhecida. Sua atuação diante das inúmeras revoltas internas que ocorreram no Período Imperial, entre as quais, a Guerra do Paraguai, concederam a ele um reconhecimento que perdura até hoje.

Apesar de sua notoriedade, Luis Alves de Lima e Silva é também protagonista de muitas polêmicas. Uma delas se refere à presença de negros no Exército brasileiro na Guerra do Paraguai. De acordo com Celso Castro (2002), ele teria sido o responsável pela morte de milhares de negros na Guerra do Paraguai. Tal fato se contrapõe ao afirmado por Ricardo Salles (1990), quando fala que o Duque orientava seu exército à bravura civilizada, respeitando propriedades privadas e civis.

> Para além da discussão sobre a veracidade histórica dessas representações em conflito, é interessante observar os diferentes contextos históricos em que esses dois monumentos surgiram. O de Caxias surge numa época em que, por todo o mundo, proliferavam as comemorações nacionais; no caso do monumento a Zumbi, as práticas de memória estão sendo repensadas em muitos países e as representações do passado tendem a ser mais heterogênease plurais. Zumbi celebra o herói negro, não o herói da unidade nacional. Hoje,a ideia de Estado-nação está dessacralizada. Nações são vistas mais como construções simbólicas do que como entidades naturais, acabadas, com uma identidade e uma memória sagrada a ser preservada. Isso não quer dizer, como os críticos conservadores geralmente reclamam, que se trate de um processo de profanação que levará à "perda" de identidade nacional. O momento atualdas "batalhas de memória" é propício a uma maior pluralidade e diversidade de passados, e a história nacional nem sempre é a única ou a melhor medida daquilo que as pessoas sabem sobre seu passado. (CASTRO, 2002, p. 36-37, grifo do autor).

O que acontece é uma reescrita da história, uma batalha de memórias, como afirma Celso Castro (2002), onde concorrem diversos heróis ou candidatos à serem representantes de um grupo ou uma nação. A sacralidade de Caxias, por exemplo, de acordo com Castro (2002) incomoda a militares evangélicos e esse desconforto se evidencia em uma passagem do "Hino a Caxias" que diz "Salve Duque glorioso e sagrado".

No que se refere ao fim da Guerra do Paraguai, o fato de a Tríplice Aliança ter vencido a Guerra não significa que o Brasil obteve grandes ganhos. Além das inúmeras consequências políticas e sociais, a guerra acabou esgotando as finanças públicas e acelerando o endividamento com bancos ingleses, fato que já estava acontecendo anteriormente. A manutenção de um grande exército, também resultou em grandes gastos para o Império. O final da Guerra do Paraguai, diferente de outros conflitos em escala semelhante que envolvia nações centrais do sistema capitalista, não foi um trampolim para uma fase de expansão econômica para o vencedor.

Conhecer um pouco da trajetória de Duque de Caxias auxilia na compreensão das diversas aparições do Patrono do Exército e, também, Patrono da cidade de Duque de Caxias. A cidade de Duque de Caxias apresenta diversas representações de seu Patrono que se encontram em outros espaços além do museu. Em uma das entradas da cidade, pela Rodovia Washington Luiz, uma grande e imponente estátua daquele que concedeu seu nome à cidade. Um dos principais acessos à cidade é por uma de suas principais avenidas: a Avenida Brigadeiro Luiz Alves de Lima e Silva, popularmente conhecida como Brigadeiro. O reconhecimento popular que simplifica o nome da avenida a fim de facilitar o entendimento pode ser também um fator sintomático de que, em muitos casos, não existe uma associação clara do nome da via ao personagem. Tal fato pode ser exemplificado pelo símbolo de uma das principais padarias da cidade: a padaria Brigadeiro, que tem como símbolo um brigadeiro (sim, o doce).

A Avenida Brigadeiro Luiz Alves de Lima e Silva está localizada em um dos principais e mais nobres bairros da cidade: o bairro 25 de agosto, data do nascimento de Duque de Caxias. O bairro conta com grandes hospitais, um dos únicos hotéis da cidade que faz parte de uma rede internacional, universidade, shopping e possui residências avaliadas em milhões de reais.

No dia em que a foto foi tirada, a espada do Duque de Caxias havia sido roubada e a estátua possuía algumaspichações.

A Avenida Governador Leonel de Moura Brizola, uma das principais avenidas da cidade, passa pela Praça do Pacificador e é nesta avenida que se localiza a Catedral de Santo Antônio.

No Centro da cidade, está a Praça do Pacificador. Luiz Alves de Lima e Silva ficou assim conhecido em virtude de sua atuação no Império, sobretudo no que se refere às negociações com os chefes farroupilhas no Rio Grande do Sul, a qual na época o Barão de Caxias, agiu muito mais politicamente do que pelas armas (SOUZA, 2008).

Na Praça do Pacificador se encontrava o primeiro chafariz da cidade, onde a população buscava água. Hoje encontramos o Centro Cultural Oscar Niemeyer, onde se situa o “Teatro

Municipal Raul Cortez" e a "Biblioteca Governador Leonel de Moura Brizola", construções cujos projetos do arquiteto Niemeyer, que leva o nome da praça, estão eternizadas como as únicas na Baixada Fluminense por ele assinadas.

A Praça do Pacificador é mais uma homenagem a Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias. Trata-se de local de encontro de grupos culturais, religiosos, políticos, etc.. É a principal praça da cidade, onde os mais variados grupos se encontram, onde acontecem diversas manifestações culturais, feiras de livros, feiras livres, aulas de Hip Hop, Baile Charme, feira de doação de animais, atividades de saúde promovidas pela Secretaria de Saúde entre diversas outras ações. Ponto de encontro de jovens à noite. É um local de passagem importante para os trabalhadores da cidade por estar localizada em o Terminal Rodoviário e a Estação de Trem. É estratégica para comerciantes pela facilidade de transporte com pontos de taxi nos seus dois lados, pontos de ônibus, Terminais Rodoviários, estação de trem. É o principal palanque de políticos em período eleitoral. É o encontro de música, com um projeto chamado "Canto da Cidade" voltado para a valorização, fortalecimento e divulgação de artistas da cidade. Este projeto é fomentado por dois bares localizados na praça em uma parceria com a Secretaria Municipal de Cultural e Turismo. E quem poderia imaginar que a praça que leva um dos muitos nomes que o Duque de Caxias ficou conhecido, um dos principais militares do Império brasileiro, tão conhecido quanto polêmico, seria ponto de encontro de todas as "tribos", iria de panteão cívico à panteão cultural.

Nesta praça Patrono e Padroeiro se encontram nas festas religiosas. Esse encontro acontece na Festa de Santo Antônio, o Padroeiro.

Durante a festa, a praça se torna espaço de comemoração e peregrinação. Nela acontecem shows no palco externo do Teatro Municipal Raul Cortez[12] apresentação de quadrilhas da cidade, espetáculos teatrais, palestras, lançamentos de livros, aulas de culinária e um Circuito Gastronômico com stands dos principais restaurantes da cidade. É um encontro tão orgânico e plural quanto a composição populacional da cidade.

Beirando a Praça do Pacificador, na Avenida Governador Leonel de Moura Brizola ocorre, no dia 25 de agosto, feriado e aniversário de Duque de Caxias, um Desfile Cívico em todos os distritos da cidade, com a participação de diversas escolas públicas e particulares,

[12] O Teatro Municipal Raul Cortez possui o terceiro maior palco do estado do Rio de Janeiro e uma porta eletrônica que abre o palco para a praça, ou seja, é um palco reversível podendo acontecer apresentações em seu interior e em seu exterior, na Praça do Pacificador.

sendo um importante evento do calendário anual de comemorações. As comemorações são intensas, diferentemente do dia 7 de setembro, Dia da Independência, feriado em todo o País, dia em que não há desfiles em Duque de Caxias.

Pode-se destacar neste sentido a imagem de "Santo Antônio do Relento" localizado no Largo da Carioca, no Rio de Janeiro que tem uma representação justamente no que se refere às "invasões estrangeiras" na cidade.

> No episódio das invasões francesas de 1710, o governador do Rio de Janeiro invocou o santo para proteger a cidade contra os inimigos, e depois da vitória portuguesa, sua imagem foi colocada no muro do convento às vistas do povo,tendo sobre ela uma lâmpada permanentemente acesa como forma de ex-voto(MENEZES, 2004, p. 160).

Já no que se refere à característica apontada por Menezes (2004) como "alegre" e "festeiro" trata-se de um lado mais lúdico que pode estar relacionada às festas realizadas em sua homenagem, com as barracas, fogos, fogueiras, danças, músicas, bebidas, comidas, mastros votivos, jogos e grandiosas comemorações. Neste sentido, Menezes (2004) ainda aponta para a associação do santo aos cultos afro-brasileiros. A autora destaca a associação a Exu que se dá no Rio de Janeiro e Pernambuco.

> Santo Antônio talvez seja o principal santo da *umbanda* atualmente praticada no Rio de Janeiro, porque está associado aos *exus* (o "povo da rua", que algunsassociam aos demônios), intermediários entre os *orixás* e o mundo terreno. Basta dizer que no 13 de junho, dia da morte de frei Antônio e dia oficial do santo, os terreiros de umbanda celebram a grande festa dos *exus*. (VAINFAS,2003, p. 32, grifos do autor).

Já de acordo com Joana Bahia (2015) a imagem de Santo Antônio também pode ser associada a Ogum, o que acontece na Bahia e também no Rio de Janeiro, diferenciação que, segundo a autora, pode acontecer entre Umbanda e Candomblé.

Na umbanda, há o sincretismo de Ogum com Santo Antônio nas cidades dos Estados do Rio de Janeiro e da Bahia, sendo Ogum considerado o chefe de Exu. Embora Exu, no candomblé, seja o primeiro a ser referenciado sempre antes de qualquer outro orixá, na umbanda ele é subordinado a Ogum. E, nas duas religiões, eles são muito próximos, ou seja, para dar alguma coisa a Exué preciso referenciar Ogum. Quando se faz uma festa para Exu, também se referência Ogum. Quando se faz despacho para Exu, leva-se também uma oferenda para Ogum.

> No candomblé, não há hierarquia entre os dois, sendo eles considerados irmãos, pois ambos são orixás. Todo dia de Santo Antônio (13 de junho), em um dos famosos

> candomblés baianos, havia a feijoada no terreiro do Senhor Procópio de Ogum, devoto do santo. Na umbanda, Exu serve a Ogum, sendo esse homenageado no dia de Santo Antônio e também no dia de São Jorge. (BAHIA, 2015, p. 113-114).

Nesse sentido ainda, Lima (1997) destaca diversas outras associações referentes ao Santo Antônio nas religiões afro-brasileiras.

> Os negros no Brasil e, em particular na Bahia, sincretizaram Santo Antônio ao orixá Ogum, identificados, por ser Ogum, um orixá da guerra e das lutas e, por ter sido Santo Antônio, um soldado português, cuja vida movimentada, meio-história, meio-lendária, de aventuras guerreiras, chegou ao conhecimento do negro baiano, incorporando-se ao mundo dos orixás. No Rio, Santo Antônio é sincretizado ao orixá Oxossi e no Recife ao orixá Odé, etc. (LIMA, 1997, p. 5).

Outra característica do santo Brasil, que talvez seja uma das mais populares e que motive os conteúdos principais das promessas, seja sua fama de casamenteiro. Essa característica fez inclusive com que no Brasil, a véspera de sua festa se tornasse uma data conhecida como "Dia dos Namorados". Nesta data, inclusive, tem início diversas simpatias e promessas para o santo, no sentido de se conseguir encontrar um casamento. Para tal, com a crença popular, diversas "maldades" são feitas com a imagem do santo: roubar seu resplendor, bater, tirar o menino Jesus, colocar de cabeça para baixo em um copo de água, entre outros. De acordo com Menezes: "A literatura assinala que essas práticas "mágicas" viriam de reminiscências pagãs, já que no processo de sincretismo que deu origem às festividades católicas, as festas de Santo Antônio e dos demais santos de junho (São João, São Pedro) estariam associadas aos ritos de fertilidade do solstício de verão (solstício de inverno, no caso do hemisfério sul)" (MENEZES, 2004, p. 161, grifo do autor).

> Outra característica atribuída ao santo se refere à sua capacidade de encontrar coisas perdidas, fazendo com que seja invocado no cotidiano de seus devotos. Tal característica, apesar de apontada por Menezes (2004) como uma das quatro principais representações do santo no Brasil, parece menos recorrente, se comparada a fama de santo casamenteiro e as histórias e patentes por ele conquistadas como militar. Menezes (2004) aponta que existe uma oração própria para que os devotos possam encontrar os objetos perdidos chamada de "Responso" queseria "*baseado em um texto latino do ofício divino da festa antoniana, do qual existiriam inúmeras variantes, tanto em língua portuguesa quanto em língua latina*. (MENEZES, 2004, p. 162, grifo nosso).

Todas as características apontadas sinalizam que o Santo não seria limitado a uma presença divina somente nos altares, distante dos seus devotos. Ele está presente no cotidiano de seus devotos, mantendo uma relação de proximidade com seus fiéis.

2 O CULTO A SANTO ANTÔNIO EM DUQUE DE CAXIAS

2.1 **A Festa de Santo Antônio e a cidade**

Dentre tantas comemorações que rodeiam a cidade e refletem claramente a sua diversidade populacional – Carnaval, Folia de Reis, Dia da Baixada, Dia da Bíblia entre outros – destaco aqui duas que além de serem oficiais no calendário cultural da cidade, são também reconhecidas pela população local por sua grandiosidade e tradição: o Patrono, Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias e o Padroeiro, Santo Antônio.

A constituição de comemorações, heróis, símbolos ou algum elemento representativo para determinado local é algo constante, conforme afirma José Murilo de Carvalho, "Não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico" (2013, p. 55, grifo nosso). A escolha desses personagens, que representarão determinada comunidade, pode variar, partindo de um envolvimento real do povo, sendo amplamente reconhecida, ou com menor profundidade popular, o fato é que a construção de um panteão cívico é algo latente em qualquer sociedade. É notório que essas construções são, em geral, póstumas, sendo os representantes de determinada sociedade escolhido após a sua morte. "*No campo da memória, os contornos do sujeito são delimitados a partir das construções póstumas. Máscaras mortuárias, discursos por ocasião do enterro e biografia são algumas formas de manter viva a memória do indivíduo*" (ABREU, 1996, p. 67, grifo nosso).

A cidade de Duque de Caxias não poderia ser diferente. Tem como Padroeiro um dos Santos mais populares do mundo: Santo Antônio. A escolha de um Padroeiro para uma cidade deve ter algum tipo de aspiração popular, uma identificação com os moradores daquela localidade, levando-se em consideração a devoção daquelas pessoas, as romarias, tradições e, sobretudo, a identificação com as virtudes do Santo.

Para tratar sobre essa questão é importante trazer alguns pontos centrais:

1- A liberdade de culto e a construção das festas religiosas;
2- Como essa festa se constitui e é construída na cidade de Duque de Caxias, levando-se em consideração aspectos da Memória Social, Memória Local, História, Devoção, Educação, Comunicação e Cultura;
3- As relações existentes entre o que chamaremos aqui de Sagrado e Profano;
4- A relação entre Educação e Cultura, sobretudo no que se refere à "Festa Literária" que aconteceu entre os anos de 2013 e 2016;

5- Os registros da Festa Literária realizado através das mídias digitais que serão debatidos aqui, com destaque para o Facebook que é atualmente o guardião da memória deste relicário inserido na Festa de Santo Antônio durante 4 anos,

Para se compreender a Festa de Santo Antônio na cidade de Duque de Caxias, é substancial fazer um breve apanhado no que se refere à liberdade de culto no Brasil, sendo uma substancial característica desde a constituição de 1891 quando a religião católica deixou de ser a religião oficial. Entretanto, como herança da tradição católica, diversas datas comemorativas em homenagem à santos e santas são mantidas como feriados e comemorações oficiais.

É possível perceber que as festas religiosas ocupam espaço importante no calendário comemorativo do país e de seus estados e municípios apesar dos apontamentos de crescimento da religião evangélica e de uma diminuição do quantitativo de católicos. Ao compararmos os resultados do censo de 1991, 2000 e 2010, de acordo com o IBGE, a predominância de católicos no país caiu de 83,8% em 1991 para 73,8% em 2000 e 64,6% em 2010. Já o aumento de evangélicos foi bastante significativo sendo 9% em 1991, 15,4% no ano 2000 e 22,2% em 2010. Infelizmente não temos dados mais atuais, sobretudo em virtude da suspensão do Censo que seria realizado este ano (2021) pelo Governo Federal.

A Festa de Santo Antônio na cidade da Duque de Caxias, apesar de ser realizada em um conjunto que consiste sobretudo entre a Igreja, Prefeitura, Barraqueiros e Agentes Culturais da cidade, é substancial destacar um fato que não é isolado: existe a festa dentro da igreja, com as barracas das irmandades e congregações e a programação religiosa (o sagrado) e a festa na rua, com barracas de comidas típicas, shows e muita bebida (o profano).

A Festa de Santo Antônio acontece na cidade de Duque de Caxias há mais de 50 anos e é repleta de espaços de memórias. Mesmo antes da emancipação da cidade a comemoração já acontecia na região que era integrada ao território da cidade de Nova *Iguaçu* e tem o mesmo santo como padroeiro. Ao longo desse tempo, a comemoração foi lugar de muitas memórias que correspondem a trajetórias de indivíduos, grupos e até mesmo do espaço físico da Catedral de Santo Antônio.

Podemos dividir então as construções de memórias da Festa de Santo Antônio em Duque de Caxias em três enfoques. O primeiro deles refere-se aos “lugares de memória” (NORA,1993). Neste caso podemos destacar o lugar propriamente dito, de “pedra e cal” que seria a Catedral de Santo Antônio e o lugar imaterial que seria a Festa em si. Estes espaços de

recordação mobilizam memórias individuais e coletivas por meio da emoção e da afetividade, mas também são objetos de suas próprias memórias e histórias.

O terreno que atualmente está situado a Catedral de Santo Antônio está localizado no centro do município em questão. O prédio se destaca e se integra ao confuso contexto urbano de uma cidade repleta de problemas sociais. A história do prédio está diretamente ligada ao processo de criação da Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti, visto o crescimento das ações religiosas, culturais, sociais e educacionais promovidos pela Igreja na cidade entre os anos de 1940 e 1980. O novo prédio construído, guarda a memória também de uma antiga Matriz que foi a primeira da cidade e que apesar de ser considerada um patrimônio local, foi vendida para um empreendimento comercial com projeto de total modificação de sua estrutura. A história do prédio mais detalhada veremos a seguir. O robusto prédio constitui suporte de muitas memórias que acompanham a trajetória da cidade.

Outro "lugar de memória" é a Festa de Santo Antônio que, assim como a Igreja, também constitui suporte de memórias que se relacionam com a trajetória da cidade e com as memórias coletivas e individuais.

Durante o processo de pesquisa, não consegui estabelecer uma data precisa com relação ao início das comemorações ao santo padroeiro da cidade de Duque de Caxias. Encontrei apenas indícios e relatos de frequentadores da festa e de representantes da igreja e do poder público. A trajetória da festa está muito presente nas memórias de seus participantes, o que foi nos trazendo pistas importantes.

Esta comemoração tem lugar no âmbito da Catedral de Santo Antônio, se estendendo para parte da Avenida Governador Leonel de Moura Brizola[13], onde a Catedral está localizada, entre outros espaços da cidade, tais como o Centro Cultural Oscar Niemeyer e o calçadão comercial. O fato da festa ser realizada tanto no espaço de dentro quanto na rua da igreja em si é algo que já foi modificado e discutido diversas a cidade. Nos anos 1990, essa comemoração aconteceu em outros espaços da cidade, o que, de acordo com o Padre Benedito Zanobia, em entrevista realizada em 05 de novembro de 2016, dificultava a presença dos peregrinos e devotos na festa.

Entre religiosos, curiosos, poder público, agentes culturais e tantas pessoas que frequentam a Festa de Santo Antônio, estão aqueles que participam com um fim muito específico: a peregrinação, o agradecimento, o pagamento de promessas. Durante a pesquisa de campo, conheci algumas pessoas que tinham motivos bastante específicos para estarem na

[13] Antiga Avenida Presidente Kennedy, apesar de ainda ser conhecida por esse nome.

Festa. Eram casais que se conheceram na Igreja ou pessoas que precisavam agradecer bênçãos recebidas. Toda essa construção de fé faz parte da parte que eu chamo de sagrada da Festa. Uma festa que acontece dentro da Igreja, com a Programação Religiosa que tem início com a Trezena de Santo Antônio no dia 01 de junho e se estende até o dia 13, com seu encerramento no dia de Santo Antônio, geralmente.

Durante os dias da Festa oficialmente, no pátio da Igreja ficam barracas das Irmandades e Congregações vendendo comidas consideradas típicas, bem como barracas de brincadeiras. Entretanto, o dia mais esperado é o dia 13 de junho. Neste dia tanto dentro quanto fora da Igreja existe um mercado informal muito forte. Diversos trabalhadores ambulantes vendem artigos religiosos nas ruas ao longo dia. Comparativamente, pude perceber que em 2015 tal fato ficou ainda mais evidente quantitativamente. Com isso, as próprias irmandades e congregações criaram estratégias: seus membros circulavam no pátio da igreja vendendo artigos religiosos, além dos normalmente comercializados nas barracas. Montaram kits com o pãozinho de Santo Antônio e fitinha; Rosas, bolo de Santo Antônio. Ao invés de esperarem as pessoas comprarem nas barracas, adotaram uma estratégia mais ativa, interceptando as pessoas que estavam frequentando a igreja naquele dia.

No que se refere aos rituais, podemos dizer que é a realização de uma série de ritos. No caso da Festa de Santo Antônio na cidade de Duque de Caxias são realizadas missas, distribuição de pães, confissões, Procissão, entre outras atividades, que integram uma Programação Religiosa a qual varia muito pouco de um ano para outro. Trata-se de cerimônias elaboradas por uma tradição religiosa para celebrar o santo. São os métodos oficiais que a Igreja utiliza para a lembrança, devoção e fortalecimento da relação dos fiéis ao Santo Antônio.

> No primeiro plano da memória de um grupo, se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais frequentemente em contato com ele. As relacionadas a um número muito pequeno e às vezes a um único de seus membros, embora estejam compreendidas em sua memória (já que, pelo menos em parte, ocorreram em seus limites), passam para o segundo plano. Dois seres podem se sentir estreitamente ligados um ao outro, e terem em comum todos os seus pensamentos. Embora em certos momentos suas vidas decorram em ambientes diferentes, através de cartas, descrições ou por narrativas quando se aproximam, eles podem dar a conhecer um ao outro, detalhes de circunstâncias em que se encontravam quando já não estavam mais em contato, mas será preciso que se identifiquem um ao outro para que tudo o que de suas experiências fosse estranho para um ou para outro seja assimilado em um pensamento comum (HALBWACHS, 2006, p. 51).

A Festa de Santo Antônio em Duque de Caxias é uma apropriação da comunidade que vai além de preceitos religiosos. Mesmo que o significado da festa na rua também tenha a sua religiosidade, seu lado profano atrai diversos tipos de público, seja por conta de comidas ditas típicas, seja por conta de eventuais shows de artistas consagrados no cenário, seja pelo encontro com os amigos e a família, seja por ser a rua um lugar de passagem. Trata-se de uma festa que vem sendo realizada em grandes proporções, para um público estimado em 200 mil pessoas no ano de 2014, ano em que pesquisei, de acordo com dados da Defesa Civil Municipal, sendo grande a adesão popular.

2.2 **Meu Santo Antônio eu vou fazer uma promessa**

Santo Antônio é mundialmente conhecido por interceder por quem quer encontrar o amor da vida ou para resolver conflitos com a pessoa amada. Além disso, Santo Antônio também é o padroeiro dos pobres. Foi o primeiro santo português, batizado como Fernando, viveu no período colonial. Muito popular em Portugal, o santo foi difundido no Brasil nessa época em que o catolicismo sofria grande influência da religiosidade europeia do século XVI. Será o tema deste trabalho.

> Nos episódios históricos que resultaram na conquista e colonização do Brasil pelos portugueses, o poder temporal e o religioso atuavam juntos. Além da intenção comercial que abarrotava os navios com produtos a serem comercializados para gerar riquezas, também se buscava a conversão dos povos pagãos à verdade do cristianismo. Dessa forma, a ação missionária desempenhada por religiosos que sempre acompanhou os exploradores se tornou um importante fator de colonização. (OLIVEIRA, 1999, p. 72).

O Período Colonial foi imprescindível para a difusão do catolicismo e, consequentemente do culto aos santos no Brasil. Fazia parte do processo de ocupação trazer a religião para o "Novo Mundo" de diversas maneiras. A principal delas era através dos padres Jesuítas que faziam um trabalho missionário catequisando os povos indígenas, então considerados uma alma em branco. A manutenção da religião para aqueles que ocupavam essas terras também era fundamental, tanto que é uma característica das vilas que iam se formando e construindo as igrejas.

Por se tratar de um santo português, Santo Antônio tornou-se também uma bandeira de resistência no período da União Ibérica. No Brasil, a devoção a Santo Antônio foi conquistando diversos sentidos além daqueles que já integravam o seu culto vindo de Portugal. Neste sentido, de acordo com Krus e Caldeira (1999), foi nos séculos XVII e XVIII que o culto a Santo Antônio atingiu seu apogeu em Portugal quando sua imagem foi utilizada

"*numa lógica de funcionalidade política do sagrado*" (KRUS; CALDEIRA, 1999, p. 69, grifo nosso).

Santo Antônio foi, então, considerado "o defensor da Monarquia de Portugal" ao mesmo tempo que se aproveita um dos atributos mais conhecidos, a capacidade de reaver o perdido, para lhe ser pedida a intervenção no sentido de recuperar aquilo que a dominação estrangeira comprometera" (KRUS; CALDEIRA, 1999, p. 69).

Assim, entendemos pela afirmação de Krus e Caldeira (1999) que se tinha duas representações para a imagem do Santo: a primeira como "defensor da Monarquia" que pode ser associada a atribuição militar, que ficou evidente em diversas ocasiões no Brasil. A segunda representação se refere à capacidade de reaver coisas perdidas, um pouco menos utilizadas no Brasil. O fato é que são muitas as representações existentes para Santo Antônio. Câmara Cascudo considera que se trata de um dos santos de devoção mais popular no Brasil (CASCUDO, 1999), sendo objetivo de diversas práticas realizadas pelos seus fiéis e "*padroeiro de 515 paróquias e tratado mais comumente apenas por 'Santo Antônio', isto é, sem as referências de 'Pádua' ou de 'Lisboa'*" (MENEZES, 2004, p. 159, grifo nosso)[14].

Certo é que "os portugueses trouxeram para o Brasil a devoção a Santo Antônio. Esta devoção trazida de Lisboa, foi introduzida em Pernambuco, em 1550, quando foi erguida uma capela em louvor ao santo lisboeta, que deu origem ao primeiro convento carmelita no Brasil: Convento de Santo Antônio do Carmo, em Olinda. É o santo dos nichos e barraquinhas, e, também, o oráculo das povoações, soldados, o santo familiar, o desvendador de pedidos e protetor de casamento" (LIMA, 1997, p. 2).

Conforme Menezes (2004), podem ser observadas e definidas quatro representações em que o santo aparece no contexto brasileiro: ele aparece como "soldado", em um sentido de defesa territorial, como "alegre, bonachão e festeiro", que se enquadra nas festas em sua homenagem e, no sentido em que Lima (1997) destacou na citação acima, com os "nichos" e "barraquinhas" que, inclusive, são parte integrante de suas comemorações realizadas no Brasil e em outros países. Além destas, também pode ser representado como "casamenteiro", encontrando noivos para as moças e, por fim, como capaz de encontrar coisas perdidas. Todas essas representações são inseridas em alguns contextos históricos e/ou sociais.

O Santo teve como função, na tradição militar, a proteção do Estado Nacional Português, na defesa do país e de suas colônias, o que o levou às forças armadas inicialmente,

[14] Ver mais detalhes em Menezes (2004, p. 166).

quando o santo acompanhava diversos regimentos ao campo de batalha. De acordo com Vainfas: “O frei Antônio histórico nunca foi propriamente militar, embora combatesse com as armas da palavra pelo cristianismo romano contra infiéis e hereges. Mas o Santo Antônio de Lisboa, ao menos no Brasil, faria longa carreira de armas, batizando fortes e regimentos, interferindo em batalhas diretamente, e sendo ele mesmo – em imagem, é claro – condecorado, promovido e reconhecido por serviços prestados a El-Rei” (VAINFAS, 2003, p. 32).

Atuou em diversas funções no Brasil. Uma das representações mais marcantes do “Santo Antônio Militar” no Brasil, possui uma conexão com sua politização em um importante e dramático momento da colonização portuguesa, quando os holandeses ocuparam Salvador, de onde foram expulsos e, posteriormente, triunfarem em Pernambuco e em uma parte do Nordeste de 1630 até serem expulsos em 1654. Essa foi uma das diversas vezes em que Santo Antônio atuou na função de “soldado”, defendendo a colônia dos “invasores estrangeiros” e, recebendo soldo, patente e condecorações, sendo considerado o “patrono celestial do Exército Brasileiro” (PIO, 1987 *apud* MENEZES, 2004, p. 159).

Como heroico defensor da integridade do solo brasileiro, “o papel de Santo Antônio foi confirmado na Bahia onde o Padre Antônio Vieira, do púlpito da Igreja da Vitória, exaltando o triunfo sobre os holandeses, incita os fiéis a venerar com reconhecimento o afável Santo português. Em Goiás, Ouro Preto e por todo o Brasil, enfim. Em 07 de abril de 1707, foi nomeado capitão na Bahia. Em 19 de setembro de 1810, foi promovido a major, etc. E, só depois da queda do Império, a República retirou o soldo de Santo Antônio, aliás, de maneira muito habilidosa; exigindo o comparecimento do beneficiado ou do seu bastante procurador para o devido recebimento” (LIMA, 1997, p. 3).

Em 1956, de acordo com Lira, D. João VI conferiu a Santo Antônio a patente de Tenente Coronel do Exército Brasileiro pela importância de Santo Antônio nas questões relacionadas à defesa do território. Isto o fez atingir altos postos militares.

Pode-se destacar neste sentido a imagem de “Santo Antônio do Relento” localizado noLargo da Carioca, no Rio de Janeiro que tem uma representação justamente no que se refere às“invasões estrangeiras” na cidade.

> No episódio das invasões francesas de 1710, o governador do Rio de Janeiro invocou o santo para proteger a cidade contra os inimigos, e depois da vitória portuguesa, sua imagem foi colocada no muro do convento às vistas do povo, tendo sobre ela uma lâmpada permanentemente acesa como forma de ex-voto. (MENEZES, 2004, p. 160).

Já no que se refere à característica apontada por Menezes (2004) como “alegre” e “festeiro” trata-se de um lado mais lúdico que pode estar relacionada às festas realizadas em sua homenagem, com as barracas, fogos, fogueiras, danças, músicas, bebidas, comidas, mastros votivos, jogos e grandiosas comemorações. Neste sentido, Menezes (2004) ainda aponta para a associação do santo aos cultos afro-brasileiros. A autora destaca a associação a Exu que se dá no Rio de Janeiro e Pernambuco.

> Santo Antônio talvez seja o principal santo da *umbanda* atualmente praticada no Rio de Janeiro, porque está associado aos *exus* (o “povo da rua”, que alguns associam aos demônios), intermediários entre os *orixás* e o mundo terreno. Basta dizer que no 13 de junho, dia da morte de frei Antônio e dia oficial do santo, os terreiros de umbanda celebram a grande festa dos *exus.* (VAINFAS, 2003, p. 32, grifos do autor).

De acordo com Joana Bahia (2015) a imagem de Santo Antônio também pode ser associada a Ogum, o que acontece na Bahia e também no Rio de Janeiro, diferenciação que, segundo a autora, pode acontecer entre Umbanda e Candomblé.

> Na umbanda, há o sincretismo de Ogum com Santo Antônio nas cidades dos Estados do Rio de Janeiro e da Bahia, sendo Ogum considerado o chefe de Exu. Embora Exu, no candomblé, seja o primeiro a ser referenciado sempre antes de qualquer outro orixá, na umbanda ele é subordinado a Ogum. E, nas duas religiões, eles são muito próximos, ou seja, para dar alguma coisa a Exué preciso referenciar Ogum. Quando se faz uma festa para Exu, também se referência Ogum. Quando se faz despacho para Exu, leva-se também uma oferenda para Ogum. No candomblé, não há hierarquia entre os dois, sendo eles considerados irmãos, pois ambos são orixás. Todo dia de Santo Antônio (13 de junho), em um dos famosos candomblés baianos, havia a feijoada no terreiro do Senhor Procópio de Ogum, devoto do santo. Na umbanda, Exu serve a Ogum, sendo esse homenageado no dia de Santo Antônio e também no dia de São Jorge. (BAHIA, 2015, p. 113-114).

Nesse sentido ainda, Lima (1997) destaca diversas outras associações referentes ao Santo Antônio nas religiões afro-brasileiras: “Os negros no Brasil e, em particular na Bahia, sincretizaram Santo Antônio ao orixá Ogum, identificados, por ser Ogum, um orixá da guerra e das lutas e, por ter sido Santo Antônio, um soldado português, cuja vida movimentada, meio-história, meio-lendária, de aventuras guerreiras, chegou ao conhecimento do negro baiano, incorporando-se ao mundo dos orixás. No Rio, Santo

Antônio é sincretizado ao orixá Oxóssi e no Recife ao orixá Odé, etc." (LIMA, 1997, p. 5).

Outra característica do santo Brasil, que talvez seja uma das mais populares e que motive os conteúdos principais das promessas, seja sua fama de casamenteiro. Essa característica fez inclusive com que no Brasil, a véspera de sua festa se tornasse uma data conhecida como "Dia dos Namorados". Nesta data, inclusive, tem início diversas simpatias e promessas para o santo, no sentido de se conseguir encontrar um casamento. Para tal, com a crença popular, diversas "maldades" são feitas com a imagem do santo: roubar seu resplendor, bater, tirar o menino Jesus, colocar de cabeça para baixo em um copo de água, entre outros. De acordo com Menezes: "A literatura assinala que essas práticas "mágicas" viriam de reminiscências pagãs, já que no processo de sincretismo que deu origem às festividades católicas, as festas de Santo Antônio e dos demais santos de junho (São João, São Pedro) estariam associadas aos ritos de fertilidade do solstício de verão (solstício de inverno, no caso do hemisfério sul)" (MENEZES, 2004, p. 161, grifo do autor).

> Outra característica atribuída ao santo se refere à sua capacidade de encontrar coisas perdidas, fazendo com que seja invocado no cotidiano de seus devotos. Tal característica, apesar de apontada por Menezes (2004) como uma das quatro principais representações do santo no Brasil, parece menos recorrente, se comparada a fama de santo casamenteiro e as histórias e patentes por ele conquistadas como militar. Menezes (2004) aponta que existe uma oração própria para que os devotos possam encontrar os objetos perdidos chamada de "Responso" que seria "*baseado em um texto latino do ofício divino da festa antoniana, do qual existiriam inúmeras variantes, tanto em língua portuguesa quanto em língua latina*" (MENEZES, 2004, p. 162, grifo nosso).

Todas as características apontadas sinalizam que o santo não seria limitado a uma presença divina somente nos altares, distante dos seus devotos. Ele está presente no cotidiano de seus devotos, mantendo uma relação de proximidade com seus fiéis.

2.3 **O Culto a Santo Antônio no Brasil**

O Período Colonial foi imprescindível para a difusão do catolicismo e, consequentemente a culto aos santos no Brasil. Fazia parte do processo de ocupação trazer a religião para o "Novo Mundo" de diversas maneiras. A principal delas era através dos padres Jesuítas que faziam um trabalho missionário catequisando os povos indígenas, então

considerados uma alma em branco. A manutenção da religião para aqueles que ocupavam estas terras também era fundamental, tanto que é uma característica das vilas que iam se formando a construção de igrejas.

Quando a devoção à Santo Antônio foi trazida para o Brasil, foi conquistando diversos sentidos além daqueles que já integravam o seu culto vindo de Portugal. Neste sentido, de acordo com Krus e Caldeira (1999), foi nos séculos XVII e XVIII que o culto a Santo Antônio atingiu seu apogeu em Portugal quando sua imagem foi utilizada '*numa lógica de funcionalidade política do sagrado (*KRUS; CALDEIRA, 1999, p. 69, grifo nosso), tornando-se uma bandeira de resistência no período da União Ibérica, justamente por se tratar de um Santo português.

> Nessa qualidade é patrioticamente invocado como "o defensor da Monarquia de Portugal" ao mesmo tempo que se aproveita um dos atributos mais conhecidos, a capacidade de reaver o perdido, para lhe ser pedida a intervenção no sentido de recuperar aquilo que a dominação estrangeira comprometera. (KRUS; CALDEIRA, 1999, p. 69).

Podemos observar então na afirmação de Krus e Caldeira (1999) duas representações para a imagem do Santo: "a primeira como 'defensor da Monarquia' que pode ser associada a atribuição militar, que ficou evidente em diversas ocasiões no Brasil. A segunda representação se refere a capacidade de reaver coisas perdidas, um pouco menos utilizada no Brasil. O fato é que são muitas as representações existentes para Santo Antônio. Câmara Cascudo considera que se trata de um dos santos de devoção mais popular no Brasil" (CASCUDO, 1999), "sendo objetivo de diversas práticas realizadas pelos seus fiéis e '*padroeiro de 515 paróquias e tratado mais comumente apenas por 'Santo Antônio', isto é, sem as referências de 'Pádua' ou de 'Lisboa'*" (MENEZES, 2004, p. 159, grifo nosso)[15]

> Os portugueses trouxeram para o Brasil, a devoção de Santo Antônio. A devoção a Santo Antônio de Lisboa, foi introduzida em Pernambuco, em 1550, quando foi erguida uma capela em louvor ao santo lisboeta, que deu origem ao primeiro convento carmelita no Brasil: Convento de Santo Antônio do Carmo, em Olinda. É o santo dos nichos e barraquinhas, e, também, o oráculo das povoações, soldados, o santo familiar, o desvendador de pedidos e protetor de casamento. (LIMA, 1997, p. 2).

[15] Ver mais detalhes em Menezes (2004, p. 166).

Podem ser observadas e definidas quatro representações em que o santo aparece no contexto brasileiro, segundo Menezes (2004): ele aparece como "soldado", em um sentido de defesa territorial, como "alegre, bonachão e festeiro", que se enquadra nas festas em sua homenagem e no sentido em que Lima (1997) destacou na citação acima, com os "nichos" e "barraquinhas" que, inclusive, são parte integrante de suas comemorações realizadas no Brasil e em outros países. Além destas, também pode ser representado como "casamenteiro", encontrando noivos para as moças e, por fim, como capaz de encontrar coisas perdidas. Todas essas representações são inseridas em alguns contextos históricos e/ou sociais.

A tradição de militar teve sua origem em Portugal quando o Santo teve como função a proteção do Estado Nacional Português, na defesa do país e de suas colônias, o que o levou às forças armadas inicialmente, quando o santo acompanhava diversos regimentos ao campo de batalha. De acordo com Vainfas: "O frei Antônio histórico nunca foi propriamente militar, embora combatesse com as armas da palavra pelo cristianismo romano contra infiéis e hereges. Mas o Santo Antônio de Lisboa, ao menos no Brasil, faria longa carreira de armas, batizando fortes e regimentos, interferindo em batalhas diretamente, e sendo ele mesmo – em imagem, é claro – condecorado, promovido e reconhecido por serviços prestados a El-Rei" (VAINFAS, 2003, p. 32).

> No Brasil, atuou em diversas funções. Uma das representações mais marcantes do "Santo Antônio Militar" no Brasil, possui uma conexão com sua politização em um importante e dramático momento da colonização portuguesa, quando os holandeses ocuparam Salvador, de onde foram expulsos e, posteriormente, triunfarem em Pernambuco e em uma parte do Nordeste de 1630 até serem expulsos em 1654. Essa foi uma das diversas vezes em que Santo Antônio atuou na função de 'soldado', defendendo a colônia dos 'invasores estrangeiros' e, recebendo soldo, patente e condecorações, sendo considerado o 'patrono celestial do Exército Brasileiro. (PIO, 1987 *apud* MENEZES, 2004, p. 159).

A importância de Santo Antônio nas questões relacionadas à defesa do território foi tamanha que o fez atingir altos postos militares, sendo, de acordo com Lira (1956), inclusive condecorado por D. João VI que lhe conferiu a patente de Tenete Coronel do Exército Brasileiro.

Pode-se destacar neste sentido "a imagem de 'Santo Antônio do Relento' localizado no Largo da Carioca, no Rio de Janeiro que tem uma representação justamente no que se refere às "invasões estrangeiras" na cidade. No episódio das invasões francesas de 1710, o governador do Rio de Janeiro invocou o santo para proteger a cidade contra os inimigos, e depois da vitória portuguesa, sua imagem foi colocada no muro do convento às vistas do povo, tendo

sobre ela uma lâmpada permanentemente acesa como forma de ex-voto”(MENEZES, 2004, p. 160).

> O papel de Santo Antônio como heroico defensor da integridade do solo brasileiro, foi confirmado na Bahia onde o Padre Antônio Vieira, do púlpito da Igreja da Vitória, exaltando o triunfo sobre os holandeses, incita os fiéis a venerar com reconhecimento o afável Santo português. Em Goiás, Ouro Preto, por todo o Brasil, enfim. Em 07 de abril de 1707, foi nomeado capitão na Bahia. Em 19 de setembro de 1810, foi promovido a major, etc. E, só depois da queda do Império, a República retirou o soldo a Santo Antônio, aliás, de maneira muito habilidosa; exigindo o comparecimento do beneficiado ou do seu procurador bastante para o devido recebimento. (LIMA, 1997, p. 3).

Entretanto, no que se refere à característica apontada por Menezes (2004) como “alegre” e “festeiro” trata-se de um lado mais lúdico que pode estar relacionado às festas realizadas em sua homenagem, com as barracas, fogos, fogueiras, danças, músicas, bebidas, comidas, mastros votivos, jogos e grandiosas comemorações. Neste sentido, Menezes (2004) ainda aponta para a associação do santo aos cultos afro-brasileiros. A autora destaca a associação a Exu que se dá no Rio de Janeiro e Pernambuco.

Joana Bahia (2015) associa a imagem de Santo Antônio à de Ogum, o que acontece na Bahia e também no Rio de Janeiro, diferenciação que, segundo a autora, pode acontecer entre Umbanda e Candomblé. Na umbanda, há o sincretismo de Ogum com Santo Antônio nas cidades dos Estados do Rio de Janeiro e da Bahia, sendo Ogum considerado o chefe de Exu. Embora Exu, no candomblé, seja o primeiro a ser referenciado sempre antes de qualquer outro orixá, na umbanda ele é subordinado a Ogum. E, nas duas religiões, eles são muito próximos, ou seja, para dar alguma coisa a Exu é preciso referenciar Ogum. Quando se faz uma festa para Exu, também se referência Ogum. Quando se faz despacho para Exu, leva-se também uma oferenda para Ogum. No candomblé, não há hierarquia entre os dois, sendo eles considerados irmãos, pois ambos são orixás. Todo dia de Santo Antônio (13 de junho), em um dos famosos candomblés baianos, havia a feijoada no terreiro do Senhor Procópio de Ogum, devoto do santo. Na umbanda, Exu serve a Ogum, sendo esse homenageado no dia de Santo Antônio e também no dia de São Jorge (BAHIA, 2015, p. 113-114).

Nesse sentido ainda, Lima (1997) destaca diversas outras associações referentes ao Santo Antônio nas religiões afro-brasileiras: “Os negros no Brasil e, em particular na Bahia, sincretizaram Santo Antônio aoorixá Ogum, identificados, por ser Ogum, um orixá da guerra e das lutas e, por ter sido Santo Antônio, um soldado português, cuja vida movimentada, meio-história, meio-lendária, de aventuras guerreiras, chegou ao conhecimento do negro baiano,

incorporando-se ao mundo dos orixás. No Rio, Santo Antônio é sincretizado ao orixá Oxóssi e no Recife ao orixá Odé, etc."(LIMA,1997, p. 5).

Uma das mais populares características do santo Brasil e que motive os conteúdos principais das promessas, seja sua fama de casamenteiro. Essa característica fez inclusive com que no Brasil, na véspera de sua festa se tornasse uma data conhecida como "Dia dos Namorados". Nesta data, inclusive, tem início diversas simpatias e promessas para o santo, no sentido de se conseguir encontrar um casamento. Para tal, com a crença popular, diversas "maldades" são feitas com a imagem do santo: roubar seu resplendor, bater, tirar o menino Jesus, colocar de cabeça para baixo em um copo de água, entre outros. De acordo com Menezes: "A literatura assinala que essas práticas "mágicas" viriam de reminiscências pagãs, já que no processo de sincretismo que deu origem às festividades católicas, as festas de Santo Antônio e dos demais santos de junho (São João, São Pedro) estariam associadas aos ritos de fertilidade do solstício de verão (solstício de inverno, no caso do hemisfério sul)" (MENEZES, 2004, p. 161, grifo do autor).

> Outra característica atribuída ao santo se refere à sua capacidade de encontrar coisas perdidas, fazendo com que seja invocado no cotidiano de seus devotos. Tal característica, apesar de apontada por Menezes (2004) como uma das quatro principais representações do santo no Brasil, parece menos recorrente, se comparada a fama de santo casamenteiro e as histórias e patentes por ele conquistadas como militar. Menezes (2004) aponta que existe uma oração própria para que os devotos possam encontrar os objetos perdidos chamada de 'Responso' queseria '*baseado em um texto latino do ofício divino da festa antoniana, do qual existiriam inúmeras variantes, tanto em língua portuguesa quanto em língua latina*. (MENEZES, 2004, p. 162, grifo nosso).

Todas as características apontadas sinalizam que o santo não seria limitado a uma presença divina somente nos altares, distante dos seus devotos. Ele está presente no cotidiano, mantendo uma relação de proximidade com seus fiéis.

2.4 **As Festas de Santos**

Desde promulgada a Constituição de 1891, a liberdade de culto é uma importante característica do Brasil. A religião católica deixou de ser a religião oficial. Entretanto, como herança da tradição católica, diversas datas comemorativas em homenagem a santos e santas são mantidas como feriados e comemorações oficiais.

As festas religiosas ocupam espaço importante no calendário comemorativo do país e de seus estados e municípios apesar dos apontamentos de crescimento da religião evangélica e de uma diminuição do quantitativo de católicos. Ao compararmos os resultados do censo de 1991, 2000 e 2010, de acordo com o IBGE, a predominância de católicos no país caiu de 83,8% em 1991 para 73,8% em 2000 e 64,6% em 2010. Em contrapartida, o aumento de evangélicos foi bastante significativo sendo 9% em 1991, 15,4% no ano 2000 e 22,2% em 2010 (IBGE, 2015).

Podemos afirmar a existência de uma multiplicidade religiosa brasileira que aponta para um universo repleto de conflitos que passam das possíveis relações individuais alcançando altos índices estatísticos. Entretanto, cabe destacar uma questão importante: apesar desta queda significativa e irreversível do catolicismo no Brasil, os dados apontam que ainda há predominância da religião católica e as festas religiosas mantêm seu lugar de destaque. Tais festas podem ser consideradas significativas em âmbito nacional, por manterem um calendário oficial de comemorações religiosas, as quais são consideradas inclusive feriados nacionais, destacando-se as datas da Paixão de Cristo, Páscoa, Corpus Christi, Nossa Senhora Aparecida (considerada a Padroeira do Brasil) e o Natal. Não tenho pretensão de tratar profundamente de tais questões neste trabalho, mas considero que tal informação seja significativa para uma compreensão do cenário vivenciado no Brasil nas últimas décadas.

Não obstante o crescente quantitativo de pessoas que se declaram evangélicos se contrapondo aos que se declaram católicos – que estão em queda – as festas de santos permanecem importantes no cenário nacional, integrando inclusive políticas de preservação de patrimônio imaterial no país. Trata-se de fenômenos devocionais que ocorrem em diversas regiões do país de acordo com calendários municipais, estaduais e federal. De acordo com Renata Menezes, estas comemorações consistem em "festas populares" onde está em jogo, "*o poder de convocação e agregação do santo padroeiro e dos organizadores dos festejos, bem como das redes de apoio externas ao espaço ritual acionadas para sustentar a celebração*" (MENEZES, 2004, p. 16, grifo nosso).

Inseridas no contexto das "festas populares" estão as "festas de santos". Estas festas são destinadas "*a celebrar um santo e, através da celebração, capturar e reter favores divinos para o indivíduo ou para a comunidade que a comemoram; mantendo aberto um canal de comunicação entre o santo e os devotos; o Céu e a Terra*" (MENEZES, 1996, p. 15, grifo nosso). As festas de santos no país podem ser consideradas expressões da vitalidade do catolicismo. Esse catolicismo marcado por grandes manifestações externas de fé foi uma herança recebida no século XIX que ficou conhecida como "catolicismo colonial" quando essas

festas religiosas organizadas pelas irmandades em homenagem aos santos padroeiros ou de devoção eram o ponto máximo dessas associações. Havia uma grande preocupação tanto por parte de autoridades civis, quanto de autoridades religiosas com relação à continuidade da ordem, sobretudo pela confusão que poderia acontecer entre práticas sagradas e profanas nas comemorações externas, bem como, nas comemorações realizadas dentro das próprias igrejas (ABREU, 1994, p. 183-184).

As festas de junho que acontecem em homenagem e devoção a Santo Antônio, São Pedro e São João remontam ao período colonial e teriam sido trazidas pelos portugueses. O "ciclo lusitano" é a "reinterpretação", ou "apropriação" dos fenômenos devocionais praticados em alguns santuários existentes como representativos do "legado cultural português" ao Brasil, através da ênfase na semelhança ou continuidade entre o culto neles celebrado e aqueles realizados em Portugal. Assim, a existência de "elementos" da cultura portuguesa é sublinhada, e frequentar esses santuários passa a ser uma forma de demarcar a identidade portuguesa diante da identidade brasileira (MENEZES, 1996, p. 31, grifos do autor).

"As 'festas de santos' acontecem em todo o território brasileiro e são signos de emoção, corporeidade, devoção, curiosidade, celebração, fé, peregrinação e até mesmo a convivência do sagrado com o profano. Para o antropólogo Roberto DaMatta (1986), estas festas representam "dramatizações programadas". O antropólogo estabelece uma distinção entre os ritos que integram os *feriados nacionais*, com destaque para o carnaval e o Dia da Pátria, vinculados diretamente à construção de uma identidade nacional mais abrangente, e as *festas de santos*, que estão vinculadas a grupos de devotos ou a grupos mais restritos" (DAMATTA, 1986, p. 46).

Os grupos se articulam de variadas maneiras. O processo para a realização dessas festas se inicia pelos organizadores que, no caso das festas de santos, integram a igreja – padres e membros de irmandades e congregações – e, em alguns casos, apoios do poder público e iniciativa privada. Em seguida, se articulam os participantes da festa, sejam devotos, peregrinos ou mesmo curiosos. São milhares de pessoas reunidas com diversificados objetivos. No caso das festas de santos, a música, a culinária e os rituais são sempre bem marcantes e atraem diversos tipos de público.

> Todas as sociedades alternam suas vidas entre rotinas e ritos, trabalho e festa,corpo e alma, coisas dos homens e assunto dos deuses, períodos ordinários – onde a vida transcorre sem problemas – e as festas, os rituais, as comemorações, os milagres e as ocasiões extraordinárias, onde tudo pode ser iluminado e visto por novo prisma, posição, perspectiva, ângulo... (DAMATTA, 1986, p. 40).

Renata Menezes (2009) afirma que as pesquisas referentes às festas populares, e especialmente sobre as festas de santos, têm crescido substancialmente no Brasil desde a segunda metade da década de 1990. A pesquisadora faz uma discussão no que se refere ao aumento das pesquisas referentes a este tema e destaca três motivos. O primeiro estaria relacionado à reinterpretação do conceito de *performance*, incorporado pelas Ciências Sociais, sobretudo pela Antropologia.

> O tratamento das festas a partir dessa noção tem permitido colocar em foco questões sobre as modalidades de interação entre seus participantes; sobre as formas de experiência vivenciadas pelos atores sociais no desenrolar dos eventos; sobre os modos de transmissão de conhecimento e o papel dos rituais na construção (e não apenas na expressão) de representações do mundo social – dimensões que em abordagens anteriores não assumiam destaque, ou mesmo estavam ausentes. O uso do conceito de performance possibilitaria ainda uma redefinição do conceito de ritual a partir de teorias teatrais e teorias de representação do mundo social, e não mais apenas através de teorias da religião. (MENEZES, 2009, p. 180).

A reinterpretação do conceito de *performance* possibilitou sua ressignificação e uma quebra de barreiras em seu uso. De acordo com Antônio Herculano Lopes ([1994]), foi a partir da década de 1950, na língua inglesa que seu uso foi para além do sentido corrente.

> A quebra de barreiras que o conceito de performance ensejou não se limitou às fronteiras entre gêneros artísticos em si, tendo as artes buscado inspiração em outras expressões performáticas, como ritos religiosos, atividades esportivas e mesmo práticas cotidianas. Isto levou a um movimento de aproximação das artes com as áreas de conhecimento que lidam com tais práticas, em especial a antropologia. (LOPES, [1994], p. 6).

O segundo motivo estaria associado ao crescente interesse de jovens de setores urbanos por essas comemorações (manifestações folclóricas e festas, incluindo as festas de santos) a partir dos anos de 1990 (MENEZES, 2009). Esse interesse despertou além da participação nesses tipos de celebrações, também o aumento da produção científica sobre o tema, conforme observamos nesse capítulo.

O terceiro motivo estaria relacionado à implementação pelos órgãos públicos de políticas públicas relacionadas ao "patrimônio cultural de natureza imaterial". O reconhecimento de manifestações culturais como patrimônio intangível abriu espaço para que festas e celebrações adquirissem maior reconhecimento e visibilidade. Uma das mais importantes políticas públicas neste sentido foi implementada pelo órgão do Governo Federal, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), por meio do Decreto 3.551 de 4 de agosto de 2000 que instituiu o Registro de bens Culturais da Natureza Imaterial,

constituindo o patrimônio cultural brasileiro e criando o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial[16].

Outros órgãos públicos, estaduais e municipais, vêm seguindo na mesma linha, oficializando e reconhecendo manifestações culturais diversas, incluindo as "festas de santos". No caso, do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, as "festas de santos" estão sendo objeto de inventários e registros. Estes últimos implicam num reconhecimento de mais alto grau pelo Estado brasileiro. Os dossiês de algumas "festas de santos" passaram a integrar os livros de registros das Celebrações[17].

São oito "festas de santos" registradas como patrimônio imaterial do Brasil pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional): o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, no Pará, a Festa de Sant´Ana de Caiacó, no Rio Grande do Norte, a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, em Goiás, a Festa do Divino de Paraty, no Rio de Janeiro, a Festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim, na Bahia, as Festividades do Glorioso São Sebastião, na Região do Marajó, Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha e, a Romaria de Carros de Bois da Festa do Divino Pai Eterno, de Trindade[18].

Estes ‘registros’ trouxeram grande contribuição para o estudo das "festas de santos" pois implicaram em construções de dossiês detalhados sobre cada uma destas manifestações culturais. Estas construções abrangem uma completa pesquisa sobre a história da região, o processo de ocupação, o processo de pesquisa, etnografia, características do objeto de pesquisa, entrevistas, referências, documentos e diversas outras fontes que considerarem pertinentes para que os dossiês tenham informações completas sobre determinada manifestação. Para que as festas sejam reconhecidas como Patrimônio Cultural, o IPHAN contrata serviços técnicos especializados utilizando a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais que ‘*permite descrever a festa através da perspectiva de seus participantes e indicar o lugar que ela ocupa na dinâmica da sociedade local, verificando, ao mesmo tempo, o modo como esta*

---

[16] Ver mais em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/761/

[17] O dispositivo do "Registro" não é apenas um instrumento análogo de tombamento e sim um recurso de reconhecimento e valorização do patrimônio imaterial. Os bens selecionados são registrados em livros específicos de acordo com 4 categorias: “Saberes”, “Celebrações”, “Formas de Expressão” e “Lugares”. O "registro" de uma manifestação cultural considerada pelo IPHAN como relevante para expressar a diversidade cultural do país pressupõe um rito complexo com um conjunto de procedimentos e atores sociais. Entendendo que a cultura é dinâmica e aberta a transformações, o IPHAN instituiu o dispositivo do Plano de Salvaguarda, onde cada manifestação cultural "registrada" deve passar por contínuas reavaliações a cada dez anos.

[18] Até o último acesso ao site do IPHAN antes da defesa desta Tese, o site da IPHAN ainda não estava atualizado com todas as informações sobre o processo de registro das seguintes celebrações: Festividades do Glorioso São Sebastião na Região do Marajó, Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha e a Romaria de Carros de Bois da Festa do Divino Pai Eterno de Trindade

dinâmica local toma forma na dimensão da festa" (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2010c, p. 5, grifo nosso).

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré tem data de registro do dia 05 de outubro de 2004, configurando-se na mais antiga celebração religiosa reconhecida como bem cultural pelo IPHAN. A comemoração que acontece em Belém, capital do estado do Pará, leva milhares de fiéis às ruas. A festa é realizada a mais de 200 anos, e tem tamanha importância a ponto de ter as principais ruas da capital Belém fechadas. As ruas são amplamente decoradas e seus moradores ocupam janelas e sacadas aguardando a passagem da imagem da santa. Um dos elementos mais característicos dessa procissão é a *corda.* Este elemento foi inserido na procissão no ano de 1855 para que o povo ajudasse a tirar a *berlinda* de um atoleiro. Com isso, atualmente a *corda* perdeu seu significado prático original, no entanto, seu aspecto simbólico e aproximação do sagrado permanece. (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2004).

No segundo domingo de outubro de cada é realizada a Festa do Círio de Nazaré, já definida como um "complexo ritual", pois reúne não só várias procissões, mas completa-se com o *arraial* (originalmente uma grande feira) e o *almoço do Círio.* (ALVES, 2005, grifos do autor).

Já o "registro" da Festa de Sant´Ana de Caiacó (RN) ocorreu no dia 10 de dezembro de 2010 (processo nº 01450.004977/2008-26). De acordo com o dossiê elaborado pelo IPHAN trata-se de "um bem cultural da mais alta importância para a vida dos sertanejos do Rio Grande do Norte, e para pessoas que, vindas das mais diversas partes do Brasil e do mundo, afluem para o Seridó Potiguar no período da Festa" (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2010b, p. 6). Esta festividade atrai diversos agentes, como pagadores de promessas, devotos, pesquisadores, turistas e, até mesmo curiosos, em uma troca de experiências culturais e de fé. É uma festa que une diversos elementos da cultura sertaneja, incluindo indumentárias, culinária, trabalhos em couro e artesanato.

A Festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim na Bahia, datada de 05 de junho de 2013 (processo nº01450.000828/2010) constitui outro "registro" no livro de Celebrações do IPHAN. Essa é uma festa em homenagem ao Jesus Crucificado e acontece anualmente no mês de janeiro. Como a maior parte das festividades religiosas, a Festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim tem início com uma novena e seu ponto alto consiste em uma procissão que percorre as cidades com os santos enfeitados. No entanto, de acordo com pesquisa produzida para o inventário do IPHAN (2013b), grande parte dos devotos e estudiosos da festa consideram o momento ápice da demonstração de fé, a lavagem das escadas da igreja que acontece na

segunda e quinta-feira após o Dia de Reis – ato associado ao culto de Oxalá, orixá do panteão do Candomblé –, no meio daprogramação católica.

Fora do âmbito dos registros do IPHAN, diversas leis em âmbito municipais, estaduais e federal foram criadas como forma de reconhecimento das festas em celebração aos santos católicos. Neste sentido, abordaremos aqui as leis que se referem ao estado do Rio de Janeiro e cidades de Duque de Caxias e Rio de Janeiro.

No estado do Rio de Janeiro em 2008 a Lei nº 5.198 foi promulgada e o governador determinou que o dia 23 de abril, considerado dia de São Jorge seria também feriado. A data já era considerada feriado no município do Rio de Janeiro desde o dia 13 de novembro de 2001 e foi revogada quando este passou a ser um feriado estadual. As festas em homenagem à São Jorge acontecem em diversos locais do estado: arredores de igrejas, espaços de escolas de samba, ruas, praças entre outros locais.

Uma das principais festas em homenagem ao Santo acontece no bairro de Quintino Bocaiúva, na cidade do Rio de Janeiro. A pesquisadora Bianca Arruda desenvolveu sua dissertação de Mestrado realizando uma pesquisa etnográfica nas celebrações que acontecem na Paróquia de São Jorge do bairro. Em sua pesquisa, Arruda (2008) destaca que se trata de uma festa com amplo apelo midiático, sobretudo pela sua grandiosidade e tradição, tendo como destaque pelos meios de comunicação as comemorações que acontecem nos arredores de igrejas católicas. A festa em homenagem a São Jorge é uma das mais populares da igreja católica e também do candomblé, o que apresenta significativas rupturas e encontros em meio a diversas práticas realizadas nesta comemoração, conforme destaca Arruda: "A participação na Missa da Alvorada, a compra de "fitinhas" para benzer e distribuir entre amigos e parentes, a feitura de feijoada, a compra de cerveja, a doação de camisas com a imagem do santo, a queima de fogos, o uso de guias e medalhas, e as saudações "Salve!" e "Viva!" São Jorge, são também modos de particularizar as relações com o santo de devoção e de evocar e conformar práticas votivas consideradas razoáveis para celebrá-lo"(ARRUDA, 2008, p. 87, grifos do autor).

É importante destacar as datas comemorativas aos santos no Rio de Janeiro e Duque de Caxias. Na capital do estado são dois os feriados religiosos: o dia de 20 de janeiro, dia de São Sebastião e dia de São Jorge que, conforme ressaltado anteriormente, se tornou um feriado estadual.

As festas em devoção a São Sebastião também são muito populares e ocorrem em diversos bairros. Uma pesquisa que podemos destacar foi desenvolvida pelo pesquisador Bartolomeu Tito Figueirôa de Medeiros que observou duas procissões em honra a São Sebastião

do Rio de Janeiro: uma realizada no largo do Russel, no bairro da Glória e na Rua Haddock Lobo, no bairro da Tijuca.

Em Duque de Caxias destaca-se o feriado em homenagem a Santo Antônio, o Padroeiro da cidade. O dia de Santo Antônio é comemorado com uma festa que acontece durante 5dias e a cada ano que passa conquista um público maior. A trezena ao santo e, assim como outras comemorações religiosas, têm como seu momento mais importante a procissão, onde os fiéis rezam e tocam a imagem, fazendo pedidos, agradecimentos e pagando suas promessas.

A antropóloga Renata Menezes vem se destacando no campo de estudos das "festas populares". Seus estudos compreendem festas que ocorrem em bairros da cidade do Rio de Janeiro, como a Festa da Penha, no bairro da Penha, subúrbio carioca. Na festividade que acontece durante o mês de outubro até a primeira semana de novembro, milhares de fiéis comparecem ao Santuário Mariano[19]de Nossa Senhora da Penha para celebrar a Santa.

> A Festa da Penha, assim como outras festas de santos, tem indícios de sua origem em Portugal. Seu início teria se propagado através da influência de Antônio Simões, um entalhador preso pelos muçulmanos após a derrota portuguesa na Batalha de Alcácer Quibir, na segunda metade do século XVI, após prometer esculpir sete imagens caso conseguisse fugir, o que teria acontecido. Mas a força em território português teria acontecido durante o surto da peste negra. O Senado teria prometido à Santa fazer uma procissão anual caso detivesse a doença. Como a peste cessou em 1958, no ano de 1959 teria acontecido a primeira procissão em sua homenagem. (MENEZES, 1996, p.13).

Trata-se de uma festa de grande importância por sua grandiosidade e seu caráter turístico, tendo se convertido em objeto de estudos de pesquisadores e folcloristas, além de estar presente em diversos calendários institucionais e oficiais no que se refere às celebrações religiosas no estadodo Rio de Janeiro.

> Um sinal da importância atribuída à festa está na sua presença em diversos calendários institucionais - onde aparece registrada enquanto o evento significativo do mês de outubro -, como no calendário religioso da Arquidiocese do Rio de Janeiro, no calendário de eventos divulgado pela TURISRIO - Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro; ou em calendários de festas tradicionais do Estado do Rio de Janeiro, como os produzidos pela Divisão do Folclore do INEPAC - Instituto Estadual de Patrimônio Cultural. O mesmo acontece nos calendários municipais. Assim, podemos constatar através dessas inserções variadas que a Festa da Penha é classificada como um evento simultaneamente religiosos, turístico e tradicional do estado e da cidade do Rio de Janeiro. (MENEZES, 1996, p. 13).

---

[19] De acordo com Menezes, Santuário Mariano significa "ser um lugar especial para o culto a Maria" (MENEZES, 1996, p. 21).

Já no Brasil, o culto à Santa teria se iniciado em quatro cidades diferentes: "No Espírito Santo (em 1566 a ermida; em 1570 o templo), no Rio de Janeiro (em 1635), no Recife (1656) e em São Paulo (em data anterior a 1667), posteriormente propagando-se para outros lugares. É interessante notar que o templo do Espírito Santo foi criado ainda no século XVI, mais de meio século antes dos outros, sendo mesmo anterior ao templo de Portugal. Tal fato poderia ser atribuído à origem espanhola de seu fundador, pois o culto de Nossa Senhora da Penha teria se propagado quase um século antes na Espanha, para depois atingir Portugal" (MENEZES, 1996, p. 31).

Além de atrair diversos turistas, a festa que acontece no bairro da Penha é tradicional entre os moradores. O Santuário Mariano localizado no alto do bairro é considerado um ponto turístico da cidade. Apesar da sua localização privilegiada, sendo possível visualizá-lo de diversos pontos da cidade[20], a violência e os intensos tiroteios assustam os visitantes. Ainda assim, é uma festividade que movimenta o bairro, atraindo a população local, peregrinos e turistas.

2.5 **A Construção do Padroeiro**

A escolha do Padroeiro de uma cidade deve ter algum tipo de aspiração popular, uma identificação com os moradores daquela localidade, levando-se em consideração a devoção daquelas pessoas, as romarias, tradições e, sobretudo, a identificação com as virtudes do Santo.

Renata Menezes (2004) tem um dos mais importantes trabalhos sobre o tema das festas de santos, especialmente das festividades em homenagem a Santo Antônio, atualmente com a pesquisa sobre o cotidiano e sociabilidade em um santuário católico, tendo como objeto de pesquisa o Convento de Santo Antônio, na cidade do Rio de Janeiro. O convento está situado no Largo da Carioca, no centro do Rio, Rua da Carioca e a Avenida República do Chile. Trata-se uma casa de religiosos masculinos, pertencentes à Ordem dos Frades Menores Franciscanos, datada do início do século XVIII, cuja a igreja, também dedicada a Santo

[20] Inclusive é o primeiro ponto turístico da cidade do Rio de Janeiro que os viajantes conseguem visualizar ao aterrissar no Aeroporto Antônio Carlos Jobim. O Santuário Mariano pode ser visto da Linha Vermelha.

Antônio, éaberta diariamente ao atendimento do público. Uma vez por semana, às terças-feiras, a presença dos visitantes aumenta, e cerca de cinco mil pessoas aí comparecem, principalmente para tomar a benção de Santo Antônio (MENEZES, 2004, p. 9).

Santo Antônio é um dos santos mais populares da Igreja Católica, que atrai muitos fiéis, peregrinos e curiosos, sobretudo em virtude dos milagres e mitos que cercam a sua trajetória.

A Festa de Santo Antônio ocorre em diversos bairros da cidade do Rio de Janeiro, como também em outros municípios, como é o caso de Duque de Caxias, onde é o Padroeiro da cidade. A análise deste trabalho tem como foco a Festa de Santo Antônio na cidade de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense.

Cada vez maiores e mais organizadas, as festas de santos fazem parte do cenário nacional. Não obstante as pesquisas indicarem uma redução do quantitativo de pessoas que se declaram católicas, as festas se mantêm firmes. Acreditamos, mediante nossa pesquisa, que o sucesso e a continuidade dessas festas se deva ao fato de serem momentos de encontros de diversos grupos sociais cujos motivos vão além do religioso. Podemos perceber através das pesquisas sobre “festas de santos”, que muitas delas possuem características bastante parecidas, inclusive em possíveis representatividades entre o que seria o sagrado e o profano. Do lado sagrado estão as novenas, trezenas, procissões, romarias, promessas, missas e tudo o que for referente ao culto religioso. Do lado profano, estão a culinária, a bebida, músicas não religiosas, os encontros de pessoas que participam das festas com fins não religiosos. Um lado muito mais representado pela diversão do que pela fé.

O crescimento e importância destas festividades podem ter múltiplos significados, seja pelos "registros" como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil no IPHAN, seja por estarem estabelecidas em calendários oficiais no país, em estados e municípios, seja por reconhecimento local ou até pela valorização por meio de pesquisas acadêmicas.

O catolicismo tem por prática cultuar os santos. Santo Antônio é um dos santos mais populares do mundo pela suas pregações e seus milagres. Visando enaltecer suas virtudes heroicas, encontramos variadas formas de culto.

Trata-se de um culto constituído de, ao menos, duas dimensões. Uma delas é a dimensão hagiográfica, de preservação da memória desses santos, a qual tem uma função de exemplaridade quanto à perseverança na fé para o conjunto dos cristãos. Mas também possui uma outra dimensão, mais pragmática, de apelo à sua intercessão junto à divindade em favor das demandas daqueles que os veneram (MENEZES, 1996, p. 23).

Conforme revela Santos e Duarte: A hagiografia medieval se constituiu como meio de elaboração e preservação da memória de santos e santas católicos. Escritas segundo um padrão narrativo que atendia à normatividade do que era ser santo ou santa para a Igreja Católica, a narrativa hagiográfica pode ser tomada como expressão de deveresde memória: a) da Igreja em relação aos santos e santas, pois eram a garantia que seus exemplos de vida não seriam esquecidos, aliás seriam imitados e, portanto, perpetuados; b) da comunidade de fiéis em relação a santos e santas, pois o acesso às histórias de vidas santificadas, impunha aos fiéis, modelos de comportamento que deveriam reger suas vidas; e, c) da comunidade de fiéis em relação à Igreja, pois a hagiografia era, também, uma narrativa que adequava a vida do santo ou santa às normas e regras eclesiásticas, sendo assim, uma forma de educar o povo no catolicismo (SANTOS; DUARTE, 2010, p. 1).

Os históricos de “vidas de santos e santas”, trazidos da Europa, chegou ao Brasil a partir da colonização, instituindo formas de cultos. O culto a Santo Antônio, foi difundido, sobretudo no interior do país, tomando em cada lugar, feições próprias. De acordo com Santos e Duarte: Se por um lado tais cultos respondem às normativas da própria Igreja Católica, pois alicerçam a sua existência, por outro expressam, considerando um tempo longo, uma forma particular de apropriação destes cultos que, para além de sistematizarem modelos de vidas e virtudes a serem seguidas, tornam-se esteios de uma cultura do interior do Brasil, marcada por costumes locais taiscomo as chamadas "festas de santo" (SANTOS; DUARTE, 2010, p. 2, grifo dos autores).

Por vários séculos perdura o culto aos santos e santas. Na condição de fenômeno de memória, o culto expressa com nitidez o que Halbwachs (2006) conceituou como “memória coletiva”, em que os indivíduos pertencentes a determinados grupos, assimilam a consciência coletiva. Para o autor, o indivíduo migra constantemente de grupos, experimentando suas influências, ideias e maneiras de pensar. Por compartilhá-las, nunca estaria sozinho, permanecendo atrelado a essas pessoas e ao grupo em que pertencem. Assim, a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, ou seja, seria uma “intuição sensível” do indivíduo que capta, através da consciência, as diferentes correntes sociais e as interioriza. Sendo assim, cultuar santos e santas expressa uma forma coletiva de afirmação de grupos sociais à tradição católica. Se pensarmos no que explicitou Marcel Mausssobre a teoria da reciprocidade, este culto vem também celebrando, na comunidade de fiéis, uma forma de pertencimento. A devoção implica que a memória do santo ou santa será reverenciada, porém, um e outro, terão que responder a essa reverência, afirmada e confirmada pelo grupo social ao qual se pertence. Nesse sentido, a memória do santo ou santaos impõe como exemplos de vida

a serem seguidos e, portanto, todos devem conhecer a sua vida, seus milagres, a sua pertença a uma fé que exige, muitas vezes, sacrifício, renúncia e mil provações (SANTOS; DUARTE, 2010, p. 2).

Assim, a hagiografia se instituiu como "uma escrita de memória que responde às necessidades de institucionalização do culto aos santos e santas ao longo da história do catolicismo" (SANTOS; DUARTE, 2010, p. 2). E esta escrita foi tomando diferentes colorações dependendo dos contextos de recepção e apropriação. Alguns autores assinalam, como no caso de Santo Antônio, a hagiografia como escrita de memória que veio acompanhada de práticas criativas e prosaicas. Em pesquisa sobre comunidades rurais, no interior de Goiás, Santos e Duarte (2010) identificaram que o fato de ter sido apropriado como "santo casamenteiro" articulou-se com enorme sucesso num "modelo patriarcal de família", no qual o casamento consistia numa obrigação para as moças que deviam se enquadrar no padrão socialmente estabelecido para as mulheres: filha, esposa, mãe, sucessivamente. Romper essa norma social significava, para essas mulheres, ser relegada à condição de "tia solteirona", o que implicava em segregação e marginalização no grupo. Ora, tal imagem de "solteirice" era abominada pelas moças e, no intuito de fugir dela, o culto a Santo Antônio tornou-se um dos mais interessantes a ser problematizado, pois referendava não a lembrança da vida do santo, seus milagres e méritos, mas antes, ações e ritos com a sua estátua, muitas vezes, cômicas, que visavam obrigá-lo a atender ao desejo da devota, ou seja, providenciar-lhe um noivo.

Muito difundidas até pouco tempo atrás, práticas como cozinhar a imagem do santo ou pendurá-lo de cabeça para baixo, subtrair-lhe a imagem do menino Jesus, mantê-lo sem cabeça ou mesmo imerso na água do poço artesiano, enfim 'de castigo' até que cumprisse com sua 'santa' obrigação, configuram ações que não são apenas sessões de tortura ao santo, mas sim uma apropriação utilitária da relação com a santidade. Aqui não é uma oferenda, mas um castigo corporal que se dá ao santo. Ele é, pois, humanizado e trazido para perto das pessoas, ainda que se mantenha a propagação do seu culto e a perpetuação de sua memória, pois o milagre buscado, o casamento, vindo a acontecer, causa tanta alegria que muitas vezes significa, aí sim, fazer algum tipo de oferenda ou homenagem ao santo (SANTOS; DUARTE, 2010, p. 2).

Como escrita de memória, a hagiografia, criada com o objetivo de cultuar e difundir a vida de santos e santas para informar os fiéis sobre a tradição católica, vai, ao longo do tempo, se ampliando com diferentes e criativos diálogos.

Deste modo, convém frisar que a hagiografia é um "lugar de memória"[21] por excelência na medida em que mantém viva, atual e permanente a presença de um "santo" ou uma "santa" com o objetivo de constituir modelos inspiradores para a prática da fé católica. O trabalho de memória, necessário para preservar do esquecimento, de centenas de vidas de santos e santas vem exigindo ações concatenadas, dirigidas e operacionalizadas por agentes religiosos a partir de uma hierarquia de valores, princípios e metas que vão sendo estabelecidas desde o período medieval alcançando nossos dias.

A começar pela definição de "santo". Como se elege um "santo"? Por meio de que procedimentos, uma vida terrena é alçada pela cúpula da igreja católica como uma vida santificada? Sabemos que este processo envolve as chamadas "beatificações" - um processo de atribuição de valor sagrado a um indivíduo por sua devoção, seus feitos e, sobretudo, pela atribuição de "milagres" ou feitos sobrenaturais onde o sagrado estaria se manifestando com especial ênfase.

Para Sofia Gajano (2006) em ensaio sobre o tema da "santidade" este é um fenômeno amplo e com múltiplas dimensões que se constituiu no Ocidente Medieval:

> A santidade no Ocidente Medieval constituiu um fenômeno considerável, de múltiplas dimensões: fenômeno espiritual, ela é expressão da busca do divino; fenômeno teológico, ela é a manifestação de Deus no mundo; fenômeno religioso, ela é um momento privilegiado da relação com o sobrenatural; fenômeno social, ela é o fator de coesão e de identificação dos grupos e das comunidades; fenômeno institucional, ela está no fundamento das estruturas eclesiásticas e monásticas; fenômeno político enfim, ela é um ponto de interferência ou de coincidência da religião e do poder. Pode-se, consequentemente, considerar a santidade o lugar de uma mediação bem sucedida entre o natural e o sobrenatural, o material e o espiritual, o mal e o bem, a morte e a vida. (GAJANO, 2006, p. 449).

A importância adquirida pela figura dos santos e das santas tem sido de tal ordem no contexto da tradição católica que se impôs um "trabalho de memória" permanente vinculado a estas figuras simbólicas. A hagiografia "como escrita de memória" passou a ser o carro-chefe deste "trabalho de memória" associado a todo um arsenal de "provas" ou "testemunhos" dos feitos dos santos e das santas, como o culto das relíquias. No caso específico de Santo Antônio convêm lembrar que na cidade de Pádua, onde viveu parte de sua vida, encontra-se armazenada e em exposição permanente a "língua" do santo, que teria permanecido intacta e incorruptível devido aos seus dons milagrosos. A "língua" de Santo Antônio tem sido ritualmente visitada

---

[21] Ver: GODELIER, Maurice. *O enigma do dom*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

por fiéis que se aglomeram em filas enormes almejando entrar em contato com o santo por meio de um fragmento aurático de sua pessoa[22].

A hagiografia destacada por Santos e Duarte (2010) como "escrita de memória" sinaliza um triplo movimento de "dever de memória": o primeiro movimento tem como protagonista a instituição da Igreja Católica que busca normatizar a escrita hagiográfica de seus santos e suas santas; o segundo movimento tem como protagonista a comunidade de fiéis que deve alimentar a devoção para com o santo ou a santa – "a devoção ao santo ou santa implica não apenas em celebrar o seu culto, perpetuando sua memória em rituais e festas, mas tê-lo como modelo de vida e possibilidade de socorro nas aflições"; "o terceiro movimento significa a necessária difusão das hagiografias que a partir da Idade Média significou a escrita das vidas nas línguas faladas pela maioria da população, em contraste com o Latim que era usado pela Igreja Católica" (SANTOS; DUARTE, 2010, p.04).

Há algumas singularidades que são encontradas apenas na tradição do culto a Santo Antônio. A hagiografia cristã construiu um modelo de vida deste santo que foi apropriado de forma muito criativa pelas camadas populares. Santos e Duarte (2010) destacam inicialmente a imagem de Santo Antônio construída como um pregador e taumaturgo. Entretanto, é cultuado como "santo casamenteiro", levando a que práticas criativas fossem disseminadas sem qualquer controle maior do poder episcopal, conforme assinalado anteriormente.

Santo Antônio teve uma tragetória repleta de divergências, possivelmente motivadas pela ausência de fontes primárias e de rigor das literaturas religiosas. Estas fontes têm uma preocupação maior em valorizar as qualidades do santo, justificando os motivos pelos quais ele seria um exemplo de virtude e santidade.

A primeira divergência com relação à trajetória do Santo Antônio se inicia com a data de seu nascimento que varia de acordo com as referências pesquisadas. A data oficial de seu nascimento seria 15 de agosto de 1195, conforme apontam algumas referências[23].

No entanto, o "Guia do Museu de Lisboa – Santo Antônio" (2016) que é uma publicação mais recente, apresenta uma cronologia sobre a vida do santo e explica que a data de seu nascimento foi alterada para 1191 após a exumação de seu corpo no ano de 1981 (PEREIRA; GOMES, 2016).

---

[22] Pomian (1984), ao tratar sobre os significados que os objetos podem adquirir, aponta que uma das maneias de se aproximar aos santos seriam as relíquias. Foi justamente com o Cristianismo e o culto aos santos que estes objetos tiveram seu apogeu e seriam objetos que teriam significados sagrados caso tivesse tido algum contato com um personagem da história sagrada. Uma relíquia seria capaz de santificar o local onde se encontra da mesma maneira que a presença do próprio santo.

[23] Ver: Martins (1983); Krus e Caldeira (1994); Gamboso (1996); Lopes (2014).

A igreja de “Santo Antônio de Lisboa”, o local de seu nascimento, conserva dois relicários com partes de seus ossos: uma que é a maior que está na capela-mor ao lado do sacrário com uma parte do osso do braço esquerdo do Santo Antônio e na cripta está uma outra relíquia que é uma parte do osso do maxilar inferior do Santo Antônio. Sua cripta, que seria o quarto em que nasceu, recebe diariamente centenas de fiéis, já que é um dos mais importantes pontos turísticos da cidade de Lisboa, visto que Santo Antônio foi o primeiro português a ser santificado e reconhecido internacionalmente. Este é, inclusive, o primeiro motivo destacado por Martins (1983) que o faz afirmar que se trata do maior santo da hagiografia católica.

Primogênito de uma família burguesa, tendo como pai, Martinho de Bulhões, cavaleiro e, a mãe, Maria Teresa Taveira (KRUS; CALDEIRA, 1994), descendia igualmente de uma família importante (GAMBOSO, 1996), seu nome de batismo também tem divergências: Fernando Martins (filho de Martinho) ou Fernando Bulhões. Caeiro (1995), Gamboso (1996) e Rema (2016) tratam o santo por Fernando Martins. Algumas referências, de cunho religioso sequer citam seu sobrenome ou fazem alguma discussão.

Em virtude da falta de informação documental, segundo Gamboso (1996), é um trabalho bastante difícil traçar uma linha cronológica acerca da vida de Santo Antônio nesse período de pregação (aproximadamente 1223 à 1229), tendo em vista que a preocupação dos antigos hagiógrafos era maior em narrar seus feitos edificante.

É possível encontrar partes da trajetória de Santo Antônio neste período no livro comemorativo pelo seu 8º Centenário de nascimento escrito por Krus e Caldeira (1994). Neste período, de acordo com os autores, o então Frei Antônio já havia se tornado bastante conhecido, sendo permitida então a institucionalização da primeira escola de pregadores e teólogos franciscanos. Esta escola, com autorização do próprio Francisco de Assis, foi fundada no ano de 1223 em Bolonha. A partir de então, se tornou primeiro mestre franciscano de Teologia, assumindo novas e importantes funções

Com a morte de Francisco de Assis em 1226, teve início um amplo debate interno sobre os objetivos da comunidade franciscana.

E Frei Antônio foi convidado a participar mais ativamente da administração da ordem, tornando-se o principal colaborador de Frei João Parente, Ministro Geral então eleito.

A malária adquirida no Marrocos jamais o deixou e, associada a uma alimentação e descanso escassos e inadequados, acabou por lhe abreviar a vida. Passou suas últimas semanas em Camposampiero, que se localiza nos arredores de Pádua, onde se preparou *“para a hora iminente da passagem”* (GAMBOSO, 1996, p. 18, grifo nosso). Ao sentir que morreria, pediu que fosse levado de volta para Pádua para passar seus últimos momentos no

Convento de Santa Maria. Acabou falecendo no caminho de volta, no dia 13 de junho de 1231, em uma parada em um Convento das Clarissas em Arcellas. Ocorreu uma disputa sobre o local de sepultamento do corpo de Santo Antônio, considerado uma relíquia e, por volta do dia 17 de junho, seu corpo foi transferido e teve sua tumulação definitiva na Igreja de Santa Maria de Pádua, conforme sua vontade (REMA, 2016).

O Papa Gregório IX, que o conheceu pessoalmente elevou Antônio às honras do culto litúrgico no dia 30 de maio de 1232, antes de completar um ano da morte de Antônio, tornando o processo de canonização rápido. A fama correu pelas redondezas, o que fez de Pádua um local de peregrinação:

> Muitos doentes vinham implorar saúde, e desde que tocavam o milagroso sepulcro, logo se sentiam curados. E outros quando a multidão enchia o templo pequenino e o não deixava romper, do largo em frente pediam ao santo Taumaturgo a sua proteção, e no mesmo instante ficavam sãos. (LOPES, [2014?], p. 233).

Conforme o culto católico, a morte é "o nascimento para a vida eterna". O Dia de Santo Antônio, depois da canonização, passou a figurar no calendário como o dia de exaltar, comemorar, pedir, pagar promessas e homenagear Santo Antônio, um dos mais populares santos do mundo.

> O ÚNICO Santo a ser canonizado onze meses depois de sua morte, quando para chegar ao altar da santificação, importam dezenas ou centenas de anos. Na verdade, em vida, por onde passava e pregava, não conheciam como FreiAntônio, mas como o Santo Frade. O clarão que dele irradiava, ofuscava,iluminava, convertia. Era a luz de origem Celeste e não terrena. (MARTINS,1983, p. 12).

Os poderes atribuídos aos santos movimentam a fé das pessoas, por conta dos milagres por eles realizados, seja em vida ou após a sua morte, criando um espaço de esperança na resolução de suas causas. Os milagres realizados pelos santos suscitam diversas emoções nas pessoas que são devotas deles. Os devotos acreditam na interseção dos santos perante Deus para que suas causas sejam resolvidas. Para tanto, os fiéis acionam alguns mecanismos de aproximação e conexão com a santidade. Um desses mecanismos se refere às promessas que relações de conexão entre o devoto e a santidade para o auxílio na resolução de questões que podem ser suas ou relacionadas a um parente ou a qualquer pessoa. Pierre Sanchis (1983) estabelece os motivos que levam os devotos a fazerem este tipo de conexão.

A promessa é a relação estabelecida entre a condição humana concreta e um invólucro de santidade que a rodeia. Faz parte de uma visão do mundo dentro da qual constitui um modo

de comunicação essencial. Por isso mesmo ela aproxima-se do sacrifício, ao mesmo tempo que se insere no quadro de uma economia, a da troca.

> Promete-se a um santo quando está em perigo a segurança essencial da existência, individual, familiar ou social. O exame dos ex-votos de que estão cheias as dependências dos santuários célebres ou modestos e que, por vezes, mostram o milagre que se agradece, assim como os contatos com os peregrinos que vêm dar graças, permitem calcular a imensa variedade de situações em que surgem as promessas: acidentes, viagens, problemas de amor e de casamento, exames, perda ou roubo de objetos, incêndios, calamidades naturais, negócios ou colheitas... (SANCHIS, 1983, p. 47-48).

Outra forma de aproximação, são as romarias e procissões que podem acontecer especificamente em festas de santos ou mesmo como forma de agradecimento ou pagamento de algum tipo de penitência por parte do devoto. Trata-se de "*uma peregrinação popular a um lugar tornado sagrado pela presença especial de um santo"* (SANCHIS, 1983, p. 39, grifo nosso). De acordo com Sanchis (1983) as romarias seriam a principal forma de manifestação das promessas e teriam como principal característica o fato de serem organizadas em torno da memória de um santo, representado por uma imagem ou uma relíquia.

Neste caso, a memória do santo estaria relacionada à escrita de sua história através da sua hagiografia. Esta seria uma maneira de preservar a memória dos santos e manter presente as suas virtudes como um exemplo a ser seguido pelos devotos, bem como, o reconhecimento e disseminação de seus milagres, como uma esperança para a resolução das questões as quais levaram os devotos a acionarem a interseção da santidade.

> Ao pesquisar Santo Antônio, sobretudo no Brasil, a noção de "santo casamenteiro" é a mais evidente e fez com que ele se tornasse um dos mais populares do país. Neste sentido, o culto a este santo vai além de manifestações de devoção como as promessas ou romarias, mas também ações com a sua imagem que tem por objetivo obrigá-lo a atender o pedido providenciando-lhe um noivo. (SANTOS; DUARTE, 2010, p. 05).

Simpatias são crendices passadas pela população. No tocante à perspectiva de santo casamenteiro existem muitas simpatias de Santo Antônio. O livro intitulado "Simpatias de Santo Antônio Casamenteiro" de autoria de Joaquina Pereira de Souza apresenta como detentor de "mais de 1000 simpatias infalíveis para arrumar casamento e ser feliz", explicando em que consiste a maioria das simpatias, mas não revela de onde surgiu essa tradição.

A maior parte das simpatias destinadas a Santo Antônio são feitas utilizando- se o recurso do mexe-mexe de sua imagem. "Para tal, é válido colocar a imagem em qualquer posição, enquanto se espera pelo "milagre" Esta prática – que é universal – permite, pela sua popularidade, colocar a imagem em qualquer posição. Assim, é comum encontrarmos o santo

de cabeça para baixo, de costas, deitado, coberto, atravessado, sem o resplendor e também sem o menino-Deus, sendo que esta última só é usada em casos muito graves, nos quais precisamos de toda a atenção do santo" (SOUZA, [1997?], p. 11-12)[24].

Duas tradições populares no que se refere ao santo são colocadas em evidência: uma no que se refere ao santo encontrar objetos perdidos e outra a tradição de santo casamenteiro. A tradição de Santo Antônio encontrar objetivos perdidos vem da tradição portuguesa. Câmara Cascudo (1999) aponta que tal virtude do Santo teria partido de uma concepção de Frei Bernardo de Brito que sugeria a intercessão de Antônio para as coisas perdidas ao invés do santo flamengo Jeron de Olanda que faria tal intercessão habitualmente. De acordo com Câmara Cascudo (1999), Frei Bernardo de Brito defendia a necessidade de se recorrer a um santo português que remediaria as perdas.

> Esse nacionalismo encontrou razões equipolentes para exigir de Santo Antônio que defendesse Portugal e suas colônias sempre que o inimigo mais atacasse. Essa mentalidade explica o santo tributo, orador sacro, pacífico por natureza e finalidade, aparecendo como guia de exército e general vitorioso, com soldos, dragonas e condecorações. (CASCUDO, 1999, p. 89).

No que se refere a imagem de Santo Antônio como casamenteiro aparece muito pouco em sua hagiografia. Conforme destacou Ronaldo Vainfas (2003): "No início da Época Moderna, a face doméstica e afetiva de Santo Antônio se concentraria, no âmbito do catolicismo popular, em sua virtude de "casamenteiro", de santo promotor de matrimônios. "Casai-me Santo Antônio, Casai-me!", eis o que aparece em várias orações. Mas tal virtude de frei Antônio, depois santo, mal aparece em sua hagiografia ou nos relatos sobre seus poderes taumatúrgicos. Sobressai, sim – e esta virtude é de longevidade extraordinária –, seu imenso poder de recuperar "coisas perdidas". Coisas e pessoas. Talvez decorra daí a virtude "casamenteira" atribuída a Santo Antônio, pois entre o perdido e o desejado a fronteira é sempre muito tênue" (VAINFAS, 2003, p. 30, grifos do autor).

---

[24] Eu não poderia deixar de comentar um caso que aconteceu comigo nesse sentido. Por volta dos 15 anos eu ganhei um pequenino Santo Antônio em madeira segurando o menino Jesus. Ele era confeccionado especificamente para esta simpatia relatada por SOUZA ([1997], p. 11-12): eu precisava retirar o menino-Jesus e esconder do Santo, devolvendo somente quando encontrasse um namorado. O que aconteceu foi que de tão pequenino eu perdi o menino-Jesus. Ainda tenho o Santo Antônio. Em conversa com o Padre Renato Gentille, responsável pela Catedral de Santo Antônio em Duque de Caxias, ele disse para eu colocar outro menino Jesus no lugar. Foi quando respondi: Mas eu não vou estar enganando o Santo, Padre? Foi quando rindo o Padre respondeu: Então devolva o Santo para a Igreja. Eu resolvi devolver somente quando defendesse a Tese". A questão é que eu me mudei e acabei perdendo o Santo Antônio na mudança.

Os milagres realizados por Santo Antônio em vida e após a sua morte não são poucos. Entretanto, há alguns milagres considerados "clássicos", uma vez que aparecem em diversos textos, sendo alguns mais conhecidos popularmente. De acordo com Menezes (2004), o primeiro milagre teria acontecido ainda na infância, o que seria um sinal de sua predestinação.

> Além daquilo que os autores consideram como "causalidades misteriosas", que marcaram a história de Santo Antônio, as quais o teriam levado sucessivamente a tornar-se franciscano, mudar para a Itália e firmar-se como sermonista (e que muitas vezes são lidas como intervenções da providência divina), os milagres do próprio santo teriam começado ainda em sua infância.O primeiro teria ocorrido em Lisboa: enquanto rezava na catedral, o jovem Fernando percebeu a presença do demônio e conseguiu afugentá-lo traçando o sinal da cruz no chão (Gamboso, s/d, 02). E por ser um milagre realizado por uma criança ainda, este evento seria tratado como um sinal de sua predestinação. (MENEZES, 2004, p. 155).

O milagre mais conhecido de Santo Antônio é o "milagre dos peixes" ou "sermão dos peixes" e teria acontecido em Rimini, na Itália. "Antônio, como sempre foi à Praça da Catedral pregar o Evangelho, como havia poucas pessoas no local, ele combinou que voltariam no dia seguinte. No dia seguinte, no mesmo horário, ele estava de volta à Praça e encontrou asmesmas pessoas do dia anterior e alguns hereges. Enquanto comentava a Bíblia, o povo não acreditava em suas palavras e por fim não quiseram mais ouvi-lo. Depois disso, ele rezou muito, e certo dia foi caminhar à beira do mar Adriático, na foz do rio Marecchia. Para espanto de algumas pessoas que o acompanhavam, ele parou, ergueu as mãos e gritou olhando para as águas: Ouçam a palavra de Deus, vocês, peixes do mar e do rio, pois os infiéis não querem ouvi-la. Naquele mesmo instante, uma grande multidão de peixes aproximou-se da praia, colocando a cabeça para fora a fim de ouvir o Santo falar. Todos os peixes estavam atentos, os menores na frente e os maiores nas águas mais profundas [...]. Quanto mais falava, mais os peixes vinham e por fim o povo também começou a fluir, incluídos os hereges que caíram a seus pés e pediram-lhe para que continuasse a falar. Pregou então sobre a fé católica, fazendo os cátaros voltarem à verdadeira fé. Despediu os peixes com a bênção de Deus e todos partiram felizes, povo e peixes" (BESSEN, 2011, p. 14).

Dentre os milagres realizados por Santo Antônio estão ressuscitações, cura de doenças e aparições após a sua morte. Neste sentido, Menezes ressalta que, por exemplo, "*durante o período de trabalho pastoral em Pádua, os milagres de Antônio enfatizariam sua preocupação com a restauração da ordem, da normalidade e da justiça e com a defesa dos pobres*" (MENEZES, 2004, p. 156, grifo nosso).

> Também da outra vez tinha chegado Santo Antônio a um lugar para pregar, e uma devota mulherzinha deixou o filho no berço e foi ouvir o sermão. Ora, quando

> depois voltou a casa, foi dar com o filho, morto, deitadinho de costas no berço. Toda aflita e apoquentada correu numa pressa a Santo Antônio a rogar-lhe com muitas lágrimas que lhe ressuscitasse o seu menino. E o Santo, doendo- se dela, por duas ou três vezes lhe disse: - Anda, vai, que Deus te fará bem. E ela, fiada na palavra do Santo, voltou para casa cheia de esperança; e ao filho que deixara morto, encontrou-o vivo e a brincar com umas pedrinhas que antes nunca tivera. (GONÇALVES, 2005, p. 53-54).

O segundo se refere a uma criança que teria morrido ao se afogar em uma tina de água e, diferente do relatado por Krus e Caldeira (2005), teria acontecido em Pádua após a sua morte, pelo que se pode compreender através da narrativa exposta:

> .Tomasino que tinha uns 20 meses, vivi em Pádua com seus pais, mesmo ao pé da igreja de Santo Antônio. Saiu a mãe para os cuidados da vida, e deixou o pequenito em casa, sozinho, junto de uma tina de água. Nem pela cabeça lhe passou que podia o filho correr perigo. Ao voltar, reparou na tina e pareceu-lhe ver uns pezinhos a boiar ao lume da água. Achegou-se mais perto, e – o que havia ela encontrado! – o filho dentro, afogado, de pés para cima e a cabeça no fundo. Num empuxão tirou-o para fora, aos gritos; mas estava já frio e morto. Sobressaltada a vizinhança com a gritaria da mulher, veio muita gente em socorro. E os frades que andavam com os operários na reparação da igreja, também eles acudiram. E todos, diante do pequenino morto, se compadeciam das lágrimas e aflições da pobre mãe. Mas ela, apegando-se com Santo Antônio, pedia-lhe a grandes vozes a sua intercessão; e prometia dar aos pobres tanto trigo quanto era o peso do filhinho, se o Santo de entre os mortos lhe ressuscitasse. E dali a pouco o menino que se levanta, vivo, e desata a correr para o colo da sua mãe. E todos os que eram presentes deram muitas graças a Deus e a Santo Antônio. (GONÇALVES, 2005, p. 149-150).

Um outro milagre muito conhecido é o aparecimento de Jesus a Santo Antônio. Uma das imagens do santo mais cultuadas é a que Santo Antônio embala o menino Jesus em seus braços.

> Estando o Santo a preparar o seu sermão, veio o menino Jesus sobre a mesa e começou a brincar com os seus apontamentos e ao mesmo tempo diz-lhe: - Anda daí, Antônio! Vem brincar um pouco até ao jardim.
> - Ó meu Menino Jesus, não posso, porque tenho um sermão muito difícil a preparar. - Anda Frei Antônio! Vem descansar um pouco dos teus trabalhos... - Ó meu Menino Jesus as almas perdem-se...
> - Frei Antônio, quem salva as almas sou Eu. Santo Antônio teve uma vida intensa de trabalhos consumida em viagens, em pregações, em penitências, ora em França, ora em Itália, ensinando Teologia de Montpellier e em Bolonha, permanecendo em Roma, onde fora resolver dúvidas suscitadas nos Capítulos de sua Ordem. (CIDADE..., [2004], p. 68)

A distribuição de pães que acontece na Festa de Santo Antônio tanto nas festas que acontece ao redor do mundo em sua comemoração, bem como que acontecem constantemente em algumas igrejas, em geral, para pessoas em situação de rua, também está vinculada a um milagre do Santo.

3 A FESTA LITERÁRIA: EDUCAÇÃO E CULTURA NA FESTA DE SANTO ANTÔNIO

3.1 **A idealização da Festa Literária**

Este e os próximos subcapítulos serão escritos sob a ótica de dois enfoques: o primeiro no processo de idealização da Festa Literária que tem como protagonista o professor Antônio Oliveira, que na época era Diretor da Biblioteca Leonel de Moura Brizola, um dos locais o qual ocorreu tanto a Festa Literária, bem como serviu para ser o circuito gastrônico da festa de Santo Antônio em sim. Deste modo, estes capítulos foram escritos tendo como base a pesquisa de campo realizada nos anos de 2014 e 2015, bem como entrevista realizada durante as comemorações em 2014 com o professor Antônio Oliveira e entrevista realizadas por vídeo ao final 2021.

A Festa Literária que aconteceu durante as Festas de Santo Antônio de Duque de Caxias entre os anos de 2013 e 2016 foi idealizada pelo historiador, agente cultural e, na época, Diretor da Biblioteca Leonel de Moura Brizola, Antônio Oliveira. Para compreender a importância desta parte que se integrou a Festa Religiosa, considero substancial conhecer a trajetória de seu idealizador.

O professor Antônio, graduado em história e teologia, tem sua história ligado a um movimento popular de incentivo à leitura, com a Biblioteca comunitária Solano Trindade, no Cangulo, que é um dos bairros mais pobres de Caxias, ao lado da refinaria, teoricamente ao lado de uma das riquezas da cidade. Vale ressaltar o grande contraste existente aí: de um lado a riqueza da Reduc e, do outro, a situação no Cangulo.

No entanto, a história do professor Antônio antecede sua inserção na militância pela cultura, sobretudo no que se refere às bibliotecas comunitárias. Em entrevista realizada no dia 11 de novembro de 2021, Antônio que relata que em 1994 ingressou como aluno no pré-vestibular para negros e carentes no núcleo Santana no bairro Jardim Primavera, em Duque de Caxias. Afirma que passa a contar a construção ideológica a partir do PVNC (Pré-Vestibular para Negros e Carentes) que, segundo ele, foi a partir daí que surgiram todos os outros pré-vestibulares comunitários e sociais do Rio de Janeiro.Nasceu na Bahia e foi trazido para a Baixada Fluminense pelo Frei Davi junto com a Pastoral do Negro de São João de Meriti, notou-se que o projeto precisa se adequar a realidade do Rio de Janeiro, então pensaram no nome Pré-Vestibular para Negros e Carentes para abranger uma parte maior da população.

Antônio afirma que dentro do PVNC eles sempre tiveram 3 objetivos: a curto prazo que os alunos fossem aprovados nos vestibulares, a médio prazo que fossem universitários conscientes de suas raízes e a longo prazo fazer com que esse profissional que passasse pela academia fosse comprometido pela luta das causas populares, considerando que todos esses objetivos foram alcançados com ele, tanto que saiu da condição de aluno, chegando à Secretaria do PVNC no Rio de Janeiro, sendo Coordenador do Núcleo Santana em Jardim Primavera que depois se tornou Núcleo Solano Trindade, que passou a fazer parte no núcleo que dirigia o movimento no Rio de Janeiro.

Segundo o professor Antônio, o núcleo de Jardim Primavera foi um núcleo muito importante do que se refere ao PVNC, pois representava o movimento como um todo e ele acabou chegando à Secretaria Executiva junto com o Frei Davi em 1995. Então esse contato com o PVNC acabou formando a atuação ideológica e política de acordo com as suas bases. A proposta era reverter o que aprendeu na academia para a comunidade e o primeiro passo era dar continuidade ao PVNC, que foi o início da caminhada do professor Antônio no que se refere na luta e preocupação com as suas raízes. Tal fato gerou uma inquietação no entrevistado que passou a buscar algo a mais do que a atuação no PVNC e que beneficiasse o local de onde ele veio, considerando os objetivos dos alunos que tiveram a oportunidade de ingressar em uma universidade a partir dos estudos no PVNC. Para isso, é importante destacar dois fatos: o primeiro é que no Cangulo, local onde o entrevistado morava (localizado em Duque de Caxias) possivelmente foi a primeira ou uma das primeiras pessoas a ter nível superior, o segundo, é que foi a primeira pessoa a ter nível superior em sua família. Segundo Antônio, esses fatos foram importantes para que ele se tornasse uma referência na localidade. Além de ter forte influência do PVNC em sua formação política e social, a participação no Movimento Estudantil também foi primordial para que Antônio complementação sua formação com esse olhar diferenciado pelas minorias. Foi assim que, de uma forma involuntária e não planejada que nasce a Biblioteca Comunitária Solano Trindade de uma forma natural.

De acordo com Antônio, ele morava em uma casa que é popularmente conhecida como “meia água” que possuía 1 (um) quarto, sala, cozinha e banheiro e tinha uma varanda externa. Como ele tinha passado pela universidade, tinha muitos livros e a casa era muito pequena, acabava por deixar os livros na varanda, que por sua vez, não tinha muros. As pessoas que passavam pela casa demonstravam um estranhamento com este fato. Segundo Antônio, um dia ele chegou do trabalho e sua esposa estava com seu filho e mais algumas crianças na varanda contando história, ou seja, as crianças foram até o local, não foi algo planejado. A

Biblioteca Comunitária Solano Trindade aconteceu de forma natural, sendo procurada pela população da região. Além disso, Antônio contou em nossa entrevista que organizou o PVNC em algumas universidades, tais como PUC e UFF, todas no estado do Rio de Janeiro, ou seja, ultrapassou as fronteiras da Baixada Fluminense, chamado então de UNEC – União dos Universitários Negros e Carentes que se organizaram, produziam eventos, então era uma forma de se afirmarem na Universidade Pública

Deste modo, Antônio afirma que sua história passa pela formação do PVNC e, consequentemente, pela Biblioteca Comunitária Solano Trindade que nasceu na varanda de sua própria casa no Cangulo. Quando ele percebeu que tinha uma Biblioteca, surgiu o nome e foi batizada de Biblioteca Comunitária Solano Trindade porque o professor Antônio teve contato com o Solano no PVNC de Jardim Primavera. Neste sentido, sua primeira oportunidade de "devolver o bem recebido para a sociedade" se deu através de um encontro o quela ele teve com um projeto chamado "Pré-vestibular para negros e carentes", na década de 90, que levou milhares de pobres e negros pra Universidade Pública e, posteriormente, a criação da Biblioteca Comunitária Solano Trindade, conforme relatou:

> Nós acreditávamos que o conhecimento, a chegada das classes populares ao nível superior poderia a longo prazo mudar a realidade daquelas pessoas onde elas vivem. Eu não tinha muito dinheiro, eu tinha livros, eu morava numa casa meia água, eu tinha uma varanda, meus livros ficavam na varanda, sem muro. E as pessoas passavam e falavam, tem uma Biblioteca ali. As pessoas foram buscando para fazer trabalho, livros emprestados. Minha esposa quando percebeu que tinha muita criança começou a contar histórias na varanda. Isso em 2004. De 2004 para cá, hoje a Solano Trindade lidera a rede de bibliotecas comunitárias de Duque de Caxias, integra a rede de bibliotecas comunitárias do Rio, e também faz parte da Convenção Latina Americana de Bibliotecas comunitárias. Por causa desse trabalho, o Prefeito Alexandre Cardoso me convida para coordenar as Bibliotecas Públicas, para tentar trazer um pouco desse dinamismo, desse princípio auto gestionário das bibliotecas comunitárias para as bibliotecas da cidade. Eu participo do Conselho Municipal de cultura, cheguei a vice-presidência do Conselho de Defesa do Direito do Negro, acabou que nós forçamos o Poder Público a repensar ou criar uma política clara de livro e leitura na cidade de Duque de Caxias, e hoje isso se configura em termos práticos das discussões que envolvem a construção do plano Municipal de livro e leitura hoje na cidade, que está a ponto de ser o documento finalizado e levado para o Prefeito ou pra Câmara. Hoje a Biblioteca Solano Trindade caminha quase sozinha, tem voluntários, parcerias, não depende do Antônio, hoje a rede tem cinco filiadas e tem mais seis para se filiar e fortalecer mais o movimento. De 2004 para cá nós tivemos muita dificuldade para conseguir recurso, mas quando a gente conseguiu, um vai abrindo as portas para o outro. O último foi a parceria com a C & A, e nós fechamos o trio Federal Estadual e Municipal, e também a iniciativa privada. Então A Solano caminha quase sozinha, temos quatro funcionários, dois pela C & A e dois pela FAETEC, cedidos, e tem uma série de atividades desenvolvidas, como mediação de leitura, pré-vestibular comunitários, teatro, dança, capoeira, informática. E a mediação é um conceito que a gente defende, uma estante com livros é suficiente para despertar interesse, mas não para fazer o indivíduo se aprofundar na leitura e construir ideias mais consistentes. E a mediação trabalha nisso. Desenvolver o hábito da Leitura. (Entrevista com Antônio Oliveira,

> Coordenador da Biblioteca Municipal Leonel de Moura Brizola, em 13 de junho de 2014).

Um fato que o professor Antônio considera substancial destacar, se refere à aprovação do Plano Municipal de Livro e Leitura. Acreditava-se que por ele ser oriundo das Bibliotecas Comunitárias, que ele teria força em uma atuação de frente para conseguir aprovar o Plano, mas não foi o que aconteceu e Plano não foi aprovado até hoje[25]. Ainda de acordo com o professor Antônio, havia um conflito político entre a Biblioteca e a Prefeitura, o que dificultou a consolidação de projetos mais ambiciosos dentro da política de Livro e Leitura, inclusive aprovar o Plano.

A história da biblioteca está registrada em um blog que foi criado justamente para descrever sua história e dia a dia[26]. O professor Antônio afirma que a criação da biblioteca teve um papel cultural importante na cidade que foi de chamar atenção pra um bairro eu era até então ignorado e desconhecido que é o Cangulo. Eles começaram a receber diversos apoios, propostas para a realização de eventos e a Biblioteca funcionou por um ano na varanda de sua casa até que, com os apoios e notoriedade recebidos, alugaram uma loja. De acordo com Antônio, antes da Biblioteca, o Cangulo era conhecido meramente por ser um local de extrema violência, criminalidade, ou seja, não havia nenhum protagonismo cultural, político ou social e a Biblioteca ganhou um destaque.

A Biblioteca se consolida e a Festa Literária é o resultado de todo esse trabalho, que foi uma caminhada que tem início no PVNC, passa pela Biblioteca Comunitária Solano Trindade, conquista apoios e culmina na Festa.

Antônio afirma que nunca chamou a biblioteca de biblioteca, ele prefere chamar de Movimento Biblioteca Comunitária Solano Trindade. Por isso, além da citar este protagonismo na Festa Literária, também é importante citar o protagonismo da Biblioteca Comunitária Solano Trindade na construção do Plano Municipal de Livro e Leitura da cidade de Duque de Caxias que foi iniciado a partir da atuação da Biblioteca Comunitária Solano Trindade, discussão que teve início em 2011 e, aparentemente ainda se findou, de acordo com

---

[25] Atualmente se chama “Plano Municipal de Livro, Leitura e Bibliotecas”. A gestão do professor Antônio foi de 2013 à 2016 e o processo de aprovação do Plano já era mais antigo. Ainda assim, até a entrevista em novembro de 2021 ainda não havia sido aprovado.

[26] Ver mais em: http://bibliotecasolanotrindade.blogspot.com/ .Acesso em 18 fev. 2022.

Antônio, por falta de vontade e apoio político[27]. Nesse processo de consolidação da biblioteca, ela também faz parte do Conselho de Direito do Negro da Cidade, entre outras instâncias, se tornando um signo de luta e resistência pela educação e cultura em um bairro que estava até então à margem da cidade em todos os aspectos.

> O que faltava para aprovar o Plano Municipal de Livro e Leitura? Tinha articulação popular, tinha apoio da Biblioteca, mas a gente não tinha um mandato dentro da Câmara Municipal que assumisse a proposta do Plano para transformar em política pública e tivesse incidência no orçamento dessa cidade para que previsse verba para o Plano Municipal de Livro e Leitura. Então, era um movimento muito complexo que a gente não conseguiu a, digamos, reunir forças dentro da Câmara Municipal, e, também, não vimos nenhuma vontade do Secretário de Cultura na época, Jesus Chediak e nem do subsecretário de cultura, André de Oliveira, para a gente avançar e acionar o Prefeito. O que acontecia? Eu pressionava o Prefeito Alexandre Cardoso, sendo de segundo escalão e o próprio primeiro escalão não pressionava. (Entrevista com professor Antônio Oliveira, em 15 de novembro de 2021).

No entanto, considerando a fala do professor Antônio Oliveira, é fundamental destacar dois fatores: a paixão em sua fala ao tratar sobre o processo de construção da Biblioteca Comunitária Solano Trindade, bem como o protagonismo que ela teve em um processo de construção de outras Bibliotecas Comunitárias na cidade, sendo um signo de força política, cultural e popular em Duque de Caxias, através de sua atuação à frente da biblioteca, sempre em busca de agregar e de seu crescimento tanto político como material. A biblioteca que se iniciou de forma espontânea em uma varanda, vai para uma loja e, posteriormente, para uma casa, o que retrata um crescimento físico também e acaba se consolidando uma força da cidade e colocando o segundo distrito também em um local de protagonismo da cultura, descentralizando do primeiro distrito.

Antônio finaliza esta parte da entrevista dizendo que a formação dele passa por todas essas etapas: professor, graduado em história e teologia, que teve uma caminha na Igreja Batista, no entanto afirma que sempre teve uma atuação no intuito de conciliar a fé e os movimentos sociais. Por não conseguir, acabou rompendo com a Igreja Batista em 2003 por conta das eleições de 2002, por não ter concordado com o posicionamento da Igreja na época. Deste modo, como consequência de sua história, Antônio buscou um mandato para potencializar essa luta através da Biblioteca Solano Trindade. Foi candidato a Vereador pela primeira vez em 2012 e teve 1229 votos, o que não concedeu o cargo a ele (o último Vereador que entrou teve cerca de 1400 votos), mas teve um discurso pautado para a cultura e políticas

[27] Vale ressaltar que desde então a cidade já teve três Prefeitos: José Camilo Zito dos Santos Filho, Alexandre Cardoso e Washington Reis, que foi inclusive reeleito em 2020.

culturais. No ano de 2016 foi candidato novamente e este ano foi o auge do antipetismo e mesmo com esse discurso volta para a cultura se manteve na faixa de 1000 votos.

Quando Alexandre Cardoso é eleito Prefeito em 2012 convida o professor Antônio para assumir a Direção da Biblioteca Leonel de Moura Brizola, localizada na Praça do Pacificador, no centro de Duque de Caxias. A partir daí, Antônio começa a levar para a Biblioteca tudo o que construiu com a expertise de anos à frente da Biblioteca Comunitária Solano Trindade. Deste modo, uma das consequências da atuação na Biblioteca Municipal Leonel de Moura Brizola, foi justamente a Festa Literária de Duque de Caxias.

> Eu assumi a Biblioteca Leonel Brizola não por conta da participação do Partido dos Trabalhadores dentro do governo Alexandre Cardoso. Eu assumi a Bibliote mais por uma relação com o André de Oliveira e na época o Deputado Celso Pansera, do que necessariamente pelo PT. E isso fez com que eu ficasse um pouco isolado nessa correlação de forças. Eu não conseguia ter o aval total da Secretaria de Cultura porque eu sentia uma certa resistência por causa do destaque que a Biblioteca ganhava. (Entrevista com professor Antônio Oliveira, em 11 de novembro de 2021).

Vale ressaltar que Antônio enfrentou muita resistência ao assumir a Direção da Biblioteca Leonel de Moura Brizola, justamente por não ser do primeiro distrito. Esta centralização gerou alguns atritos e dificuldades para que o então Diretor tivesse apoio institucional. É substancial registrar que, de acordo com Antônio, não havia nenhum orçamento para a gestão da Biblioteca. Segundo ele, quem administrava todo o orçamento eram o Secretário e o Sub-Secretário de Cultura o que fazia com que ele tivesse que buscar alternativas na gestão da Biblioteca. Neste sentido, a experiência adquirida na gestão da Biblioteca Comunitária Solano Trindade foi fundamental para que ele pudesse desenvolver a gestão da Biblioteca Municipal Leonel de Moura Brizola, uma obra de Oscar Niemeyer, sendo a maior Biblioteca da Baixada, dentro de uma das cidades com o maior Produto Interno Bruto do Estado, o que deveria conceder um certo prestígio em manutenção e desenvolvimento de atividades inovadoras, mas, de acordo com Antônio, não era o que acontecia de fato. Não havia um apoio Institucional efetivo nem pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo da cidade e nem pela própria Prefeitura em si.

Com o fim do Governo do então Prefeito Alexandre Cardoso, o projeto da Festa Literária não teve continuidade, e é justamente neste sentido que este trabalho tem sua base: na Memória da Festa Literária, que estabeleceu uma importante relação entre Educação e Cultura e que esteve para além da programação religiosa (o sagrado) e também para a festividade junina tradicional, com comidas típicas e música (o profano).

3.2 A construção da Festa Literária

Uma atividade que tem sido importante e bastante comentada é a Festa Literária que promoveu o lançamento de livros, conversa com autores, apresentações de espetáculos teatrais, contação de histórias na rua e no Caminhão da Leitura, estacionado em frente à Praça do Pacificador, onde está situada a Biblioteca Leonel de Moura Brizola. O destaque da Biblioteca Leonel de Moura Brizola na época era para um andar completo destinado a uma biblioteca infantil, com pufes em formato de livros e projetos que levam as crianças de escolas do município para este espaço.

Mas gerir a Biblioteca Municipal Leonel de Moura Brizola não foi uma ação tão simples. Além de ser uma obra de Oscar Niemeyer, a maior biblioteca da Baixada em uma cidade que possui um dos maiores PIBs do estado, Antônio não tinha nenhuma verba direta para que pudesse fazer esta gestão. Deste modo, com a falta de apoio da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo da cidade e da própria Prefeitura, mesmo tendo sido indicado para a função, precisou buscar apoios externos para que os projetos tivessem andamento e conseguisse fazer uma gestão efetiva e voltada para a população.

> Eu não administrava, eu não gerenciava orçamento. Quem gerenciava orçamento era o Secretário de Cultura e o Sub-Secretário. Então, com toda aquela experiência que eu tinha na Solano eu entendi que precisava me articular e buscar parcerias, buscar coisas que fizessem com que pudesse colocar em prática. Então eu busquei Ministério da Cultura, eu busquei UNIRIO, busquei parceiros pra me fortalecer politicamente. Então a gente conseguiu desenvolver as atividades assim. (Entrevista com professor Antônio Oliveira, em 11 de novembro de 2021).

Sobre a Festa Literária, Antônio complementa:

> A Festa Literária nasce na primeira proposta de reformular a Festa de Santo Antônio. A então Secretária de Comunicação Tatiane Lima, que era a primeira dama, propõe a reformulação da festa junto à Paroquia de Santo Antônio. E nessa reformulação ela chama integrantes do governo para propor atividades para a Festa de Santo Antônio. Foi nesse contexto que nasceu a proposta da Festa Literária junto com a Festa de Santo Antônio porque já existe um público cativo na Festa de Santo Antônio. Por que não potencializar o público cativo junto à festa aproveitando um contra-horário? Porque teoricamente a Festa de Santo Antônio começa à noite. Tem as atividades das barracas durante o dia na Avenida Leonel de Moura Brizola, antiga Presidente Kennedy. Tem ali as atividades durante o dia e a gente poderia aproveitar essa parte do dia até a noite com a Festa Literária. Neste sentido recebi o convite da Secretaria de Comunicação para pensarmos em uma proposta de programação de Festa Literária para a Festa de Santo Antônio. Nasce aí a Festa Literária junto com a Festa de Santo Antônio, aproveitando toda a estrutura da Praça do Pacificador, já que a biblioteca é no centro ali junto com o Teatro Municipal Raul Crtez, então pensamos: poxa! A biblioteca está no meio da Festa Literária, vamos começar a pensar uma programação para articular a produção literária da cidade que dialoga com outras

> formas de arte e vamos tentar mostrar através da Festa Literária, todo esse potencial literário que a cidade tem. (Entrevista com professor Antônio Oliveira, em 11 de novembro de 2021).

Segundo o professor Antônio, a primeira edição da Festa Literária teve a curadoria da professora Helenice Ferreira, que havia sido da divisão de Leitura da Secretaria de Educação do governo anterior[28] e é escritora da cidade. Deste modo, a primeira ideia que surgiu acerca da Festa literária era apresentar o potencial literário da cidade, que era o maior objetivo. Antônio contou que na época tinha muito contato com o Binho Cultura que organizou a FLIZO (Festa Literária da Zona Oeste) e este exemplo foi um espelho para a realização da primeira edição da Festa Literária de Duque de Caxias. Além das influências de outras festas que aconteciam na cidade, tinha também a parceria com outros movimentos populares. A ideia era promover o potencial literário da cidade, transformando em vitrine aquilo que era produzido e que era notório que tinha a apresentar para a cidade e para todos os participantes da festa. No entanto, havia uma preocupação de que a Festa Literária não se tornasse algo tão bairrista e, assim, a programação foi intercalada com escritores de outras cidades, fazendo com que outros agentes do mundo literário (editoras, bibliotecas, escritores) também conhecessem e participassem dessa integração. Segundo Antônio, existe até hoje uma luta do escritor pela valorização do seu trabalho na cidade, haja vista o próprio Solano Trindade. Antônio cita também Joãozinho da Goméia que levou muitos anos para ser reconhecido como uma figura importante da cidade. Apesar doa avanços, ainda há a necessidade de se fazer muita coisa.

De acordo com o professor Antônio, ele acredita que a cidade ainda tem uma dívida com Solano Trindade que é fazer o tombamento da casa a qual ele morou e transformar em casa museu, coisa que em sua gestão, não conseguiu.

> A ideia da festa era justamente usa-la para mostrar que a cidade conhece e reconhece e que quer promover essa cultura, não só literária, mas dialogando com outras manifestações culturais e é por isso que ao longo da sua programação tinha teatro, tinha música, tinha sarau, tinha cinema, tinha a Capa Comics, Carpalhau... A gente queria promover essa cultura. A Gente tinha a "Sol sem dó", eu me lembro que a companhia de palhaços "Sol sem dó" cresce com a Festa Literária. A própria Capa Comics cresce com a Festa Literária. Isso é uma das questões muito importantes. Agentes culturais, personagens importantes da nossa cidade crescem com a Festa Literária. O "Sol sem dó" e a "Capa Comics" tiveram em todas as edições. Isso é muito importante. Então, a festa nasce com esse objetivo eu posso afirmar olhando,

[28] Governo do Prefeito José Camilo Zito dos Santos Filho.

> que ela conseguiu atingir o objetivo. (Entrevista com professor Antônio Oliveira, em 11 de novembro de 2021).

Figura 1 - Apresentação da Cia Sol sem Dó em 23 de junho de 2016

Fonte: FESTA LITERÁRIA DE DUQUE DE CAXIAS, 2016a.

Com a Festa Literária, Antônio pretendeu além de dar mais visibilidade aos artistas, pesquisadores, escritores e professores da cidade, também divulgar o quanto ler pode ser prazeroso e ajudar na formação das crianças. A ideia era fortalecer os personagens ligados a literatura e promover uma celebração de tudo o que a biblioteca fazia durante o ano. A Festa era em si o resultado de uma caminhada e avanços que aconteciam anualmente, como por exemplo a gibiteca, que passou a ocupar o primeiro andar da biblioteca, entre outras conquistas da gestão do professor Antônio.

> A Festa Literária de Duque de Caxias é parte dessa política de Livro e Leitura da cidade. Essa política passa por quatro eixos, a democratização do acesso, a economia do livro, a promoção da leitura e a valorização institucional, que é onde entra a Festa Literária. Tem o objetivo de enriquecer a Festa de Santo Antônio e dar uma opção de cultura dentro do roteiro que essa festa nos apresenta há muitos anos. Era uma Festa exclusivamente religiosa, e hoje ela é praticamente uma festa Municipal, ela é um patrimônio da cidade. Aproveitando essa força, a Prefeitura nos proporcionou um espaço para promover a Leitura. Nesse espaço trabalhamos como democratização de acesso com distribuição de livros, mesas de debate, sessão de autógrafos, oficinas ligadas ao artesanato, como livros de pano, o balcão literário com livros em preços mais acessíveis (Entrevista com Antônio Oliveira, Coordenador da Biblioteca Municipal Leonel de Moura Brizola, em 13 de junho de 2014).

Figura 2 - Professor Antônio após uma atividade da programação da Festa Literária em 23 de junho de 2016

Fonte: FESTA LITERÁRIA DE DUQUE DE CAXIAS, 2016c.

O papel social da biblioteca estava além da organização da Festa Literária, mas também passava pelo apoio na organização de outras Bibliotecas Comunitárias, tais como de Olavo Bilac, Parada Morabi, Vila São Luiz, entre outras que foram organizadas em pelo menos 6 (seis) bairros a partir da articulação realizada no âmbito da Biblioteca Leonel de Moura Brizola. É substancial reforçar que não havia verba para que essas articulações ocorressem, deste modo, o professo Antônio buscava parceiros, como a Biblioteca Nacional e a Secretaria Estadual de Cultura, por exemplo, que fornecia acervo, e o próprio professor Antônio capacitava um grupo para colocar a Biblioteca para frente. Ou seja, tudo o que foi feito na Biblioteca Comunitária Solano Trindade, foi transformado em política pública na Biblioteca Municipal Leonel de Moura Brizola, visto que essas capacitações incluíam gestão do acervo, captação de recursos em editais entre outras.

Foram organizados eventos em locais que nunca havia ocorrido, como a I Festa Literária do Parque das Missões. Essas atividades iam acontecendo durante os anos, não era uma atividade da Festa Literária que acontecida durante a Festa de Santo Antônio em si. Essa Festa Literária era uma consequencia de uma articulação maior que acontecia ao longo do tempo com a valorização dos artistas locais e a ampliação do número de Bibliotecas Comunitárias na cidade de Duque de Caxias, resultando em uma rede de Bibliotecas Comunitárias.

Vale ressaltar que neste contexto de reformulação da “Feira Literária”, não se pode deixar de destacar a participação do escritor e cartunista Ziraldo que presenteou a festividade criando a marca do evento. De acordo com o material oficial distribuído na festa “*a nova marca é uma doação do artista, como reconhecimento à boa relação e o grande carinho que tem pela cidade de Duque de Caxias*” (Material de Divulgação – Programa da Festa de Santo Antônio, grifo nosso).

Figura 3 - Logo criada pelo Cartunista Ziraldo para a Festa de Santo Antônio

Fonte: FESTA..., 2014.

A política de leitura da Biblioteca era desenvolvida durante o ano e tudo o que era feito durante o ano, era levado para a Festa Literária que era uma culminância de todas essas ações. Não era o ano todo inerte e do nada fazia a Festa Literária. Existia toda uma construção para constituir a programação da Festa Literária na Festa de Santo Antônio. Vale ressalta que essa construção não era feita somente através das Bibliotecas Comunitárias nos bairros, mas também, dialogava com diversos outros movimentos, como as Igrejas, Movimento Negro, então era importante fazer com que a Biblioteca Municipal Leonel de Moura Brizola se apresentasse como protagonista do desenvolvimento de políticas públicas para Livro e Leitura. Com toda essa articulação, a FLUP (Festa Literária das Periferias) também aconteceu em Duque de Caxias. Aconteceram diversas atividades em que a FLUP levou escritores, incluindo grande nomes, como Zuenir Ventura, Rafal Montez, entre outros. Um dos

momentos mais importantes, segundo Antônio foi a FLUP Pensa, que se tratava do encontro de escritores da cidade com escritores conhecidos.

Deste modo, Antônio destacou que um dos principais objetivos era fazer com que a Festa Literária fosse uma referência na Baixada Fluminense. A cada ano a estrutura da Festa aumentava, sendo que no último ano em 2016, todo o quarteirão da Praça do Pacificador foi ocupado por atividades que envolviam a Festa Literária. Na primeira Festa foram ocupados quatro módulos na rua e na última chegou a ocupar o palco da boca pra fora do Teatro Municpal Raul Cortez, o primeiro piso da Biblioteca e ainda tinha um palco na frente. Chegava a acontecer cinco programações ao mesmo tempo e todos com público.

A Festa passou a receber tantos convidados que o segundo piso se tornou um camarim na última Festa. Ela se profissionalizou. Era o local onde os convidados tomavam um café, se credenciavam e tinham todas as orientações para a atividade a qual participaria, além de ser um local para que pudesse relaxar, conversar e aguardar.

Infelizmente a Festa Literária não teve continuidade nos anos seguintes, após a última edição do governo do Prefeito Alexandre Cardoso e que o professor Antônio Oliveira era Diretor da Biblioteca Leonel de Moura Brizola. De acordo com o professor Antônio, a descontinuidade de atividades em governos seguintes ocorrem porque não existe política pública definida. Tal fato poderia deixar de acontecer se já tivesse a aprovação do Plano Municipal de Livro e Leitura, onde havia a proposta de que a Festa literária se tornasse Lei, mas não se tornou. Essa iniciativa não tinha respaldo político pois não era traduzido em votos, não tinha apelo popular e nem era um atrativo político-eleitoral, de acordo com o professor Antônio. Isso fazia com que o professor Antônio enquanto gesto da Biblioteca Municipal Leonel de Moura Brizola e idealizador da Festa Literária se indispusesse com o Secretário de Cultura, com o Subsecretário de Cultura e, até mesmo, com o Prefeito da cidade.

Vale ressaltar que a Festa Literária aconteceu de forma espontânea e muito mais por uma vontade política da gestão por parte da Biblioteca Municipal Leonel de Moura Brizola do que propriamente de uma política de Estado. A grande questão que deve ser ressaltada é que havia uma vontade tanto do gestor da Biblioteca Municipal, bem como de agentes ligados à cultura, literatura e à rede de Bibliotecas Comunitárias formada no município, que a Festa Literária acontecesse frequentemente e não que fosse uma ação marcada em um governo específico, mas que se consolidasse como política pública. Outra questão substancial levantada pelo professor Antônio se refere à culminância da Festa Literária como resultado de um conjunto de ações realizadas ao longo do ano: esta é uma visão atual, não algo que ele conseguia ou planejava que fosse acontecer desta maneira na época. Rememorando toda a

história dos quatro anos que se passaram da Festa Literária, esta é uma reflexão latente em todo o discurso do professor Antônio.

> Não foi algo planejado. A gente não pensava assim: vamos fazer ações durante o ano para quando chegar na festa funcionar com uma culminância. Isso aconteceu de forma espontânea, a gente sentia isso. A gente via que era como se a gente tivesse que rodar a cidade pra que a cidade se encontrasse na festa. Isso aconteceu na prática. Isso aconteceu de fato. (Entrevista com professor Antônio Oliveira, em 11 de novembro de 2021).

De acordo com o professor Antônio, a Festa Literária somente aconteceu porque estava inserida no contexto da Festa de Santo Antônio. Em meio a tantos conflitos políticos, ela não aconteceria sozinha, mesmo com todo apoio popular e das outras Bibliotecas Comunitárias construídas a partir do apoio da Direção da Biblioteca Leonel de Moura Brizola. O que aconteceu de fato foi uma conjuntura propícia que teve início com a necessidade da Secretária de Comunicação de reformular a Festa de Santo Antônio que levou à oportunidade de realizar a Festa Literária, buscando apoios institucionais diversos que a levaram a crescer ao longo dos seus 4 (quatro) anos de realização. Então foi uma oportunidade de acontecerem atividades para quem participava da Festa de Santo Antônio no que Antônio chamou de "contra-horário", ou seja, as atividades da Festa Literária aconteciam ao longo do dia, enquanto havia uma programação diferenciada e já mais conhecida e tradicional na parte da noite, ao longo dos 4 (quatro) ou 5 (cinco) dias de festa, a depender do ano de realização, visto que a Festa de Santo Antônio em si começava por volta das 18h. Foi aí que a Festa Literária se encaixou perfeitamente na Festa de Santo Antônio.

A valorização de agentes da cidade, sejam no âmbito da cultura ou da educação são fatores muito importantes e de grande influência no que tange o desenvolvimento da cidade nesse sentido. Deste modo, sempre que possível, tais agentes são colocados em destaque nos eventos realizados na cidade.

> A gente pensava em priorizar a produção literária da cidade, a prioridade era protagonizar o potencial literário da cidade, articulando com escritores de outros lugares e até de outros estados. Eu volto a falar o seguinte: nós conseguimos o apoio para a Festa Literária, muito por conta da importância da Festa de Santo Antônio. Toda a estrutura que a Festa tinha, a gente tentava canalizar para a Festa Literária. O primeiro ano foi muito experimental, foi muito na tentativa de começar. A gente não tinha uma visão e noção nenhuma de como organizar, mas a gente pensou em uma estrutura de lançamento de livros, de bate-papos literários, de apresentações culturais, pautadas na literatura, oficinas literárias. Então a gente tinha uma estrutura que a gente começou no primeiro ano e seguiu nos outros anos. Os bate-papos faziam muito sucesso, eram temáticos: Fantasia, Literatura Infanto-Juvenil, Quadrinhos, por conta de sermos a terra da Capa Comics. Sempre tinha uma atividade voltada para os quadrinhos. Sempre tinha uma atividade musical, isso é

> muito importante. Sempre tinha uma peça teatral e sempre tinha uma intervenção de cinema. Então a gente pensava nessa estrutura: lançamento, bate-papo, música, teatro e cinema. A gente montou a primeira programação assim e no início nós pensamos numa programação em sequência: primeiro vai acontecer um bate-papo, depois um lançamento... Porque foi a primeira experiência. No segundo ano, a gente já conseguiu ampliar a estrutura da Festa. No segundo ano a gente já conseguiu, mesmo que fosse simbólico, trabalhar com cachê para os participantes. A gente conseguiu fazer com que alguns tivessem um apoio além só da oportunidade de mostrar o trabalho que isso é algo que a gente tem que lutar contra dentro do meio cultural e a gente começou a trabalhar com cachês simbólicos. E no terceiro ano, a verba pra Festa que vinha da organização junto com a Secretaria de Comunicação, começou a se ampliar um pouco e a gente conseguiu organizar diversas atividades em horários concomitantes. A gente tinha lançamento de livro, bate-papo, em vários ambientes ali da Biblioteca e da própria Praça do Pacificados. Nós construímos um público e isso foi muito importante. Nós construímos um público que consumia literatura, que participava da Festa e que já esperava a Festa. No terceiro ano, foi algo impressionante porque a gente tinha não só o apoio das Secretarias, que proporcionavam, por exemplo, participação de apoio da Festa que era como a gente chamava, caminhão da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado na época, caminhão da leitura da própria Secretaria de Educação de Duque de Caxias, que é a Biblioteca volante. Nós tínhamos apoio de outros instituições que fazia com que a programação da Festa ficasse de forma muito mais diversificada e isso foi um diferencial. No ano da FLUP em Duque de Caxias, ela se encerrou com uma atividade dentro da Festa Literária. (Entrevista com professor Antônio Oliveira, em 15 de novembro de 2021).

Figura 4 - Divulgação da Festa Literária de 2016 (Retirada do Facebook da Festa Literária)

Fonte: FESTA LITERÁRIA DE DUQUE DE CAXIAS, 2016b.

Vale ressaltar ainda que o próprio professor Antônio fazia a gestão das redes sociais da Festa Literária e tratar esta temática é substancial, sobretudo se considerarmos o momento que estamos vivenciando com a pandemia da COVID-19.

Com a mudança de governo no ano de 2017, o professor Antônio deixou de ser o Diretor da Biblioteca Leonel de Moura Brizola e ocorreram muitas mudanças na Festa de

Santo Antônio. Uma delas foi acabar com a Festa Literária. Além das memórias de quem vivenciou e construiu os quatro anos da Festa Literária, ficou também uma página no Facebook com todos os registros, programação, vídeos e tudo o que a rede social permitiu que ficasse ali registrado. A memória da Festa Literária transcendeu os suportes materiais de registro e ficaram preservadas no ciberespaço através do Facebook. Deste modo, o Facebook se transformou em um lugar de memória, ressignificando o conceito de Pierre Nora (1993) e apresentando o ciberespaço como um lugar possível de registro de memórias.

É claro que devemos considerar este um lugar que, apesar de comum no mundo contemporâneo, também um lugar mais sensível a perdas, por quedas de servidores, ou mesmo o fim da rede social, como já aconteceu com o Orkut em 2015 e todos tiveram um tempo para recuperar as suas informações. Quem não recuperou no prazo estipulado, simplesmente perdeu tudo o que havia sido armazenado naquela rede social pois o Google apagou de seu banco de dados.

Na página da Festa Literária, que hoje se chama Literatura Caxiense, é possível encontrar centenas de fotos e postagens que são justamente o registro dessa memória. O nome da página mudou de Festa Literária para Literatura Caxiense. A gestão seguinte não pegou a página para administrar apensar do professor Antônio ter oferecido por diversas vezes para a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. Mas eles não continuaram com a Festa e continuou com o professor Antônio que deixou um tempo parada aguardando se em algum momento eles pegariam. Como não aconteceu, para movimentar, ele mudou o nome para Literatura Caxiense.

Deste modo, considero o espaço da web como um espaço efetivo de recordação, que podem ser redes sociais, as chamadas nuvens, e-mails, entre tantas outras formas de usos desse espaço, que foi certamente muito mais explorado durante a pandemia da COVID-19 que teve início em 2020 e ainda em 2022 nos encontramos muito frágeis à ela, apesar da vacinação e avanços da ciência. A pandemia que obrigou muitos a ficarem meses e até mais de um ano em casa, fez com que muitas empresas optassem pelo distanciamento social e o trabalho remoto, fazendo com que fosse também um espaço de reinvenção de sua forma de utilização e armazenamento. O mundo precisou aprender a usar todas as ferramentas da web muito rapidamente para que pudesse funcionar, o que fez com que muitas empresas optassem por adotar o home office de forma definitiva.

> Há muito tempo, a informação é acessada por intermédio da leitura, produzindo o conhecimento. Em consequência do surgimento das novas tecnologias da

> informação, houve mudanças sociais que impactaram os meios de transmissão de informação.
> Novas formas de interação surgiram, subvertendo as noções tradicionais de tempo-espaço e causando novos paradigmas relacionados com a construção do conhecimento. A cognição depende de interação social, pois, a troca de experiências, informações e conhecimentos faz parte da construção dos significados é intermediada pela linguagem. Neste processo, ressalta-se o papel da escrita, que tem a função de armazenar, preservar e comunicar as informações no tempo e no espaço. (ALVES, 2011, p. 94)

Sendo assim, a página da Festa Literária ainda existe e continua sob administração do professor Antônio. Ele mudou o nome para Literatura Caxiense e segue alimentando a página com informações sobre a literatura da cidade, parceiros, lançamentos. Tal fato, nos leva a questionar e refletir acerca das políticas para Livro e Leitura nas cidades. No caso de Duque de Caxias, estamos tratando de uma Metrópole, com um dos maiores Produto Interno Bruto do Estado e uma população que beira um milhão de habitantes. Ainda assim, algumas questões tão essenciais parecem não ter destaca e serem praticamente varridas para debaixo do tapete. É fundamental refletir e questionar acerca das descontinuidades de projetos bem-sucedidos com o fim de governos. O final de um governo não pode significar o final de ações desenvolvidas em prol da população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado é o resultado de uma construção da pesquisa acadêmica onde busquei compreender as múltiplas relações existentes na Festa de Santo Antônio na cidade de Duque de Caxias e a Festa Literária que aconteceu dentro desta comemoração. O fato de uma festa acontecer dentro de outra festa pareceu interessante e intrigante e tivemos como principal narrador o professor Antônio Oliveira, que foi Diretor da Biblioteca Leonel de Moura Brizola entre os anos de 2013 e 2016, ou seja, os quatro anos de realização da Festa Literária, visto que não houve interesse por parte da atual gestaõa em dar continuidade a esta atividade.

Antes de entrar nas considerações sobre a Festa Literária especificamente, considero substancial fazer alguns apontamentos sobre as festas de santos e santas, notoriamente a Festa de Santo Antônio realizada há mais de 50 anos em Duque de Caxias.

Deste modo, no capítulo inicial optei por uma breve construção história da cidade, sobretudo através de referências de pesquisadores que se debruçam em pesquisar a história da Baixada Fluminense, tais como Alves (2003), Braz e Almeida (2010) e Souza (2014b). A região onde hoje se localiza a cidade de Duque de Caxias teve seu processo de ocupação ainda no período colonial, tendo se destacado como importante local de passagem pela proximidade com o Rio de Janeiro. A proximidade com os rios, além da conexão que proporcionava o escoamento do ouro, propiciou o processo de ocupação. Sua relevância como cidade se manteve na transição do rural para o urbano, sobretudo abrigando grandes contingentes populacionais provenientes de ondas migratórias. Entretanto, o crescimento demográfico e urbano vem ocorrendo de modo desordenado, sofrendo ainda nos dias atuais com questões que antecedem sua emancipação, ocorrida no ano de 1943, tais como, falta de saneamento básico, violência, precariedade nos meios de transporte e desvalorização da educação e saúde no município. Além disso, no campo do poder político, a partir dos anos 1900 e durante muitos anos, imperou o coronelismo, o autoritarismo e a violência, com destaque para personagens que ficaram nacionalmente conhecidos como Tenório Cavalcanti, conhecido como “o Deputado pistoleiro”. Apesar disso, a cidade apresentou crescimento econômico significativo. De acordo com dados do IBGE[63], em 2014 o Produto Interno Bruto estava em vigésimo oitavo lugar se comparado a outros municípios do estado do Rio de Janeiro. Tal fato pode ser justificado pelo grande número de empresas e indústrias no município, inclusive a consolidação da Refinaria Duque de Caxias (REDUC) o que gerou emprego e renda principalmente por conta dos royalties do petróleo.

O segundo capítulo teve em seu centro a festa de Santo Antônio, bem como a construção da trajetória do santo e de seus devotos. A opção aqui foi focalizar o tema do ponto de vista da Memória Social, ou seja, da construção da tradição da festa, da trajetória do santo e da devoção na cidade de Duque de Caxias. Posteriormente, foi realizada uma pesquisa sobre o mesmo tema em Lisboa, Portugal, o que possibilitou algumas comparações, principalmente sobre a relação desta festa popular com ambas as cidades em suas especificidades.

Podemos afirmar a existência de uma multiplicidade religiosa brasileira que aponta para um universo repleto de conflitos que passam das possíveis relações individuais das pessoas e alcançam os níveis estatísticos. Neste sentido, cabe aqui destacar uma questão importante: apesar desta queda significativa e irreversível do catolicismo no Brasil, os dados apontam que ainda há predominância da religião católica e as festas religiosas mantem seu lugar de destaque. Tais festas podem ser consideradas significativas em âmbito nacional, que mantém um calendário oficial de comemorações religiosas os quais são considerados inclusive feriados nacionais, destacando-se as datas da Paixão de Cristo, Páscoa, Corpus Christi, Nossa Senhora Aparecida (considerada a Padroeira do país) e o Natal. Não pretendo com este trabalho tratar profundamente de tais questões, mas considero que tal informação seja significativa para uma compreensão do cenário vivenciado no Brasil nas últimas décadas.

Essas festas que podem ser conceituadas como "*festas de santos e santas"* estão inseridas no contexto das "festas populares". Estas festas são destinadas "*a celebrar um santo e, através da celebração, capturar e reter favores divinos para o indivíduo ou para a comunidade que a comemoram; mantendo aberto um canal de comunicação entre o santo e os devotos; o Céu e a Terra*" (MENEZES, 1996, p. 15, grifo nosso). As festas de santos no país podem ser consideradas expressões da vitalidade do catolicismo, apesar do crescente número de pessoas que se declaram evangélicas. Trata-se de fenômenos devocionais que ocorrem em diversas regiões do país de acordo com calendários municipais, estaduais e federal. De acordo com Renata Menezes, estas comemorações consistem em "festas populares" onde está em jogo, "*o poder de convocação e agregação do santo padroeiro e dos organizadores dos festejos, bem como das redes de apoio externas ao espaço ritual acionadas para sustentar a celebração*" (MENEZES, 2004, p. 16, grifo nosso).

No caso da Festa de Santo Antônio na cidade de Duque de Caxias, por ser um santo tão popular e ter uma festa que ocorre há décadas, é notório perceber que suas nuances mudam, sejam motivadas por questões políticas, econômicas, sociais ou culturais. O tempo-espaço específico tratado neste trabalho aponta para uma valorização de agentes culturais na cidade, de uma forma diferenciada, com apresentações teatrais, lançamentos de livros,

atrações pedagógicas, entre outras ações, que motivaram outros públicos e movimentaram a festa de outras maneiras.

O último capítulo teve como base três entrevistas realizadas com o professor Antônio Oliveira: a primeira em 2014 durante a Festa de Santo Antônio e a Festa Literária, a segunda realizada no dia 11 de novembro de 2021 e a última realizada no dia 15 de novembro de 2021. Durante as últimas entrevistas com o professor Antônio eu tive a percepção de que seria necessário modificar uma boa parte do trabalho e trazer o discurso de quem fez a Festa Literária acontecer. Me intrigou conhecer melhor o idealizador desta "Festa dentro da Festa", a qual eu tive a oportunidade de participar em virtude da pesquisa de campo para a minha Tese de Doutorado. Confesso que ver o professor Antônio levantar questões que eu vivenciei enquanto atuei como Coordenadora do Teatro Municipal Raul Cortez entre 2011 e 2012 e saber que 10 anos depois ainda não foram solucionadas, como é o caso do Plano Municipal de Livro e Leitura é bastante angustiante. A tradição de descontinuidade de ações de governos anteriores refletem uma política do atraso e abandono, fazendo com que alguns agentes culturais locais acabem por fazer um esforço ainda maior para que a cultura da cidade possa girar.

Neste sentido, a Festa Literária foi um ganho para a cidade. E uma breve análise das redes sociais, é perceptível que ao longo dos anos ganhou corpo e construiu um público em um horário que a Festa de Santo Antônio em si, não propunha nenhuma atividade, visto que estas aconteciam à noite e acabavam por se limitar à programação religiosa (sagrado) e shows e algumas atividades tradicionais, além de barracas de alimentos que, em geral, pertenciam a comerciantes de diversos locais e que são profissionais para estas atividades em si – muitos deles tem barracas na Festa de Santo Antônio de Duque de Caxias, na Festa de Santo Antônio de Nova Iguaçu, entre outras, concomitantemente – não tendo um compromisso especificamente com a cidade.

Deste modo, é substancial destacar alguns aspectos referentes à Festa de Santo Antônio de Duque de Caxias como um todo:

1- A expressiva relação que a população vem estabelecendo com as comemorações da cidade, onde se inclui a Festa de Santo Antônio e a Festa Literária nos anos em que aconteceu (2013 à 2016);

2- A construção das memórias da Festa de Santo Antônio a partir de três enfoques.

No primeiro, parte-se do conceito de "lugares de memória" (Nora,1993) para sinalizar aspectos tanto materiais quanto imateriais dos processos de memoração. No primeiro caso, podemos citar a Catedral de Santo Antônio, como referência material e suporte para a evocação das memórias dos devotos. No segundo caso, podemos citar a Festa em si como manifestação cultural e lugar de construção e de afirmação da tradição devotada ao santo. Analisamos como são construídos espaços de recordação que mobilizam memórias individuais e coletivas por meio da emoção e da afetividade. Já no segundo enfoque, retomamos a clássica conceituação de Maurice Halbwachs (2006) acerca dos da relação entre a "memória individual" e a "memória coletiva", relacionando lembranças individuais, de grupos e, até mesmo do espaço físico da Catedral e da Festade Santo Antônio propriamente dita com a construção de "memórias coletivas" em torno da figura do santo. O terceiro enfoque concentra-se em explorar os processos e efeitos da construção hagiográfica de santo Antônio na construção dos devotos e da devoção no caso específico da festa em Duque de Caxias;

3- A relevância da criação da Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti, que se tornou independente da Diocese de Petrópolis. Tal fato se consolidou por diversos motivos, entre eles: a distância de Petrópolis da Baixada Fluminense, o que muitas vezes impossibilitava uma presença mais consistente do Bispo e o trabalho realizado pela Paróquia de Santo Antônio que se valorizou e conquistou respeito e credibilidade tantopela população quanto pela Igreja;

4- O papel da Programação Religiosa da Festa de Santo Antônio em Duque de Caxias como o grande fio condutor que impulsiona e justifica a realização desta comemoração.Tem seu início com a Trezena de Santo Antônio no dia 31 de maio terminando no dia 12 de junho, comemorado o Dia dos namorados no Brasil. A Trezena é frequentada pordevotos que peregrinam até a Igreja todos os dias para as missas, estudos sobre Santo Antônio, pedidos, pagamento de promessas entre outros atos atribuídos à fé dos devotos. No dia 12 de junho, a Igreja realiza missa de reafirmação do amor onde os casais afirmam seus votos e participam do jantar dos namorados. O dia 13 de junho encerra a Programação Religiosa com missas, distribuição dos pães de Santo Antônio, momentos de confissões individuais e a procissão como ponto alto de toda a festividade. Este momento final ocorre na

tarde do dia 13 de junho, quando a imagem de Santo Antônio deixa a Igreja e percorre o centro comercial da cidade, seguido por membros da Igreja e devotos que fazem sua peregrinação em oração, afetividade, agradecimento, pedidos e emoção. O Santo retorna para a Igreja que já está repleta de fieis aguardando com o intuito de não perderem seu lugar na missa mais aguardada de toda a comemoração. O momento em que a imagem de Santo Antônio retorna para a Igreja é repleto de aplausose emoção, reafirmando a vitalidade do catolicismo na cidade;

5- A relação entre os devotos e o Santo Antônio, incluindo as senhoras que organizam a festa, os pagadores de promessas, os fiéis que frequentam constante ou eventualmente a Paróquia. Estas relações são múltiplas com destaque para os fiéis que fazem seus pedidos, pagam promessas, agradecem ou mesmo adoram a imagem de Santo Antônio. As relações de fé durante a Festa de Santo Antônio se tornam ainda mais latentes.

6- A relação devoto-devoção pode ir além do que é pregado oficialmente pela Igreja. As relações de fé podem se estabelecer tanto pelas virtudes do santo exaltadas pela Igreja, quanto pelas crenças populares. Um exemplo clássico se refere a uma das referências mais populares à Santo Antônio: a do santo casamenteiro. Esta crença leva os devotos que buscam um relacionamento a infligir castigos ao santo até que se consiga um namoro. Estes castigos podem ser de variados tipos: colocar o santo de cabeça para baixo em copo de água, virar o santo para a parede, retirar o menino Jesus de seus braços, entre outros.

7- A realização da Festa Literária, que construiu um público próprio e foi realizada a partir de uma construção maior, que envolveu uma Rede de Bibliotecas Comunitárias, bem como outros parceiros, sejam governamentais ou não, crescendo e construindo seu público próprio em horários os quais não haviam atividades relativas à Festa de Santo Antônio em si. A Festa Literária foi realizada em meio a muitos conflitos e relações de poder e teve seu encerramento junto com o encerramento do governo do Prefeito Alexandre Cardoso, ficando como lugar de memória sua página no Facebook que também não foi assumida pela gestão seguinte, sendo mantida até os dias atuais pelo professor Antônio Oliveira.

8- O fato do Plano Municipal do Livro e Leitura estar há 10 anos em discussão na cidade e não sair do papel pode ser considerado um atraso tanto para políticas de leitura da cidade, bem como para a cultura como um todo.

A participação como observadora da Festa foi fundamental para compreender algumas questões apontadas pelo professo Antônio, mesmo que na época, meu enfoque fosse outro e a Festa Literária tenha passado pela minha Tese sem a sua devida profundidade e seus devidos questionamentos. Questionamentos que certamente não foram resolvidos com este trabalho e nem o pretendo fazer. Quando se trata de política pública, troca de governos, infelizmente lidamos com tentativas de apagamentos de memórias de realizações bem-sucedidas de governos anteriores, como foi o caso da Festa Literária.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. Cultura popular: um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha; SOIEHT, Raquel (Orgs.). **Ensino de história, conceitos, temáticas e metodologias**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 83-102.

ABREU, Regina. **Cartografando o Rio de Janeiro e seus museus**: notas sobre a etnografia dos percursos. 2009. Trabalho inédito.

ABREU, Regina. Entre a nação e alma: quando os mortos são comemorados. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 205-230, 1994.

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ABREU, Regina. Museus Etnográficos e Práticas de Colecionamento: Antropofagia dos sentidos. In: CHAGAS, Mario de Souza (org.) **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional** - ***Museu:*** antropofagia da memória e do patrimônio. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, n° 31, 2005. p. 100-125.

ABREU, Regina. Tal Antropologia, qual museu? *In:* ABREU, Regina; CHAGAS, Mario de Souza, SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. (orgs.) **Museus, coleções e patrimônios:** Narrativas Polifônicas. Rio de Janeiro: Garamond, MinC/IPHAN/DEMU, 2007. p. 121-143.

ABREU, Regina. Patrimônios Etnográficos e Museus: uma visão antropológica. *In:* ABREU, Regina; DODEBEI, Vera (org.). **E o Patrimônio?** Rio de Janeiro: Contra Capa: Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2008. p. 33-57.

ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

ABREU, Regina; OLIVEIRA, Renata de Almeida. Museus, narrativas e memória coletiva no Rio de Janeiro. In: LIMA FILHO, Manuel; ABREU, Regina; ATHIAS, Renato. **Museus e Atores sociais: perspectivas antropológicas**. Recife: Editora UFPE, 2016. p. 111-133.

ALVES, Marroni. **Marroni Alves fala sobre o Dia da Baixada Fluminense. Diário do Rio,** 2020. Disponível em: https://diariodorio.com/marroni-alves-fala-sobre-o-dia-da-baixada-fluminense/

ALVES, C. D. Informação na twittosfera. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 9, n. 1, p.92-105, jul./dez. 2011.

ALVES, José Claudio Souza. **Dos barões ao extermínio**: uma história da violência na Baixada Fluminense. Duque de Caxias, RJ: APPH: Clio, 2003.

BAHIA, Joana. Exu na mouraria: a transnacionalização das religiões afro-brasileiras e suas adaptações, trocas e proximidades com o contexto português. **MÉTIS**: história & cultura, Caxias do Sul, RS, v. 14, n. 28, p. 111-131, jul./dez. 2015.

BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim por volta de 1900. In: BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 2000a. (Obras Escolhidas, 2).

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 2000b. p.103-149. (Obras Escolhidas, 3).

BERCKENBROCK, Volney J. **A experiência dos Orixás**: um estudo sobre a experiência religiosa do candomblé. Petrópolis: Vozes, 1998.

BESSEN, José Artulino. **Antônio**: o santo do povo. 4. ed. Florianópolis: Editora Mundo e Missão, 2011.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 09 jul. 2013.

BRASIL. Decreto-Lei nº 37, de 2 de dezembro de 1937. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 4 dez. 1937. Seção 1, p. 3. Disponível em: http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=103167. Acesso em: 11 dez. 2016.

BRAZ, Antonio Augusto; ALMEIDA, Tania Maria de. **De Merity a Duque de Caxias**: encontro com a história da cidade. Duque de Caxias, RJ: APPH: Clio, 2010.

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades**: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CALABRE, Lia. **Políticas culturais no Brasil**: dos anos 1930 ao século XXI. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

CAMPOS, Joaquim Pinto de. **Vida do grande cidadão brasileiro Luiz Alves de Lima e Silva**: Barão, Conde, Marquês, Duque de Caxias. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1939. (Biblioteca Militar, v. XX-XXI).

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. 1. ed. digital. São Paulo: Global, 2012.

CASTRO, Celso. **A invenção do exército brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. As grandes festas. *In*: SOUZA, Marcio de; WEFFORT, Francisco (Org.). **Um olhar sobre a cultura brasileira**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Ministério da Cultura, 1998. p. 293-311.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O mundo invisível**: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo. Rio de Janeiro: Centro Eldestein de Pesquisas Sociais, 2008.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Os sentidos no espetáculo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 37-78, 2002.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.

CHAUÍ, Marilena. **Mito Fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Pereseu Abramo, 2000.

CIDADE do Imaculado Coração de Maria. Fátima: Indugráfica, [2004].

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FESTA LITERÁRIA DE DUQUE DE CAXIAS. **Apresentação da Cia Sol sem Dó.** Duque de Caxias, 23 abr. 2016a. Facebook: Festa Literária de Duque de Caxias. @literaturacaxiense. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1731696143767941&set=pcb.1731697470434475. Acesso em: 01/04/2023.

FESTA LITERÁRIA DE DUQUE DE CAXIAS. **Divulgação da Festa Literária de 2016.** Duque de Caxias, 01 jun. 2016b. Facebook: Festa Literária de Duque de Caxias. @literaturacaxiense. Disponível em: https://www.facebook.com/Literaturacaxiense/photos/a.1559204117683812/1722867794650776/. Acesso em: 01 abr. 2023.

FESTA LITERÁRIA DE DUQUE DE CAXIAS. **Professor Antônio após uma atividade da programação da Festa Literária.** Duque de Caxias, 23 abr. 2016c. Facebook: Festa Literária de Duque de Caxias. @literaturacaxiense. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1731671763770379&set=pcb.1731671987103690. Acesso em: 01/04/2023.

FESTA de Santo Antônio. [2014?]. Pinterest: Resultado de imagem para Festa de Santo Antonio Caxias, de Ediê Câmara. Disponível em: https://br.pinterest.com/pin/498914464961092328/. Acesso em: 01 abr. 2023.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**: formação do patronato político brasileiro. 13. ed. São Paulo: Globo, 1998.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario. **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2009. p. 59-79.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario. **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2009. p. 25-33.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [Rio de Janeiro], [2015]. Disponível em: http://www.ibge.gov.br. Acesso em: 29 abr. 2017.

IMPUNIDADE na Baixada Fluminense. [Rio de Janeiro: CESEC/UCAM], 2005. Publicação produzida pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESEC/UCAM) em parceria com FASE - Educação e Solidariedade, Justiça Global, Laboratório de Análise da Violência da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (LAV/UERJ), S.O.S Queimados e Viva Rio.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1992.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LIMA, Daniel. Censo: o perfil religioso do país. **O Globo**, Rio de Janeiro, [29 abr. 2015]. Disponível em: http://oglobo.globo.com/infograficos/censo-religiao. Acesso em: 29 abr. 2015.

LOUSADA, Gabriel. Desastres ambientais, prevenção e mitigação: um estudo de caso da região de Angra dos Reis/RJ. 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Divisao-Regional-do-Estado-do-Rio-de-Janeiro-com-o-municipio-de-Angra-dos-Reis_fig2_304534309

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O (bom e velho) caderno de campo. **Revista Sexta-feira**, São Paulo, v. 1, 1997.

MARQUES, Alberto. **Blog do Alberto Marques**: bastidores políticos da Baixada Fluminense. 2015. Disponível em: http://albertomarques.blogspot.com.br/. Acesso em: 12 jun. 2017.

MATTOS, Theóphilo Antônio da Rocha (Org.). **História de uma nova igreja –** Jubileu de prata da Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti. Duque de Caxias, RJ: Renascer, 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NUNES, Pedro Sol de Abreu. **Uma experiência audiovisual no Museu Vivo do São Bento**: construção e ressignificação de um lugar na memória. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia e Meio Ambiente)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Cidade**: história e desafios. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

OLIVEN, Ruben George. Patrimônio intangível: considerações iniciais. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario. **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2009. p. 80-82.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestão para a investigação do comportamento humano no meio urbano. *In:* VELHO, Otávio G. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, [1967]. p. 25-66.

POMIAN, Krzysztof. Colecção. *In:* ENCICLOPÉDIA Einaudi: Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. v. 1. p. 51-86.

POMIAN, Krzysztof. Memória. *In:* GIL, Fernando. **Enciclopédia Einaudi**: Sistemática. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2000. v. 42. p. 507-516.

RIO DE JANEIRO: o portal da cidade maravilhosa. c2017. Disponível em: http://www.oriodejaneiro.com/baixadafluminense-htm/. Acesso em: 12 jun. 2017.

RODRIGUES, Neide dos Santos. O candomblé e a cultura afrobrasileira. **Revista Tel**: Tempo, Espaço e Linguagem, Irati, PR, v. 1, n. 2, p. 103-110, mai./ago. 2010.

SANCHIS, Pierre. **Arraial**: festa de um povo: as romarias portuguesas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983. (Portugal de perto, 3).

SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai**: escravidão e cidadania na formação do exército. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. v. 1.

SANT´ANNA, Marcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario. **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2009. p. 49-58.

SILVA, Milton Vieira da. **Festas populares e suas origens**. Curitiba: A.D.Santos Editora, 2003.

SOUZA, Adriana Barreto de. **Duque de Caxias**: o homem por trás do monumento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SOUZA, Adriana Barreto de. **O exército na consolidação do Império**: um estudo histórico sobre a política militar conservadora. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

SOUZA, Joaquina Pereira de. **Simpatias de Santo Antônio casamenteiro**: mais de 1.000 simpatias infalíveis, para arrumar casamento e ser feliz. 4. ed. Rio de Janeiro: Eco, [1997?].

SOUZA, Marlucia Santos de. **Escavando o passado da cidade**: história política da cidade de Duque de Caxias. Duque de Caxias, RJ: APPH: Clio, 2014b.

VAINFAS, Ronaldo. Santo Antônio na América portuguesa: religiosidade e política. **Revista USP**, São Paulo, n. 57, p. 28-37, mar./mai. 2003.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.